

**A CIDADANIA DOS DESPOSSUIDOS:
SEGREGAÇÃO E PENTECOSTALISMO**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA COMO
EXIGENCIA PARA OBTENÇÃO DO
TÍTULO DE MESTRE EM GEOGRAFIA,
A BANCA EXAMINADORA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SOB
A ORIENTAÇÃO DA PROF^a DR^a
MARIA ADÉLIA APARECIDA DE
SOUZA.

SÃO PAULO

1992

Para

O bom e velho Peixe.

"Pois eu transformo água em
vinho, chão em céu, pau em
pedra e cuspe em mel. Pra mim
não existe impossível.

Pastor João e a Igreja
Invisível".

(Raul Seixas)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de um trajeto longo e muitas vezes difícil; sua realização é devida a um esforço tanto de estímulo e solidariedade expresso de diferentes formas.

Agradeço a Maria Adélia pela orientação competente, amiga e entusiasta; a receptividade dos evangélicos que sempre se dispuseram a colaborar com minha pesquisa (apostavam que ao final estaria convertido); aos companheiros do SINDBAST que souberam compreender meu trabalho se dispondo a cobrir minha ausência sempre que necessário, em especial ao Geraldo, tesoureiro que muito entende de Psicanálise e de Reich, e ao seu presidente "Alemão", batalhador pela sua classe; aos companheiros do NAE-3 que ousaram sonhar com uma educação mais generosa, particularmente ao Wilsão da xerox (por vezes clandestina) e à Manuela, atenta revisora e amiga; ao pessoal da Secretaria da Geografia, Fumiko e Aninha pela atenção e carinho; a minhas alunas Alessandra e Luciana que despertaram a possibilidade deste trabalho; ao Zé Fernandes que acreditou que este trabalho fosse possível; aos professores que compuseram minha banca de qualificação, Milton Santos e Lucrecia Ferrara pelas valiosas considerações e sugestões.

Este trabalho foi realizado com auxílio financeiro

da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, a quem também agradeço.

Finalmente, esta pesquisa é o resultado de um trabalho sempre coletivo daqueles que no transcorrer de nossa vida se tornaram imprescindíveis. E, como diz Brecht, "imprescindíveis são aqueles que lutam".

INDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPITULO I: CONSTRUINDO O CONHECIMENTO	10
GEOGRAFIA, GEOPOLITICA E RELIGIAO	14
ESPAÇO E SOCIEDADE	16
RELIGIAO E PODER	18
SEGREGAÇÃO NA CIDADE	24
PUBLICIDADE E CIDADANIA	25
CIDADANIA, RELIGIAO E ESPAÇO GEOGRAFICO	27
CAPITULO II: NA COMPREENSAO, DISTINTAS ABORDAGENS: SOCIOLOGIA, PSICOLOGIA E RELIGIAO	32
AS FORMAS ELEMENTARES DO PENSAMENTO RELIGIOSO: DURKHEIM E A RELIGIAO	32
A CRITICA DE MARX A RELIGIAO	37
FREUD: A RELIGIAO COMO NEUROSE	49
REICH E A RELIGIAO	57
A RELIGIOSA PSICOLOGIA DE JUNG	62
CAPITULO III: PENTECOSTALISMO: OS AGENTES DO PODER	70
O PROTESTANTISMO NORTE AMERICANO	72
PENTECOSTALISMO NA AMÉRICA LATINA	75
OS AGENTES DO PODER	91
CAPITULO IV: FREGUESIA DO O: CARENÇIA E SEGREGAÇÃO	94
RESISTENCIA E EXCLUSAO: A SEGREGAÇÃO NA FREGUESIA DO O ..	97
PROPRIEDADE FUNDIARIA: OS LOTES DO JARDIM DAMASCENO ..	112
JARDIM DAMASCENO: ASCENÇÃO E QUEDA DE UM MOVIMENTO POPULAR	118
OS FENTECOSTAIS NO JARDIM DAMASCENO	125
OS AGENTES DO PODER: A ATUAÇÃO NA FREGUESIA DO O	129
CAPITULO V: PENTECOSTALISMO E CIDADANIA	141
CIDADANIA, INDIVIDUALISMO E PENTECOSTALISMO	144
CONSUMO E PENTECOSTALISMO	152
SAUDE E PENTECOSTALISMO	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
BIBLIOGRAFIA	186

INDICE DE FOTOS

FOTO 1:	IGREJA DA MATRIZ DA FREGUESIA DO O	98
FOTO 2:	CASAS EM ESTILO COLONIAL NO LARGO DA MATRIZ	98
FOTO 3:	FAVELA OCUPANDO AREA ORIGINARIAMENTE DESTINADA AO LAZER	105
JTO 4:	VISAO GERAL DO LOTEAMENTO DO JARDIM DAMASCENO	.105
JTO 5:	TRABALHO DE CONTENÇÃO DE ENCOSTAS	119
FOTO 6:	MORADIAS EM TERRENO DE ALTA DECLIVIDADE	119
FOTO 7:	E.M.P.G. JOAO AMOS	126
FOTO 8:	E.M.P.G. TEOTONIO VILELA	126
FOTO 9:	IGREJA DEUS É AMOR AO LADO DE IGREJA CATOLICA EM CONSTRUÇÃO	128
FOTO 10:	IGREJA ARMADURA DE DEUS	128
FOTO 11:	IGREJA PENTECOSTAL DO POVO UNIDO	151
FOTO 12:	MULHER PENTECOSTAL	151
FOTO 13:	IGREJA PENTECOSTAL PRIMITIVA CASA DE CRIAÇÃO	164
FOTO 14:	ESPAÇO GOSPEL DA IGREJA EVANGÉLICA CRISTO É A PAZ	164

INDICE DE GRAFICOS

GRAFICO 1: COMPOSIÇÃO DAS RELIGIÕES NO BRASIL	7
GRAFICO 2: SALARIO MÉDIO REAL EM SÃO PAULO	104
GRAFICO 3: IGREJAS PENTECOSTAIS EM 1990 (MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, FREGUESIA DO O E JARDIM DAMASCENO)	130
GRAFICO 4: POPULAÇÃO OCUPADA POR CLASSE DE RENDIMENTO ...	134

INDICE DE MAPAS

MAPA 1:	MUNICIPIO DE SAO PAULO - LOCALIZACAO DA FREGUESIA DO O	95
MAPA 2:	O BAIRRO DA FREGUESIA DO O : SEUS LIMITES	99
MAPA 3:	FREGUESIA DO O: OCORRENCIA DE FAVELAS	102
MAPA 4:	FREGUESIA DO O: CONSUMO PER CAPTA DE AGUA DA REDE PUBLICA	107
MAPA 5:	FREGUESIA DO O - MORTALIDADE INFANTIL	108
MAPA 6:	FREGUESIA DO O - POPULACAO DE BAIXA RENDA	109

ANEXOS

ANEXO I: PICHADAÇÃO EVANGÉLICA NO MURO DO INAMPS	220
ANEXO II: PANFLETO PARA ARRECADAÇÃO DE DONATIVOS DA IGREJA MINISTÉRIO PAZ E VIDA	221
ANEXO III: PANFLETO PARA ARRECADAÇÃO DE DONATIVOS DA IGREJA MINISTÉRIO PAZ E VIDA	222
ANEXO IV: ENVELOPE PARA ARRECADAÇÃO DE DONATIVO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	223
ANEXO V: CALENDÁRIO DE ATENDIMENTO DA IGREJA O BRASIL PARA CRISTO	224

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma contribuição para a análise da questão da cidadania entre parcelas da população que vivem em um espaço segregado e que constroem aí seu próprio espaço social em uma disciplina que interessa ao Estado. Trata-se do estudo das Igrejas que constituem o chamado Pentecostalismo autônomo, inseridas na Região da Freguesia do O, Zona Norte de São Paulo. A delimitação temporal do estudo são os anos 80, quando o governo norte americano pôs em ação seus planos Santa Fé I e II e houve a conseqüente aceleração do crescimento do pentecostalismo autônomo em toda América Latina.

Os motivos que nos levaram a estudar esse bairro e seu entorno foram:

1º Trabalhando no bairro como professor, houve a possibilidade de um contato direto com diferentes grupos sociais de moradores. O grupo dos pentecostais nos chamou a atenção de modo particular por dedicar grande quantidade de seu tempo livre às igrejas, ao invés de participarem de algum movimento organizado de reivindicações, já que viviam uma situação de muitas carências. Durante as aulas, qualquer debate que se referisse a uma postura crítica diante da sociedade era rechaçada por esse grupo de alunos pentecostais que considerava as questões sociais como uma

preocupação de Deus.

Em trabalhos com alunos, por diversas vezes fizemos estudos de meio, de acordo com as propostas de DELCOFF (1986)¹, e constatou-se grande quantidade de igrejas pentecostais que surgiam em locais onde antes, eram apenas garagens. O aumento de igrejas coincidia com a aproximação das áreas mais periféricas da Freguesia do O: quanto mais longe do centro, quanto maior a pobreza, mais igrejas pentecostais apareciam.

29 Face ao interesse despertado, procuramos conhecer melhor o bairro e constatamos que a Freguesia do O era a região de São Paulo com maior concentração de favelas. (JORNAL DA TARDE, 14.01.79) e com grande quantidade de ruas sem calçamento, esgoto a céu aberto, péssimas condições de infra-estrutura em geral, apesar de ser o mais antigo bairro de São Paulo (DIÁRIO POPULAR, 21.08.84).

As condições sociais da população demonstravam ser a Freguesia um bairro que possuía um centro em ascensão econômica, recebendo parcelas médias baixas da população, que vinham de bairros mais centrais e que ocupavam principalmente os edifícios construídos ao redor da Igreja Matriz. Na medida em que nossa sondagem se dirigia à

1- Neste livro, a autora procura resgatar o cotidiano e inseri-lo no currículo escolar, entendendo que a realidade próxima é um caminho que permite ao educando e educador compreender a vida cotidiana em seus múltiplos aspectos.

periferia do bairro, encontrávamos pessoas que já tinham sido expulsas das áreas mais centrais da própria Freguesia, em razão da valorização que a área central vinha obtendo². Pessoas oriundas de outras áreas de São Paulo - principalmente zona leste - e outras regiões do país - principalmente nordeste e norte do Paraná³ também ali eram encontradas.

Nas áreas mais afastadas do centro da Freguesia, encontramos parcelas da população que se constituem em oferta de mão-de-obra barata para a cidade. Ai reside um numeroso contingente de pobres urbanos, entendendo o tema conforme SANTOS (1979):

"Os conceitos de recursos e necessidades são dinâmicos. A idéia de escassez, um corolário dessas duas categorias, faz parte de sua própria natureza. Os recursos postos à disposição do homem, em termos de sua posição na escala social, mudam com o tempo e o lugar. O valor dos recursos é igualmente relativo, dependendo em grande parte da estrutura da produção e de seus

2- Essa sondagem foi realizada com cerca de 150 pais e alunos da E.E.P.S.G. Jilcomo Stávale, que é uma escola situada numa zona de transição entre o centro e a periferia da Freguesia do O.

3- De acordo com o Administrador Regional da Freguesia, Sr. Roberto Lajolo que disse fazer a afirmação baseado em sua experiência diária no bairro

objetivos fundamentais. A noção de pobreza, ligada desde o início à noção de escassez, não pode ser estática nem válida em toda parte" (p. 9).

Esses pobres, em sua maioria, trabalham em locais afastados de suas moradias, gastando de duas a três horas diárias em transporte. Outra parcela trabalha no próprio bairro, fazendo pequenos biscates na construção civil ou, no caso de mulheres, trabalhando como domésticas nas residências mais centrais da Freguesia.

A escolha da Freguesia do O foi, portanto, um processo de construção em função das peculiaridades que este bairro apresenta e de nosso envolvimento com a comunidade local.

Na Freguesia do O, optamos por trabalhar mais especificamente o Jardim Damasceno, por considerá-lo exemplo típico de ocupação na região. Aí aprofundamos nosso estudo sobre o espaço do pentecostalismo, que tem sido objeto de várias proposições teóricas. Nosso estudo, entende o fenômeno como uma alternativa avessa de cidadania dos despossuídos.

Essa preocupação com o tema não é exclusividade do meio acadêmico. Os jornais, o rádio, a televisão e até mesmo

o cinema têm fornecido constantemente notícias ou produzido novelas e filmes, dando conta da preocupação de políticos, empresários (onde a preocupação é mais interessante) e teólogos⁴.

No entanto, especificamente como objeto de estudo da Geografia, poucas são as análises do tema. O recente trabalho de MACHADO (1992) veio como uma importante contribuição para suprir essa lacuna.

A relevância deste estudo se prende a dois aspectos. Primeiro, possibilita a análise das relações sociais travadas no cotidiano de comunidades pentecostais. Em segundo lugar, considerando que a área escolhida empiricamente - a Freguesia do O - é a de maior concentração de favelas na cidade de São Paulo, entende-se o interesse do Estado em articular formas de controle para que "as cidades não explodam" ⁵.

Apesar de não existirem dados oficiais a respeito do crescimento do pentecostalismo no Brasil, a Folha de São

4- Um levantamento de fôlego a esse respeito está contido no "Dossiê Seitas" publicado pelo Centro Ecológico de Documentação e Informação - CEDI. O Dossiê é um apanhado de recortes de Jornais de todo país e também do mundo.

5- O autor demonstra sua preocupação com a questão do pentecostalismo, retomando artigo anteriormente escrito no Jornal Folha de São Paulo (23.08.89), onde questiona como as cidades da América Latina conseguem manter-se sem que explodam. Questiona também quais seriam os instrumentos que produzem o ajustamento social dessas populações. Para o autor, o pentecostalismo seria um instrumento que age sobre corações e mentes dos indivíduos, induzindo-os a comportamentos passivos e retardando as possibilidades de ação, fazendo com que seja mantida uma situação de "instável equilíbrio" no seio de uma grande metrópole (SANTOS, 1990).

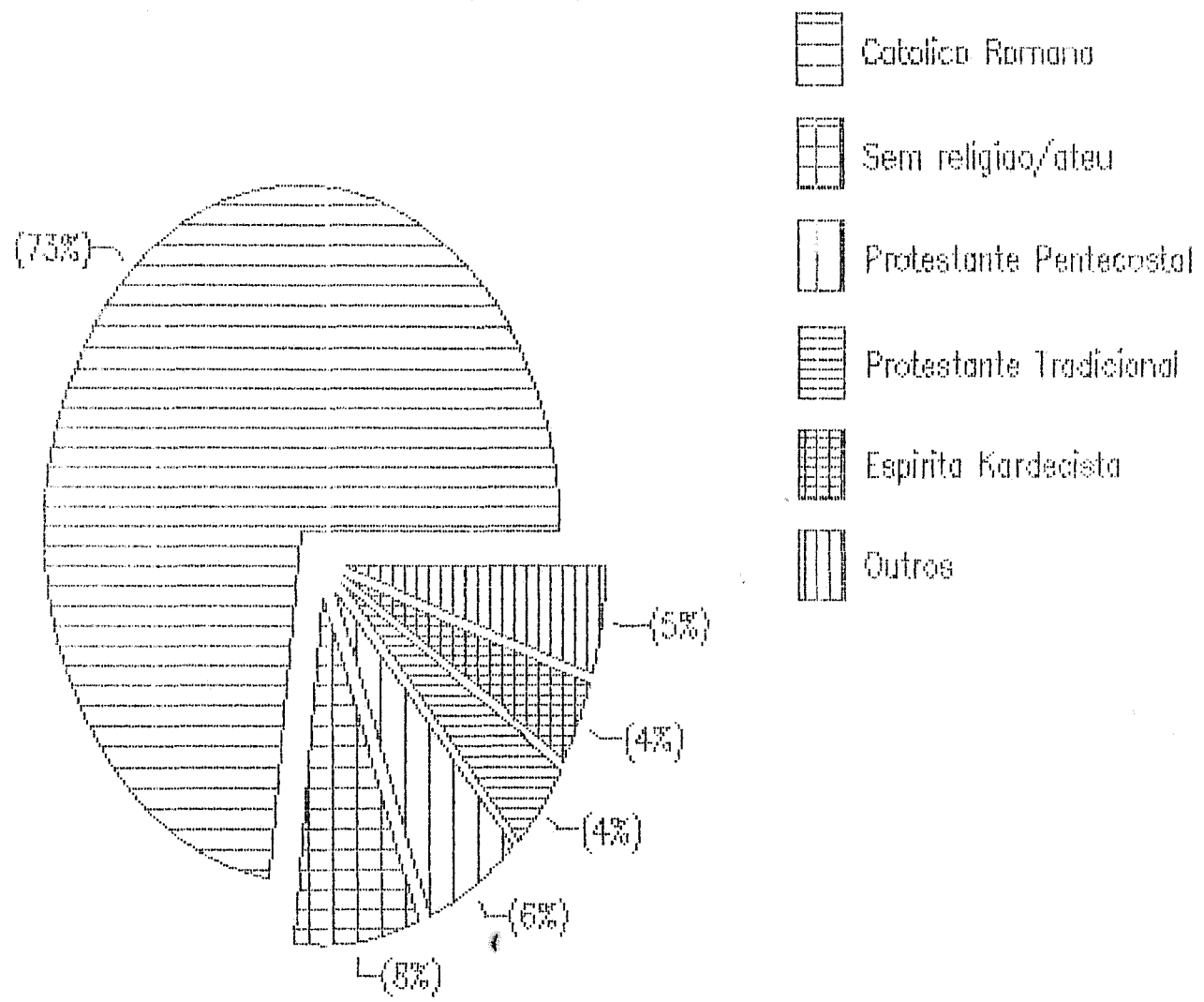
Paulo (12.10.91) publicou pesquisa que o DataFolha realizou, por ocasião da visita do Papa ao Brasil em 1991. Nessa pesquisa, realizada em São Paulo, São Luiz, Salvador e Goiânia, 72% dos entrevistados se disseram católicos, 6% pentecostais, 4% protestantes tradicionais, 4% kardecistas e 8% se disseram sem religião ou ateus (Gráfico 1).

Também em 1991, o Jornal da Tarde (13.02.91) noticiava que um estudo confidencial preparado por assessores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB revelava que a Igreja Católica no Brasil perde 600 mil adeptos todos os anos para as igrejas protestantes e outros grupos religiosos. Nesse estudo, esclareciam católicos praticantes eram apenas 10%. Quase o mesmo número de adeptos do pentecostalismo.

As maiores beneficiárias com a evasão do catolicismo, segundo a pesquisa, seriam as igrejas pentecostais.

Os meios de comunicação de massa, quando tratam do problema do pentecostalismo, normalmente optam pelo senso

GRAF.1 COMPOSICAO DAS RELIGIOES NO BRASIL (EM %)



Fonte: Pesquisa DataFolha de 12/10/91

comum⁶. Acreditando ser o senso comum, um importante instrumento para entender o imaginário do universo pentecostal, penso, no entanto, ser necessário transcender o nível do pensamento comum construindo um processo de pesquisa científica⁷; isto é, um processo de investigação, capaz de dar uma contribuição para o entendimento da expansão do pentecostalismo no Brasil, particularmente em São Paulo e na Freguesia do O, e suas implicações na formação sócio-espacial paulistana e brasileira.

No capítulo I traçamos um painel a respeito das principais linhas de pesquisa do pentecostalismo, as pesquisas sobre religião na Geografia e do poder como um instrumento de controle social. No capítulo II trabalhamos alguns dos autores que mais contribuíram com seus estudos sobre religião, relacionados com este trabalho. O terceiro capítulo foi onde procuramos demonstrar como surgiu o pentecostalismo, como se ramificou e como atuam os agentes controladores dos fiéis pentecostais e como esse controle interessa ao Estado. No capítulo IV apresentamos a Freguesia

6- Ao me referir ao senso comum, não o faço no sentido pejorativo, mas na forma proposta por Rubem Alves em *Filosofia da Ciência* onde o autor para diferenciar o senso comum da ciência afirma sobre esta última: "Não é uma forma de conhecimento diferente do senso comum. Não é um novo órgão. Apenas uma especialização de certos órgãos e um controle disciplinado de seu uso". (pag. 14)

7- Conforme Pierre Bourdieu, em *O Poder Simbólico* 1987, o verdadeiro ponto de ruptura no que se refere a transcendência do senso comum e a construção de um objeto de investigação, encontra-se no trabalho social de construção do objeto pré-construído. Tal construção, de acordo com este autor, "...não é uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato teórico inaugural, e o programa de observações ou de análises por meio do qual a operação se efetua não é um plano que se desempenhe antecipadamente, à maneira de um engenheiro: é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridas por o que se chama ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúsculas e decisivas". (pag. 27-28).

do O como a área escolhida para o estudo da atuação e reprodução do pentecostalismo. Finalmente, no quinto capítulo procuramos, enfim, demonstrar como o pentecostalismo oferece uma alternativa avessa de cidadania aos mais pobres.

CAPÍTULO I
CONSTRUINDO
O
CONHECIMENTO

CAPITULO I

CONSTRUINDO O CONHECIMENTO

O conhecimento científico é uma evolução de conceitos que são adquiridos progressivamente num contínuo processo de formação, segundo ECO (1986).

O ponto de partida que desencadeou o processo de investigação não se tratou de uma idéia pré-concebida, mas, sim, de um fenómeno externo no sentido ontológico, um fato social. Pois, como posicionamento metodológico adotado, acredita-se que para a realização de uma investigação crítica, não se pode ter por fundamento as formas ou os produtos da consciência, ou seja, simplesmente a idéia. Como afirma MARX (1987), o que se deve ter como ponto de partida é exclusivamente o fenómeno externo. Dentro dessas perspectivas, a forte expressão que o movimento religioso citado alcançou nos últimos anos, foi o fato social inaugural que conduziu à estruturação desta pesquisa. A seguir considerar-se-á esse processo de construção.

Em primeiro lugar, consideramos que em função da significativa expansão pentecostal, principalmente pós década de 50, grande parte dos trabalhos desenvolvidos tende a relacionar o avanço pentecostal aos processos de urbanização e metropolização e às mudanças sócio-culturais daí resultantes. Dentro dessa vertente encontram-se os

trabalhos de WILLEMS (1967), SOUZA (1969), D'ÉPINAY (1970), CAMARGO (1973) E MACEDO (1989).

Apesar de WILLEMS (1967) reconhecer que as condições urbanas são favoráveis à difusão do protestantismo, ele não procura tirar uma relação direta dos processos (urbanização, industrialização e migração) com a expansão protestante, e sim, através das mudanças de comportamento decorrentes destes processos. De fato, Willems busca explicar a expansão do protestantismo em função das mudanças do sistema de valores e na tradicional estrutura social. Segundo o autor, tais alterações podem ter criado condições propícias à aceitação e à difusão dos diversos fiéis protestantes.

Em virtude do impressionante aumento numérico dos pentecostais e da independência institucional e financeira que este tipo de protestantismo assume no Chile, D'ÉPINAY (1970) procura estudar as igrejas pentecostais dentro da sociedade chilena. O autor entende a origem do desenvolvimento pentecostal a partir das mudanças de caráter sócio-econômico oriundas da migração interna e do fulminante desenvolvimento urbano, sem corresponder ao desenvolvimento industrial e ao estado de marginalidade dos despossuídos.

SOUZA (1969) explica que o movimento pentecostal chegou ao Brasil em 1910 via Estados Unidos. Sua entrada no

país se deu por Belém do Pará e, um ano depois, já estava em São Paulo e no Paraná fundando a Congregação Cristã do Brasil. Sua grande força, segundo a autora, nasceu com o processo de industrialização e de sua facilidade de divisão, cada grupo formando sua própria igreja. Assim, surgiu Manoel de Mello, que depois de trabalhar como diácono na Assembléia de Deus e de tornar-se pastor do Evangelho Quadrangular - a terceira igreja pentecostal a instalar-se no Brasil - reuniu um grupo de seguidores e fundou sua própria igreja. "O Brasil para Cristo". A autora procura classificar as diversas igrejas pentecostais entre "igreja" e "seita"⁸. Tal classificação tem como base a sociedade em transformação. Assim, os aspectos que discriminam igreja e seita são tratados em referência ao relacionamento, no sentido de adaptação, com a sociedade. De todas as formas, o que cumpre ressaltar é que a autora centra sua investigação na cidade de São Paulo buscando entender o papel que desempenha a crença pentecostal como uma das alternativas no processo de adaptação individual à sociedade moderna.

Na mesma linha de Muniz e Souza (1969), CAMARGO (1973) procura compreender o pentecostalismo como um mecanismo religioso de ajustamento à sociedade urbana. Entende a crença religiosa pentecostal como uma forma de reorientação da conduta, em termos sacrais, dos que se

8- Em nosso trabalho optamos por usar a expressão "igreja" ao invés de "seita", por considerar esta discriminatória e pejorativa, sendo sempre usada para designar a crença do outro. Interessante estudo a esse respeito encontramos em "O que são seitas" de Leillah Landin, in "Sinais dos Tempos", ed. Iser.

encontram despreparados para participar de modo efetivo na sociedade urbano-industrial. O autor assinala que esta função de integração à sociedade se faz na medida em que os grupos pentecostais proporcionam o restabelecimento de contatos primários.

MACEDO (1989) vincula o nascimento e desenvolvimento do pentecostalismo ao processo de urbanização, cujos valores cada vez mais carregados de mundanismo e de pecado, são permanentemente rejeitados e condenados pelos fiéis.

ROLIM (1985) se distingue em sua abordagem, dos autores citados. Ele procura encaminhar sua investigação no sentido de situar a relação pentecostalismo/sociedade para além das mudanças sócio-culturais e dos processos de urbanização e industrialização. Para tanto, o autor se esforça na tentativa de perceber o pentecostalismo como um dos componentes da formação social de tipo capitalista, buscando, nas relações de produção que determinam fundamentalmente as relações de classe, a base em que assenta a articulação do fenômeno pentecostal com a totalidade social. Seu estudo prende-se, dessa forma, ao problema da inserção da estrutura religiosa pentecostal em um determinado tipo de formação social. Nesse sentido, Rolim percebe a significação sócio-religiosa do pentecostalismo, primeiramente, através da sua articulação com a sociedade,

pelas relações de classe e, em segundo lugar, através da estrutura específica dos seus componentes religiosos.

GEOGRAFIA, GEOPOLITICA E RELIGIAO

No âmbito da Geografia poucas são as pesquisas que abordam a questão religiosa. A carência de estudos geográficos não se refere apenas ao pentecostalismo, mas à temática religiosa como um todo (MACHADO, 1992). Antes de apresentar o que tem sido produzido sobre a crença pentecostal, sob orientação da Geografia, faz-se necessário destacar os estudos de alguns geógrafos no campo da religião.

Em primeiro lugar, cabe assinalar os de Pierre Deffontaines e Max Sorre. Ambos, não obstante suas especificidades, desenvolveram investigações dentro da Geografia Cultural de CLAVAL (s/d). Esta, ao vincular-se à escola possibilista de Vidal de La Blache, tem como principal objeto de pesquisa o estudo da paisagem, a paisagem como produto da intencionalidade e ação humana. Dentro desta perspectiva, DEFFONTAINES (1948) desenvolve um grande estudo sobre a Geografia e Religião. Em linhas gerais, o autor examina a marca e influência da religião sobre as habitações dos vivos e dos mortos, sobre os locais (cidades e áreas agrícolas) e tipos de povoamento, assim

como examina a relação entre religião e vida industrial, religião e circulação (peregrinos e cidades de peregrinação) e religião e gêneros de vida (alimentação, trabalhadores, padres e homens de Deus. Já SORRE (1955) foi um dos poucos geógrafos a se preocupar com a questão metodológica da geografia das religiões. Contudo, tal metodologia enquadra-se de maneira evidente, conforme apontado anteriormente, na Geografia Culturalista. A exemplo disto, convém destacar que Sorre vê um grande interesse no elemento religioso para a Geografia, principalmente por se constituir, segundo ele, em um componente diferenciador regional. Sorre dava importância à questão religiosa, pois via o reflexo da religiosidade em quase todas as ações dos grupos humanos, desde o nascimento à inserção na sociedade e à morte.

Numa outra linha de análise, mais ligado às idéias marxistas, outro geógrafo que tem tratado de algumas questões religiosas e que merece ser salientado é Ives Lacoste. Em um artigo veiculado na revista "Hérodote" LACOSTE (1990) examina a relação geopolítica entre Estado e Igreja. Ele busca analisar a extensão territorial de organismos religiosos mais ou menos rivais, e, sobretudo, suas relações de antagonismos ou de convivência com os diferentes aparelhos de Estado, não somente dentro do domínio ideológico mas também dentro do domínio político e de outras instâncias de funcionamento da sociedade. Não obstante a preocupação do autor com os movimentos islamitas,

o que parece muito interessante é a atenção que Lacoste chama para a existência de uma estratégia geopolítica vaticana de envergadura planetária, a partir de numerosas viagens políticas que são realizadas na ocasião de contatos com personalidades e com movimentos políticos. Isto vem marcar a preocupação da Igreja Católica em conquistar e manter a sua supremacia institucional⁹.

No campo específico do Pentecostalismo como objeto de estudo na Geografia, temos os já citados trabalhos de MACHADO (1992) e SANTOS (1990).

ESPAÇO E SOCIEDADE

Em segundo lugar, consideramos que o espaço seja condição e produto das relações sociais de produção. Acreditamos também, que ele é uma imagem da filosofia de vida que em determinados momentos históricos e em determinadas condições concretas, é vivenciado pela sociedade.

"Isso quer dizer que a essência do

9- Interessante ressaltar a esse respeito, o artigo de 13.02.91 do Jornal da Tarde onde coloca que uma pesquisa do Instituto de Estudos da Religião (ISER), do Rio de Janeiro, feita em 1988, indica que o Islamismo avança sobre os fiéis de outras religiões no Brasil, podendo ser considerado um dos mais importantes fenômenos religiosos da década. Segundo o jornal, estudo do Conselho episcopal Latino Americano - CELAM, indica que vivem no Brasil cerca de 2,5 milhões de muçulmanos e que foram construídas no Brasil, com auxílio dos países árabes, cerca de 20 mesquitas e mais de 50 centros de Cultura Islâmica.

espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. Assim, temos, paralelamente, de um lado, um conjunto de objetos geográficos distribuídos sobre um território, sua configuração espacial e a maneira como esses objetos se dão aos nossos olhos, na sua continuidade visível, isto é, a paisagem; de outro lado, todos os processos sociais representativos de uma sociedade em um dado momento. Esses processos, resolvidos em suas funções, se realizam através de formas. Estas podem não ser originariamente geográficas, mas terminam por adquirir uma expressão territorial. Na verdade, sem as formas, a sociedade, através das funções e dos processos, não se realizaria" (SANTOS, 1985, p. 1 e 2).

BUTTIMER (1986) também faz referência ao espaço social. Para tanto, cita Durkheim como o primeiro sociólogo

a desenvolver esse conceito. Para Durkheim só o aspecto social do fenômeno interessa. Outro autor citado por BUTTIMER (1986) é Max Sorre que, se contrapondo a Durkheim, afirmava que a distribuição das formas sociais deveriam também incorporar tanto o ambiente físico quanto o social.

Assim, o conhecimento sobre a cidade, um bairro segregado, um conjunto de igrejas, é uma representação mental parcial da realidade exterior concreta, elaborada a partir da percepção e intuição do indivíduo e de sua concepção de mundo.

RELIGIAO E PODER

Em terceiro lugar, nossa concepção de mundo, aponta para uma sociedade de classes que se caracteriza pelo poder desigual que os diversos setores da divisão do trabalho possuem sobre os meios de produção, a distribuição da força de trabalho e a distribuição dos produtos finais. Isso significa que as relações existentes entre os diversos setores da divisão do trabalho, e que constituem as classes sociais como tais, são relações conflitivas entre as forças desiguais em luta pela direção da sociedade; uns (os dominantes) tentando consolidar o poder de dominar já alcançado; outros (os dominados) resistindo de muitas maneiras à dominação e procurando aumentar de alguma forma o

próprio poder.

Os dominantes fazem uso do poder criado pelo Estado, que não pode ser atribuído a pessoas ou a grupo de pessoas. Tal concepção pode obscurecer seus reais fundamentos, compreendidos como expressão das contradições presentes. O que existe é uma rede de ramificações do poder que se estende por diversos setores da sociedade.

Uma das articulações do poder na vida cotidiana se manifesta através das igrejas e constitui uma alternativa do Estado para responder aos conflitos inerentes às contradições citadas.

O estudo das relações de poder das Igrejas Pentecostais permite perceber que é dentro de sua capacidade de ocultar, de disfarçar, através de sua ação mediadora, dos processos contraditórios que determinam seu nascimento e sua existência, que se encontram os fundamentos do poder. Um dos mecanismos de poder consiste em apresentar como ordem das coisas suas respostas singulares às contradições que vivencia.

Ao Estado interessa que as Igrejas se antecipem aos conflitos sociais, exercendo controle sobre eles.

FOUCAULT (1978) analisa o poder enquanto prática

social constituída historicamente. Atribui ao poder disciplinar objetivos econômicos e políticos. Econômicos, porque ao submeter as multiplicidades humanas à ordem determinada pela organização - no caso a Igreja - procura maximizar a produtividade da força de trabalho. Objetivos políticos, porque o poder disciplinar espera minimizar a força humana na sua capacidade de resistência, de contestação, de revolta.

Foucault define a tática do poder disciplinar em relação a três critérios: "tornar o exercício do poder o menos custoso possível (economicamente, pela parca despesa que acarreta, politicamente, por sua discrição, sua fraca exteriorização, sua relativa invisibilidade, o pouco de resistência que suscita); fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados ao máximo de intensidade e estendidos a tão longe quando possível, sem fracasso nem lacuna; ligar, enfim, esse crescimento econômico do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce (sejam os aparelhos pedagógicos, militares, industriais, médicos), em suma, fazer crescer ao mesmo tempo a docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema" (FOUCAULT, 1978, p. 191).

O autor expressa a relação docilidade/utilidade que o poder disciplinar imprime à força de trabalho; analisa um sistema de dominação.

Mas a dominação de uma classe, ou de um bloco de classes sociais, sobre uma sociedade inteira não é um "estado" que surge da noite para o dia. É, antes, uma relação social relativamente estável, que se foi realizando ao longo de um processo de transformação das relações sociais prévias (POULANTZAS, 1978).

De acordo com as premissas teóricas apontadas, a análise do sistema de poder disciplinar na Igreja e sua conseqüente utilização pelo Estado implica, portanto, em algumas considerações iniciais. Por esta razão é relevante salientar teoricamente o porquê do estudo da religião, do pentecostalismo, da Freguesia do O e a relação desses elementos com a produção do espaço.

Toda classe social, que se acha em via de constituição como dominante, em uma dada sociedade, vê-se imediatamente situada em uma estratégia de ampliação, aprofundamento e consolidação do poder adquirido.

Essa estratégia busca, não só exercer a coerção, mas também conseguir persuadir os dominados para que estes dêem seu consenso ao domínio exercido por ela. Com efeito, toda classe que começa a dominar, pode fazê-lo por dispor já de um certo material (econômico, político, etc.) que lhe permite forçar determinados grupos humanos a se estruturar

socialmente em função dos interesses dessa classe. Esta classe tem interesse em ampliar, aprofundar e consolidar esse poder material de coerção. Mas um poder baseado exclusivamente na coerção material acha-se constantemente ameaçado pela possibilidade de uma rebelião de massas bem sucedida contra si. Por isso, toda classe que começa a dominar mostra-se interessada em reduplicar seu poder material de coerção graças a um poder simbólico de persuasão, isto é, graças ao desenvolvimento de um consenso geral ao seu domínio. Segundo PORTELLI (1984) toda classe que começa a dominar mostra-se objetivamente interessada em conseguir implantar sua hegemonia, ou seja, novamente, quer o consenso geral com seu domínio. Nos termos de TOURAINE (1989) toda classe dominante mostra objetivamente interesse em tornar-se classe dirigente, isto é, ser capaz de alcançar apoio maciço de todas as classes e grupos da sociedade. Assim, toda classe em processo de constituir-se como classe dominante acha-se objetivamente interessada em desenvolver-se, ampliar, aprofundar e consolidar seu poder simbólico de persuasão, a fim de obter o consenso geral a seu domínio, hegemonia, condição para se declarar dirigente.

Nesse sentido, acreditamos que a mensagem da religião Pentecostal, assim como sua interpretação e as definições éticas, litúrgicas, doutrinárias, e organizações derivadas de tais interpretações, são elaboradas e difundidas no âmbito de uma sociedade específica e de uma

estrutura particular das relações de poder entre os grupos componentes da sociedade.

Esse processo de submissão do campo religioso à dinâmica da dominação de classe resulta do interesse objetivo das classes dominantes em conseguir consolidar sua dominação e instaurar sua hegemonia.

Os diversos símbolos utilizados tanto pelos pentecostais, quanto pelos demais cidadãos, atuam no sentido de tornar perceptível aos indivíduos o significado do cotidiano vivido.

Em quarto lugar, a segregação urbana que se verifica na Freguesia do O, possui como símbolo maior da separação de classes, o rio Tietê. É ele quem separa o bairro desprovido de recursos de outros bairros mais bem servidos de equipamentos públicos. Seus habitantes o reconhecem como símbolo, na medida em que se referem ao "outro lado do rio" como sendo a área procurada para compras, lazer, trabalho, etc.

O rio, além de símbolo é uma realidade concreta. Ele está lá em sua calha e, em virtude de haver apenas duas pontes ligando uma região à outra, seu tráfego é extremamente difícil, aumentando as horas que os trabalhadores passam dentro dos precários transportes

coletivos, dando ênfase ao "outro lado do rio".

SEGREGAÇÃO NA CIDADE

De acordo com LOJKINE (1981), o que caracteriza a sociedade capitalista é: a) a concentração crescente dos meios de consumo coletivos que vão criando necessidades sociais novas, o que ele chama de "civilização urbana", b) o modo de aglomeração específico do conjunto dos meios de reprodução, que se tornam cada vez mais determinantes do desenvolvimento econômico.

Essa realidade é vivida na Freguesia do O, um exemplo concreto de periferia segregada, conforme procuraremos demonstrar.

A problemática urbana da segregação resulta, além da luta capital x trabalho, em interesses políticos da burguesia, representada pelo Estado. Nessa representação, a burguesia se utiliza do aparelho estatal para criar um organismo que parece flutuar sobre a população com neutralidade e em busca do bem estar comum.

Como afirma SANTOS (1979), o Estado atua como articulador do capital, ele, a partir de impostos arrecadados, distribui essa receita que beneficia a

concentração de capital na forma da produção e da circulação nas regiões da cidade.

Assim, cada vez mais, as populações carentes vão sendo excluídas das áreas mais centrais da cidade, e sendo despejadas na periferia.

PUBLICIDADE E CIDADANIA

Para essas populações, o mundo que oferece "status"¹⁰, condição de vida, cidadania, só é percebido através da publicidade. É ela quem fornece os modelos físicos, estéticos, sensuais, comportamentais, aos que as pessoas devem se amoldar. A publicidade dita as regras de reconhecimento e valorização social. Naturalmente, não é só ela que faz isso: o cinema, a telenovela, as revistas, os cadernos de jornais (Modo de vida do Jornal da Tarde - SP). A diferença, segundo MARCONDES FILHO (1982), é que a publicidade não disfarça a apresentação de normas. Não é indireta nem discreta. Ela é quem determina os tipos a serem seguidos.

A publicidade hoje, na sociedade industrial

10- Entendemos o termo como "posição, no que diz respeito à distribuição de prestígio dentro de um sistema social e, às vezes por implicação no que se refere à distribuição de direitos, obrigações, poder e autoridade dentro do mesmo sistema - como as expressões alto status, baixo status". (Citado do "Dicionário de Ciências Sociais" publicado pela Fundação Getúlio Vargas).

capitalista funciona como um reforço diário das ideologias, do princípio da valorização das aparências, da promoção de símbolos de "status" (carros, roupas, ambientes, bebidas, jóias, objetos luxuosos de uso pessoal) que criam novas necessidades e conferem ao possuidor a condição de ser reconhecido como cidadão¹¹.

O conceito de cidadania que "pode ser comprado", coincide com o interesse do Estado em preservar os direitos civis (liberdades individuais) e direitos políticos (votar e ser votado), rejeitando cada vez mais sua obrigação no tocante aos direitos e as necessidades sociais e atuais dos mais pobres (HIRSCHMAN, 1992).

Acreditamos então que a religião, também aí auxilia as estruturas do poder na medida em que, intermediariza a percepção do mundo para as classes populares fundamentando uma estrutura baseada na divisão política e social que se apresenta como natural já que, essas classes populares não conseguem atingir as necessidades simbólicas impostas subliminarmente pela sociedade e devem ser mantidas politicamente amorfas.

11- Importante crítica a esse conceito pode ser encontrada no livro de Milton Santos, "O Espaço do Cidadão", 1987.

CIDADANIA, RELIGIAO E ESPAÇO GEOGRAFICO

Acreditamos também que ser cidadão é uma condição de realização pessoal que confere segurança a quem a possui. As classes dominantes, para reforço da sensação de segurança, seguram sua vida, seu carro, sua casa, suas rendas (aplicações financeiras). Ao dominado abandonado pelo Estado, o único seguro que resta é Deus.

Dado o que foi até aqui apresentado, pode-se constatar que cientistas sociais têm procurado entender o porquê da expressiva expansão do pentecostalismo. Embora com leituras diferenciadas, tais pesquisadores buscam respostas para compreender este fato social. Objetivando também dar uma contribuição, procurou-se, através da Geografia, estabelecer uma relação interdisciplinar entre espaço e religião. Tratar-se-á, desse modo, de analisar interdisciplinarmente a questão religiosa. Essa relação pressupõe que se considere a análise da inserção do pentecostalismo na sociedade brasileira, feita através de estratégias diversas que incluem sua difusão.

O espaço a que nos referimos, é o espaço segregado. A esse respeito, existe a importante contribuição de FELDMAN (1989) que nos diz:

"O conceito de segregação espacial,

ainda que amplamente utilizado, permanece como um conceito pouco claro. *Segregação espacial, segregação urbana e segregação residencial* são alguns dos termos que se confundem e se alternam para apontar diferentes condições de separação de atividades ou grupos sociais no espaço" (FELDMAN, 1987, p. 59).

Tentando esclarecer a questão da segregação urbana, a autora faz referência à discussão entre as proposições da Escola de Chicago e dos teóricos marxistas.

De acordo com a autora, a Escola de Chicago refere-se à segregação espacial como um fator de integração social enquanto que na França, estudos marxistas vão abordar a segregação espacial como um elemento de exclusão (sociologia urbana francesa). Nessas duas abordagens estão diferentes concepções do espaço urbano.

A necessidade de enfrentar objetivamente a questão do crescimento do capitalismo e das cidades americanas, fez com que a Escola de Chicago enfocasse mais a questão da integração do que a mudança social. O espaço é considerado como algo natural e sem história que deve promover a coexistência harmônica dos grupos sociais através da

segregação que proporcionaria o necessário e natural ajustamento do espaço.

Os marxistas vão se contrapor a essa posição, argumentando que existe uma profunda relação entre a lógica do capital e os conflitos de classe que caracterizam o modo de produção capitalista, fazendo referência às contradições e conflitos na organização de grupos sociais e atividades no espaço.

Nessa direção caminham, entre outros, principalmente HARVEY (1980) e CASTELLS (1980), que vão se opor à visão do espaço como elemento neutro, autônomo à organização social.

O conjunto desses trabalhos representa um avanço significativo no estudo sobre o espaço urbano que repercute na conceituação da segregação espacial. A segregação espacial passa a ser considerada como parte integrante dos processos mais gerais que determinam a produção e apropriação dos meios de consumo coletivo e da habitação, e aos mecanismos de formação do preço do solo: as diferentes capacidades de consumo refletem processos de exclusão que se manifestam nas disparidades de condições urbanas dos bairros ocupados por diferentes grupos sociais.

FOUCAULT (1975, 1979) também contribui com o

debate integração/exclusão. Ainda que não tenha se dedicado especificamente ao estudo do espaço urbano, seus trabalhos vêm influenciando estudiosos da área, uma vez que dizem respeito a práticas e estratégias de controle sobre os territórios. A idéia de Foucault sobre o território extrapola a noção geográfica e inclui a noção jurídico-política afirma FELDMAN (1989). Para Foucault o território é aquilo que é controlado por um certo tipo de poder. Do ponto de vista metodológico, propõe o que chama de "análise ascendente": partindo da especificidade dos mecanismos e técnicas de micropoderes, analisa como se relacionam com o nível mais geral do poder constituído pelo aparelho de estado.

CASTELLS (1983) por sua vez, coloca a segregação espacial como um processo onde a integração e exclusão não ocorrem enquanto processos independentes um do outro, como se cada um tivesse vida própria. A questão da integração é retomada como resultante de estratégias de resistência de grupos sociais submetidos a processos de exclusão. Desse modo, resistência e exclusão aparecem como duas dimensões nos processos de segregação espacial.

Dado os pressupostos que nortearão este trabalho, colocamos questões fundamentais que procuraremos responder: Quais as estratégias dos gestores do pentecostalismo? Como trabalham a questão da cidadania? Em que medida revela um

processo de segregação socio-espacial?

CAPÍTULO II

NA
COMPREENSAO,
DISTINTAS
ABORDAGENS:
SOCIOLOGIA,
PSICOLOGIA E
RELIGIAO

CAPITULO II

NA COMPREENSAO, DISTINTAS ABORDAGENS: SOCIOLOGIA, PSICOLOGIA E RELIGIAO

A existência de diversos e distintos posicionamentos teórico-metodológicos e linhas de pesquisa que tratam da questão religiosa apontam a complexidade com que nos deparamos ao desenvolver uma investigação nesta área. Não é nosso objetivo discutir conceitos sociológicos ou psicológicos e sim elencar o que, em nosso entendimento, foi produzido de mais significativo no campo da sociologia e da psicologia da religião. Esta foi a principal razão que nos levou a elaborar o presente capítulo.

Procuraremos aqui, abordar alguns aspectos fundamentais relativos à religião desenvolvidos por alguns autores que contribuíram para a discussão do tema no âmbito das Ciências Sociais e da Psicologia.

AS FORMAS ELEMENTARES DO PENSAMENTO RELIGIOSO: DURKHEIM E A RELIGIAO

DURKHEIM (1978) objetiva conhecer a natureza religiosa do homem

"um aspecto essencial e permanente da

humanidade" (idem, p. 205).

O autor se propõe a investigar a religião mais primitiva e mais simples até então conhecida. Para ele

"as religiões primitivas não permitem apenas distinguir os elementos constitutivos da religião; gozam também da vantagem muito grande de facilitar sua explicação. Porque aqui os fatos são mais simples, as relações entre os fatos são também mais aparentes" (ibidem, p. 209).

Durkheim considera também que todas as religiões, mesmo que de forma diferente e independente do grau de complexidade, respondem a condições dadas da existência humana;

"todas são igualmente religiões, assim como todos os seres vivos são igualmente vivos, desde os mais humildes plásticos até o homem" (idem, p. 206).

Por conseguinte, todas as religiões são comparáveis, pois todas são espécies do mesmo gênero. Portanto, existem em todas as religiões, necessariamente, elementos essenciais que lhes são comuns.

Dentro dessa perspectiva, DURKHEIM (1978) procura estudar a religião mais simples, visando atingir o que nela há de eterno e de humano, isto é, visando caracterizar, apreender e definir a religião e o fenômeno religioso.

Para ele, a natureza da religião não pode ser tratada em conjunto, pois não é uma espécie de entidade indivisível, mas um todo formado de partes: é um sistema complexo de mitos, dogmas, ritos e cerimônias.

De acordo com Durkheim todas as crenças religiosas apresentam um caráter comum: supõe uma classificação das coisas reais ou ideais que se apresentam ao homem de dois gêneros opostos: profano e sagrado. A divisão do mundo nesses dois domínios é, para o autor, o ponto fundamental do pensamento religioso.

Para definir sagrado e profano Durkheim opta por colocá-los em oposição. Segundo ele, não existe na história do pensamento humano outro exemplo de duas categorias de coisas tão profundamente diferenciadas, tão radicalmente opostas uma a outra. A oposição tradicional entre o bem e o mal não é nada, junto a esta. Pois são espécies contrárias de um mesmo gênero, assim como a saúde e a enfermidade não são mais que aspectos diferentes de uma mesma ordem de fatos: a vida. O sagrado e o profano têm sido sempre

concebidos pelo espírito humano, em todas as partes, como gêneros separados, como dois mundos entre os quais não existe nada em comum - são de naturezas diversas. Portanto, não obstante esta oposição variar de acordo com as religiões, cabe ressaltar que o contraste entre o sagrado e o profano ocorre como um contraste universal.

Dessa forma, para o autor, o fenômeno religioso sempre supõe uma divisão bipartidária do universo conhecido e cognoscível em dois gêneros que compreendem tudo que existe, mas se excluem radicalmente: o profano e o sagrado. As crenças religiosas são representações que expressam a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, seja uma com as outras, ou seja, com as coisas profanas. E por último, os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas.

Tendo em vista o acima exposto, Durkheim então começa a construir seu conceito de religião.

"Quando um certo número de coisas sagradas mantém umas com as outras relações de coordenação e subordinação, de maneira que formem um sistema com certa unidade, o conjunto das crenças e dos ritos correspondentes constituem uma religião (...). Cada grupo homogêneo de

coisas sagradas ou ainda cada coisa sagrada de certa importância constitui um centro de organização, ao redor do qual gravita um grupo de crenças e de ritos, um culto particular: e não existe religião, por unitária que possa ser, que não reconheça uma pluralidade de coisas sagradas" (idem, p. 44).

E Durkheim conclui seu conceito de religião da seguinte forma:

"Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas às coisas sagradas, ou seja, separadas, interditas, crenças que unem uma mesma comunidade moral chamada Igreja, todos aqueles que aderem a ela. O segundo elemento que entra deste modo em nossa definição não é menos essencial que o primeiro, pois, mostrando que a idéia de religião é inseparável da idéia de igreja, há que se prever que a religião deve ser coisa eminentemente coletiva" (idem, p. 49).

Ressalta-se a importância do caráter coletivo que

Durkheim aponta como condição e base da constituição das igrejas, fundamentais para a consolidação da religião.

O pentecostalismo nutre-se do ambiente coletivo, ele é condição essencial para que os fiéis se percebam agregados em torno de algo comum, é restabelecida a condição de comunidade que perderam na grande cidade.

A CRITICA DE MARX A RELIGIAO

Enquanto Durkheim procurou penetrar no passado para compreender o presente, buscando no estudo do mundo sacral-totêmico dos aborígenes australianos, uma ordem social e moral em torno de valores espirituais e morais (de acordo com ALVES (1984), foi uma busca de esperança), Marx estudou o seu presente. Seu mundo não é o sagrado, é um mundo que só conhece a ética do lucro, do capital e da posse que ignora os elementos espirituais. Salários e preços não são estabelecidos pela religião nem pela ética. A riqueza se constrói por meio de uma lógica duramente material: a lógica do lucro. Marx usa o sistema materialista de análise. Seu método é uma exigência do próprio sistema que só conhece o poder dos fatores materiais. É uma angustiante lógica do lucro e da riqueza que se estabelece.

"A angústia religiosa é, por um lado, a

expressão da angústia real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração, tal como é o espírito de condições sociais de que o espírito está excluído. Ela é o *opium* do povo" (MARX, Karl. 1976, p. 45)

Seu pensamento sobre a religião tomou forma e se desenvolveu em meio a uma luta política com um grupo de filósofos chamados "hegelianos de esquerda"¹² que entendiam que a religião era a culpada das desgraças sociais, da alienação, e desejava estabelecer um programa educativo com o objetivo de fazer com que as pessoas abandonassem as ilusões religiosas. Marx pensava que a religião não tinha culpa alguma e que era impossível a eliminação das idéias, ainda que falsas, das cabeças dos homens. Para Marx, a religião não era culpada porque não fazia diferença alguma. Ela era apenas um sintoma das forças que realmente movem a sociedade. Para ele, as idéias não são as causas da vida social, elas são apenas seus efeitos que aparecem depois que os processos acontecem. e Marx sistematiza seu pensamento

12- Esse grupo, chamado também de "jovens hegelianos" constituíram uma escola de pensamento em fins da década de 1830 na Alemanha. Tais filósofos desejavam que a sociedade passasse por transformações radicais. Eles entendiam que a ordem social era construída com uma argamassa em que as coisas materiais eram cimentadas umas nas outras por meio de idéias e formas de pensar. Assim, armas, máquinas, bancos, fábricas, terras se integravam por meio da religião, do direito, da filosofia, da teologia. A conclusão política lógica se segue necessariamente: se houver uma atividade capaz de dissolver idéias e modificar formas antigas de pensar, o edifício social inteiro começara a tremer. Os que mais contribuíram para a formação das idéias de Marx foram Bruno Bauer, Ludwig Feuerbach, Max Stiner e Moses Hesse. (Baseado no "Dicionário do Pensamento Marxista" organizado por Bottomore e em "O que é religião" de Rubem Alves.

com uma vigorosa crítica à religião.

Em suas teses sobre Feuerbach (1854), Marx o critica, supera e vai mais longe em sua explicação da religião. Feuerbach esquece que o homem se modifica, modificando as circunstâncias (Tese 3). Limita-se a dissolver o mundo religioso no mundo profano, esquecendo que a separação destes dois mundos tem seu fundamento no próprio mundo profano, dividido por antagonismos (Tese 4). Assim, identificar o ser religioso e ser humano, só tem sentido considerando-se este último ao indivíduo isolado, pois, o ser humano é a totalidade das relações sociais (Tese 6). Feuerbach, portanto, abstrai da história e não vê que o próprio sentimento religioso é um produto histórico e social (Tese 8).

Marx vê em qualquer religião apenas o reflexo imaginário nos cérebros humanos, das forças externas que regem sua vida diária, reflexo em que as forças terrestres tomam aspecto de forças supra-terrestres. Primeiro idealizam-se as forças da natureza, depois as sociais. No primeiro estágio as forças misteriosas da natureza tornam-se divindades. Recebem atributos sociais e os deuses tornam-se os representantes das forças históricas. Na fase seguinte, todos os atributos naturais e sociais de todos os deuses são transferidos para um Deus único e todo poderoso que, por sua vez, não passa de um reflexo do homem abstrato.

A moral e as religiões do passado, no nível dos fetiches, exprimem condições de vida servil (condições inevitáveis). Os homens primitivos, subjugados pelas forças da natureza, projetam estas forças num mundo ideal e lhes atribuem poder mágico ou religioso. A outra fonte da religião está na dependência dos trabalhadores, não mais às forças da natureza, mas às forças da produção e da minoria dominante. A dialética do capitalista explorador e do proletário explorado é a fonte do inumano e do religioso na sociedade.

O proletário procura a felicidade que não consegue encontrar nos círculos imediatos de sua existência, propriedade, sociedade, Estado capitalista, super-estruturas constituídas pelo capitalismo para garantir seu domínio. Ensina-se o explorado a procurar sua felicidade no além, no sobrenatural. Esta é a alienação propriamente religiosa, submissão a uma abstração que mantém a escravidão.

A alienação religiosa é mantida pelo capitalismo que consola o operário de sua miséria presente, prometendo-lhe o consolo de um além fictício. Marx compara essa alienação religiosa ao trabalho alienado na sociedade burguesa quando afirma:

"Quanto mais de si mesmo o homem atribui

a Deus, tanto menos lhe resta". Da mesma forma: "O trabalhador põe a sua vida no objeto e sua vida, então, não mais lhe pertence, porém ao objeto. Quanto maior for a sua atividade, portanto, tanto menos ele possuirá". E mais: "A vida que deu ao objeto volta-se contra ele como uma força estranha e hostil" (MARX, 1979, p. 90).

A própria religião tranquiliza a classe dos exploradores, pois, cega como é às causas da miséria (por egoísmo de classe), completamente alienado, o fetiche religioso a satisfaz e lhe acalma a consciência com alguns gestos de caridade, válvula de segurança para a consciência dos privilegiados.

A leitura de "A Ideologia Alemã", especialmente nas críticas à Feuerbach revelam o ponto de vista de Marx sobre a ideologia: um julgamento severo de toda ideologia e, em especial, da ideologia religiosa.

Trava-se uma polêmica contra tudo o que diga respeito ao domínio das idéias. Para Marx é preciso não só por de lado a filosofia, tal como entendiam os idealistas, mas até abandoná-la definitivamente e, como homem comum,

entrar no mundo concreto da realidade¹³.

Marx entende que a realidade do mundo é a dos dados naturais modificados pela história dos homens. O que lhe interessa considerar na existência dos homens é a sua força de produção e as ligações sociais que ela constrói. As produções da consciência, ou ideologias, não passam de expressões da vida real e dela são até expressões deformadas. As condições econômicas de uma época explicam as ideologias dessa época: assim, a filosofia alemã é um produto da estrutura pequeno-burguesa da Alemanha, o espírito religioso é um produto social, a deformação das idéias explica-se pela prática material.

Numa tal perspectiva, as ideologias não podem ter consistência. Não possuem nem autonomia, nem história próprias; a aparência de autonomia que estas produções aparentam explica-se com um lado real: a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual. As ideologias a que Marx se refere são as da classe dominante; a dominação das idéias não passa de um reflexo de uma dominação econômica. Deste modo, não é de grande utilidade a luta contra tais idéias que, em si, pouca influência têm sobre o curso da história. Se quisermos transformar o mundo, é necessário por de lado a crítica das ideologias e embrenharmos numa

13- Para Marx, o mundo concreto da realidade deve ser interpretado a partir do materialismo histórico-dialético.

revolução que modifique as relações reais existentes.

"Tudo o que os filósofos fizeram foi interpretar o mundo de diferente maneiras, mas o que importa é transformá-lo" (Marx, Karl. 1976, p. 81).

Marx sabia, porém, que as pessoas não podem ser convencidas a abandonar suas idéias religiosas porque as idéias são sintomas que surgem em decorrência de determinadas situações concretas. É necessário que a situação seja transformada para que as idéias se modifiquem.

A religião que para Marx só existe numa situação marcada pela alienação¹⁴, desapareceria numa sociedade livre que não houvesse opressores.

Para Marx, o ser humano, em qualquer sociedade, é a totalidade das relações sociais.

A sociedade tecno-científica em que vivemos oferece aos seus habitantes que possuem condições materiais,

14- No sentido que lhe é dado por Marx, ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou à natureza na qual vivem, e/ou a outros seres humanos, e - além de, e através de, também a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente (Citado do "Dicionário do Pensamento Marxista" org. por Bottomore).

múltiplas oportunidades de felicidade. Vislumbra-se já a possibilidade da "realidade virtual"¹⁵, não mais como uma ilusão de ficção científica, mas como uma realidade concreta.

O capitalismo se recicla e cria novas formas de alienação para a sociedade. Procuraremos demonstrar que o pentecostalismo é um tipo de alienação para as populações que ficam à margem da alegria do mercado de consumo. Que o pentecostalismo é, a possibilidade concreta da manutenção da condição de servidão que muda sempre de feição, mas teimosamente continua existindo.

A ÉTICA PROTESTANTE NO PENSAMENTO DE WEBER

Weber¹⁶ parte de um estudo elaborado por Martin Offenbacher sobre o grão-ducado de Bade por volta de 1895, onde existem 60% de católicos e 40% de protestantes. Os protestantes são nitidamente mais ricos que os católicos. Existe uma correlação entre a riqueza e a confissão religiosa. Para Weber, esta verificação parece poder ser universalizada: os países mais desenvolvidos (Holanda,

15- A realidade virtual, de acordo com a revista "Speak up" de julho de 1992, será o video-game do futuro. Consiste em criar um programa de computador onde o jogador, vestindo aparelhagem adequada, estará inserido dentro do jogo com todas as sensações correspondentes.

16- Para escrever sobre o pensamento de Weber, nos baseamos nos livros "Sociologia de Max Weber" de Julien Freund, 1977 e "As idéias de Weber" de Donald G. MacRae, 1985 e "A teologia em processo face à crítica Marxista" de Louis Boisset. As obras diretas de Weber, "A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", 1907 e "Economia Y Sociedad", 1984, também foram consultadas.

Suiça) têm uma maioria de protestantes que demonstraram uma disposição muito especial para o racionalismo econômico, quer constituam a classe dominante ou a dominada, a maioria ou a minoria, fato nunca verificado entre católicos numa ou outra dessas situações. Para explicar este fato, Weber vai recorrer até às origens do capitalismo moderno no Ocidente.

BOISSET (1975) afirma que, para Weber, o capitalismo não se caracteriza por uma simples sede de aquisição (esta existe desde sempre e em todos os países), mas pela racionalização dessa procura do lucro: organização racional do trabalho (formalmente) livre, separação do lar e da empresa, contabilidade racional. Para que o sistema capitalista pudesse desenvolver-se foram necessárias certas evoluções técnicas, mas o fator principal da evolução foi a existência de um espírito racional, de um espírito do capitalismo. Este espírito, bem explicado num documento de Benjamim Franklín, considera que "tempo é dinheiro", "crédito é dinheiro" e que todos têm o dever de aumentar o seu capital. Esta "filosofia da avareza" não visa apenas o êxito nos negócios. Constitui uma ética para bem se conduzir a vida. Este espírito racional não teve um desenvolvimento espontâneo. O capitalismo não teria conseguido chegar ao fim sem a ajuda de um poderoso aliado. Para se implantar num mundo feudal hostil, o capitalismo tinha de apoiar-se numa ética, tinha de aparecer como o "bem" para o homem. Esta nova ética nasceu no século XVIII, ligada ao pensamento

reformado. Para o demonstrar, Weber considerou três aspectos da ética protestante: a profissão como vocação, o dogma da predestinação e a ascese¹⁷ secular.

A profissão é, para Lutero¹⁸, uma vocação. Trabalhar é responder ao chamamento de Deus. Isto é novo: na Idade Média, para responder plenamente ao chamamento de Deus, era preciso, tal como o monge, abandonar o mundo. Os sucessores de Lutero chegarão mesmo a justificar a divisão do trabalho:

"Cada um deverá trabalhar no lugar onde se encontra, na hierarquia da ordem estabelecida" (BOISSET, 1975, p. 56).

O dogma da predestinação por sua vez, é de uma importância capital do pensamento de Calvino¹⁹. Todos os homens estão predestinados, quer para a salvação, quer para a perdição. As obras nada alteram. Jamais se pode estar certo da salvação. Os sacramentos, meios mágicos para alcançar a salvação são rejeitados. O crente vulgar não possuindo a segurança de um Calvino que se considerava um "mar de salvação" chega a interrogar-se: "Serei eu um eleito?". A fé deve ser provada por resultados objetivos e a

17- Em linhas gerais, entende-se por ascese o exercício espiritual prático que leva à efetiva realização da virtude, à plenitude da vida moral.

18- Martin Lutero (1483-1546) é considerado o fundador do protestantismo e o maior líder da Reforma.

19- João Calvino (1509-1564) fundou uma teocracia parcial (Estado) em Genebra, apoiado pela teologia dos seus Institutos da Religião Cristã, que inspirou o tipo de igreja reformada do protestantismo.

confirmação prática da salvação tem de procurar-se numa ação eficaz no mundo que vivemos. Assim, as boas obras, que não são um meio de se obter a salvação, não deixam de ser indispensáveis como sinal de eleição. Meio técnico, não para comprar a salvação, mas para libertar da angústia da salvação. Surge assim a idéia de que trabalhar sem descanso dá a certeza da salvação. O cristão tem um único objetivo humano: aumentar a glória de Deus pelo seu êxito profissional e social, constituindo este último a prova da eleição divina.

Considerada má a criatura, vai desenvolver um estilo de vida ascético. Será preciso viver simplesmente sem luxo. O ascetismo, que era um privilégio dos monges que "pairavam acima do mundo", vai transformar-se num ideal de vida no mundo para todos os santos predestinados por Deus (daí seu adjetivo secular). De acordo com FREUND (1977) para o puritanismo inglês, que deriva do calvinismo, cada hora perdida é subtraída do trabalho que contribui para a glória divina: Deus pede um trabalho racional. Na concepção puritana do trabalho é sempre posto em relevo o caráter metódico do ascetismo secular.

A ética protestante conduz assim ao espírito do capitalismo. O ascetismo protestante, agindo dentro do mundo, opôs-se com grande eficácia ao usufruto espontâneo das riquezas e travou o consumo. Em contrapartida, libertou

o desejo de adquirir, considerando-o como vontade de Deus. Tal atitude é favorável à acumulação do capital e, portanto, ao seu desenvolvimento.

Em Weber ressalta-se a articulação estabelecida entre a influência da situação material sobre as convicções e as idéias religiosas e, inversamente, a ação destas na constituição de uma moral econômica. Não obstante Weber deixar claro que uma moral econômica não é produto, nem está condicionada unicamente pela religião, ele ressalta a religião como um elemento importante. Nesse sentido, Weber ocupa-se em compreender a interação dos diversos elementos (economia, moral e religião) na conduta humana.

Weber entende o protestantismo como uma das fontes que contribuiu para formar o que ele chama de "espírito capitalista". ele ressalta, entre outras coisas, a ética puritana e as manifestações de ascese do protestantismo como impulsionadores e conservadores da ordem capitalista.

O pentecostalismo não é contemporâneo a Weber, mas também atua no sentido da manutenção das relações capitalistas de produção e a conservação da ordem social vigente. De acordo com o que pretendemos demonstrar, o pentecostalismo funciona como um instrumento de poder e controle social além da legitimação de uma cidadania às avessas.

FREUD: A RELIGIAO COMO NEUROSE

Freud²⁰, aparentemente desencantado com sua religião de origem²¹, afirmava que só aceitava a vida além da morte se alguém de lá pudesse voltar e testemunhar alguma coisa nesse sentido. Ele se considerava um ateu, mas procurou compreender a religião e a investigou.

ALVES (1990), ao se referir ao método científico, faz referência ao carro que quebra em uma auto-estrada e o trabalho mental do motorista para chegar à resolução do problema. Fazemos o mesmo percurso - com o auxílio de um médico - quando temos algum problema de saúde. Mas pode ser que nenhuma desordem seja encontrada. Freud explica que esses problemas - de origem neurótica e psicótica - se situam em outro nível: no conflito dos instintos. Estes formam os elementos mais importantes e ao mesmo tempo mais obscuros da investigação psicológica. São os representantes das forças que se originam no interior do corpo e habitam a estrutura da vida psíquica. Essas forças são chamadas por Freud de **instinto** para os animais e **pulsão** para os seres humanos²². De acordo com LAPLANCHE E PONTALIS (1986) a

20- Para análise geral da obra e construção do pensamento de Freud, consultamos as seguintes obras: Freud-Pensador da Cultura, de Renato Mezan e Freud-Vida e Obra de Carlos Estevan.

21- Freud era judeu, e só casou no religioso em virtude de muita insistência da noiva.

22- A esse respeito, Renato Mezan comenta na obra já citada, que Freud raramente utilizava a expressão instinto para se referir a seres humanos, preferindo o termo pulsão.

pulsão

"tem sua fonte numa excitação corporal (estado ou tensão); o seu alvo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir o seu alvo".

Para Freud, na natureza reina o princípio do prazer, de origem sexual. O excesso do prazer pode, porém, levar à destruição do próprio homem ou dos outros homens. Para evitar isto entra em jogo um outro princípio; o princípio da realidade.

A insatisfação da pulsão sexual provoca a neurose ou a psicose. Segundo Freud, a sexualidade não implica necessariamente a atividade sexual no sentido estrito. Ela cobre tudo aquilo que é capaz de produzir prazer no homem.

O homem muitas vezes não consegue satisfazer as exigências da pulsão nem fazer cessar sua atuação. Satisfazendo plenamente suas tendências instintivas poderia sofrer males maiores da parte do ambiente. A solução será: mobilizar outras forças existentes na pessoa para reprimi-las. Cabe, em primeiro lugar, ao "eu" harmonizar as exigências do mundo externo com as do mundo interno do indivíduo. Não obstante o fato de, segundo Freud, o "eu" ter

a sua raiz última do "id", supera o nível deste e muitas vezes desempenha eficientemente seu papel de conciliação. As vezes, porém, não tem força suficiente ou experiência adequada, e não é capaz de desempenhar com bom êxito sua tarefa. Nestes casos, simplesmente reprime as energias instintivas com força, eliminando-as do campo da consciência.

A sociedade também presta atenção para que as energias pulsionais não se manifestem de qualquer forma. Através da educação, inculca os seus princípios, a fim de que estes mantenham a ordem já dentro do indivíduo. Esta instância da vida psíquica Freud chama de "superego". O superego depende em grande parte de processos inconscientes muito mais do que o eu da pessoa, porque o ambiente o molda desde o início da vida, quando o eu está ainda fraco. O superego freudiano corresponderia assim àquilo que na nomenclatura habitual chamamos de "consciência moral".

Segundo Freud, a quantidade de energia instintiva e a maneira de sua utilização decidem se alguém ficará são, normal, ou doente, anormal. A pessoa equilibrada consegue satisfazer às exigências pulsionais em formas aceitas pela sociedade. O doente, isto é, o neurótico ou psicótico, não é capaz de fazer isto. A diferença entre o homem normal e o doente psíquico é quantitativa e não qualitativa, na sua concepção.

Freud considerava a neurose obsessiva como a companheira patológica da religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal.

Para Freud, o doente não sabe por que tem de executar compulsivamente certos atos (por exemplo, lavar as mãos a todo momento), ao passo que o fiel afirma que seus atos rituais têm sentido: o louvor a Deus.

A semelhança entre elas é, porém, mais profunda do que parece à primeira vista, afirma Freud. Muitos fiéis não sabem por que têm de realizar um ato cerimonial religioso e não conhecem sua origem; talvez o sacerdote saiba, à semelhança do analista que conhece as causas escondidas da obsessão. Trata-se da repressão de um impulso pulsional. Esta repressão cria uma vigilância especial da consciência orientada para as finalidades da citada pulsão; mas esta vigilância, produto psíquico da reação ao mesmo, não se considera segura e, pelo contrário, é continuamente ameaçada pelo instinto que vigia no inconsciente. A influência da pulsão reprimida é percebida como uma tentação. O processo de repressão que conduz à neurose obsessiva é, portanto, segundo Freud, um processo imperfeitamente realizado e que ameaça fracassar cada vez mais. Isto é, quanto mais alguém procura reprimir este impulso, tanto mais se prende a ele, e no fim nem saberá porque executa toda esta atividade. Para

ele, esse mesmo processo se dava nas cerimônias religiosas. Ele se referia às repetições nos rituais e aos atos executados e que ela mesma proibiria (por exemplo, as "guerras santas"). A diferença principal entre os atos obsessivos e as cerimônias religiosas será, segundo Freud, que os primeiros são expressões do instinto sexual enquanto que nas segundas intervêm também os instintos anti-sociais, egoístas.

Freud demonstra, porém, estar consciente que sua conclusão excede às premissas. Não se pode tirar, sem mais, conclusões gerais de casos individuais: de certas manifestações religiosas defeituosas ou mesmo doentias não podemos concluir que a religião não terá formas sadias em que outros fatores são decisivos. Além disso, as cerimônias não constituem o cerne da religiosidade. Para confirmar suas afirmações, Freud teve que recorrer a estudos anteriores. Duas vias pareciam concludentes: investigar a vida religiosa dos homens primitivos, para ver quais as formas mais antigas da religiosidade na humanidade e fundamentar melhor teoricamente suas teses. Freud percorreu os dois caminhos.

Freud, acreditava que se a religião é uma neurose coletiva, o mesmo processo que provoca a neurose das pessoas deve ser encontrado nos povos primitivos. Os membros adultos das tribos primitivas são pessoas normais para o grau de desenvolvimento deles, mas se pode supor que estão mais sob

o domínio dos instintos que da razão. E o impulso dos instintos neles será muito menos controlado que no homem moderno. Os primitivos reagem perante seus instintos com os mesmos mecanismos de defesa que as crianças perante seus pais.

Em 1917 Freud escreveu seu livro "Totem e Tabu", onde analisa a origem da religião nos povos primitivos. Conforme o desenvolvimento da antropologia do seu tempo considerou os aborígenes da Austrália como os homens mais primitivos. Duvidou-se se estes adoram de fato algum Ser superior e conseqüentemente se possuem uma religião propriamente dita. Eles reverenciam o totem: um animal (às vezes uma planta ou outra força da natureza). Não o comem, nem o matam - exceto em circunstâncias especiais, como nos banquetes totêmicos. O totem representa o antepassado do clã e é o seu espírito protetor.

Entre os povos totêmicos reina a exogamia: só podem contrair casamento com pessoas de fora do seu clã totêmico. A análise da origem desta proibição, deste tabu, conduz à origem da religião, segundo Freud.

As relações sexuais no início teriam sido totalmente livres e por isto perigosas para os que já possuíam suas mulheres, as hordas primitivas tiveram que regulamentar o acesso às mulheres para que os outros não as

tirassem deles. Tratando-se de homens primitivos, seu procedimento obedeceu mais aos instintos que a uma elaboração racional propriamente dita: estabeleceram o tabu para certas relações sexuais. Porque os antropólogos pesquisando com maior atenção, percebem que as pessoas objetos de tabus, como os chefes da tribo, os inimigos, os mortos, etc., provocam uma reação ambivalente nos membros do grupo. Atraem os outros e ao mesmo tempo os repelem, apavoram. Assim encontramos em relação a eles os mesmos mecanismos que se observam nos atos obsessivos: o impulso reprimido conduz a uma ambivalência; o objeto é simultaneamente desejado e proibido. O tabu exprime, portanto, uma proibição antiga, imemorial, que foi imposta aos membros da tribo com respeito a objetos que excitaram o apetite das pessoas, mas dos quais deveriam manter-se afastadas.

Aquí, duas questões se colocam: qual foi o fato primitivo concreto que provocou o primeiro tabu? E a compreensão deste esclarecerá também a origem do totemismo? De acordo com Freud, a matança do chefe, do pai da horda primitiva. Os filhos, inicialmente limitados em seu acesso às mulheres pelo chefe da horda, não suportavam mais a restrição. Não conseguindo vencer sozinhos o pai, uniram-se e o eliminaram, comendo seu cadáver. tiveram, entretanto, medo que o mesmo acontecesse com eles da parte de seus próprios filhos. A vigilância psíquica despertou-se e criou

o sentimento da culpabilidade; o totem fixou-se ao tabu. Iniciou-se o processo da proibição de matar o pai e se impôs a limitação na sexualidade: tiveram que procurar mulheres fora do clã. Os vestígios da festa comemorativa do sacrifício totêmico encontraremos mais tarde nas cerimônias religiosas, e os vestígios dos tabus, nas prescrições morais.

Hoje, sabemos que a sociedade capitalista cria os desejos e as necessidades²³ que precisam ser satisfeitas. Mas essa satisfação é difícil de ser alcançada se o sistema de poder é opressor e a classe a que se pertence é desprovida de recursos financeiros.

As pulsões não satisfeitas no cotidiano, são fonte freqüente de neuroses. O pentecostalismo com suas múltiplas proibições, por um lado acentua esse caráter neurótico da religião, mas por outro, oferece uma possibilidade de sublimação dessas pulsões a partir de uma lógica que legitima essas proibições.

23- Cumpre aqui uma diferenciação entre desejo e necessidade. O primeiro está "indissociavelmente ligado aos traços de memória, busca realizar-se pela reprodução alucinatória das percepções antigas nas percepções presentes que se tornam, pela via da substituição, sinais precários de sua satisfação. O obscuro objeto do desejo não é, pois, algo real como um objeto natural, mas um sistema de signos que forma o fantasma. (...) O desejo não se confunde com a necessidade ou com o apetite vital, sempre dirigidos a algo presente, destinados a ser suprimidos pelo consumo imediato do que lhe traz satisfação" ("Laços do Desejo" de Marilena Chauí, in "O Desejo", pag. 25).

REICH E A RELIGIAO

De acordo com Reich²⁴, existem dois tipos de seres humanos: os mecanistas e os místicos. Os mecanistas são interessados em coisas materiais e nas ciências naturais, mas não têm qualquer sentido espontâneo de vida, enquanto os místicos, por outro lado, possuem um sentido de vida, mas explicam-no sobrenaturalmente por referência a uma "alma", que eles concebem como tendo apenas uma acidental e temporária ligação com o corpo.

A divisão da humanidade em mecanistas e místicos levou a humanidade a desenvolver uma armadura defensiva contra suas próprias forças vitais. Segundo Reich, os mecanistas são pessoas que se voltaram completamente para si mesmas, que encerram totalmente suas forças vitais em uma armadura de caráter e que não têm, como resultado disso, consciência da sua verdadeira natureza. Os místicos, por outro lado, são pessoas que conservam brilhantes vislumbres da sua própria força vital, mas que negam a sua origem nos seus próprios corpos, localizando-a numa alma hipotética.

Tanto os mecanistas quanto os místicos se voltaram contra a vida do corpo, a ciência e a religião jamais

24- Para esta parte do trabalho, consultamos principalmente as seguintes obras de análise geral do pensamento de Reich:

"O Pensamento Humano" de Elsworth F. Baker e "As idéias de Reich" de Charles Rycroft.

conseguiram reconhecer a significação do orgasmo, essa experiência corporal na qual o prazer físico e o sentido de união espiritual com o infinito se encontram juntos.

Além disso, como o orgasmo une o corporal e o espiritual, a compreensão de sua natureza essencial torna possível decompor a dicotomia existente entre o mecânico e o místico para alcançar um equilíbrio entre ambos. Todavia, quem consegue, como Reich afirma que fez, alcançar uma tal compreensão descobre que se encontra na posição de ter ido além da situação intelectual da estrutura de caráter e da civilização dos últimos 5.000 anos. Incorre também na hostilidade tanto dos mecanistas quanto dos místicos, passando a ser uma ameaça a ordem estabelecida. Na realidade, as únicas duas pessoas que, na opinião de Reich, se anteciparam às suas descobertas, Jesus Cristo e Giordano Bruno (1548-1600)²⁵, foram ambas martirizadas.

A nova forma de pensamento, sentimento e experiência que surge quando a significação do orgasmo é compreendida totalmente recebeu de Reich o nome de "funcional", tendo este termo sido escolhido por ele para diferenciar a sua posição da dos místicos. Indica que os organismos funcionam da maneira como o fazem, simplesmente porque a sua natureza é fazê-lo assim e não, como os

25- Giordano Bruno morreu queimado pela Inquisição Romana por sua adesão ao panteísmo (identificação entre Deus e o mundo).

místicos afirmam, por mando de algum propósito ou poder mais elevado. Em particular, é da natureza do homem - e, na realidade, como Reich veio a acreditar, de todos os organismos vivos e até de partes de organismo - lutar pelo orgasmo recorrente.

Reich não acreditava, porém, que os orgasmos que são conhecidos da maioria dos membros da nossa sociedade sejam exemplos da fusão bem sucedida do mecânico e do místico. Ao contrário, afirmava que a armadura defensiva contra a sexualidade e as forças vitais estava tão generalizada que a maioria dos seres humanos jamais experimentaram o orgasmo.

Para explicar os pressupostos acima descritos, recorreremos a um dos principais conceitos da teoria psicanalítica de Reich que é o da "couraça muscular do caráter". Para entender o que é a couraça muscular do caráter é necessário entender o modo de funcionamento do corpo humano, segundo o modo de pensar de Reich.

Segundo Reich, paralelamente à coluna vertebral corre uma energia chamada vital. Perpendicular a essa energia vital Reich relacionou sete anéis (ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e anel pélvico). Esses anéis, que devem ser entendidos como se fossem cintos, comprimem a energia vital e são responsáveis

pelo bloqueio muscular. De acordo com Reich, esses anéis devem ser trabalhados de cima para baixo, assim, o primeiro anel a ser desbloqueado é o ocular, em seguida, o oral e assim sucessivamente até chegar ao anel pélvico.

Reich explicava que usava essa ordem porque acreditava que todos os conflitos da pessoa estão na sexualidade.

Os problemas são resolvidos, de acordo com Reich, quando os anéis são abertos e a sexualidade pode fluir. Para Reich, antes de trabalhar os anéis é preciso trabalhar a força vital. Para trabalhar essa energia, um aspecto fundamental é a respiração. De acordo com Reich, respiração é o contato do indivíduo com o mundo externo e o contato do mundo externo com o interior do mesmo indivíduo.

Para Reich, nossa respiração está ligada aos nossos sentimentos e emoções²⁶. As repressões que sofremos fazem com que, inconscientemente, respiremos cada vez menos, tenhamos menos troca do mundo externo com o mundo interno. Menos troca de oxigênio com gás carbônico. Conseqüentemente, o nível de energia vital que passa a trabalhar com um mínimo de intensidade para garantir apenas a sobrevivência. Essas circunstâncias se refletem no sistema muscular, no sistema

26- Rycroft no livro já citado, coloca o seguinte exemplo: quando levamos um susto, engolimos o ar pela boca e travamos o diafragma. Paramos nossa respiração quando nos assustamos.

cardiorrespiratório, que não terão a mesma qualidade. Entre as fibras musculares, por exemplo, existe um líquido que serve como uma espécie de lubrificante entre os músculos antagônicos. A falta de oxigenação no sangue diminui o índice de cálcio nesse lubrificante e aumentam as possibilidades de câimbras, artrites, bursites, etc. A pessoa vai perdendo a mobilidade e a expressividade.

Para reverter o quadro, o fundamental para Reich é o conveniente processo de respiração para que o corpo trabalhe integralmente, para que o corpo adquira tônus muscular, cor, temperatura, etc. De acordo com Reich, uma série de doenças de fundo psicossomático poderiam ser curadas a partir de seu tratamento.

Reich afirmava inclusive que, doenças como o câncer - uma biopatia²⁷- poderiam ser curadas com seu acumulador de orgone²⁸.

A descoberta dos benefícios da respiração, não é um patrimônio de Reich. Há muitos anos os orientais se utilizavam da respiração para promover o surto da catarse. Reich dizia que, quando uma pessoa acelera a respiração,

27- Doenças de base psicossomática que afetam o sistema imunológico. Reich tratou do assunto no livro "Psicopatologia do câncer", não traduzido para o português.

28- Os "acumuladores de energia orgone", eram construídos com camadas alternadas de 1½ de aço e 1½ de pedra ou de vidro, com tábuas nacias de celotex nas paredes externas. Aparentemente tinham a forma de uma cabine de telefone. O livro de Reich que trata mais especificamente do assunto é "A Função do Orgasmo", 1983.

inspirando e aspirando, num curto espaço de tempo começa a sentir tontura porque aumenta a carga de oxigênio no corpo.

Para Reich, é possível usar a respiração para controlar determinado grupo de pessoas. Essa respiração pode ser dissimulada em um cântico ou uma oração. O grupo, então, entra em um processo chamado de hiperventilação que pode levar a convulsões.

é em Reich que encontramos maiores possibilidades de respostas para as curas que ocorrem no pentecostalismo. O processo de respiração levado a cabo nos cultos pentecostais, provoca a liberação da energia vital que estava "estrangulada" e a sensação de leveza e bem estar daqueles que ainda a pouco haviam entrado no culto estressados pelo cotidiano é visível até pelo entusiasmo com que, no final, brindam o pastor com generosas dádivas.

A RELIGIOSA PSICOLOGIA DE JUNG

A religião está presente na vida de Freud, se bem que considerada por ele como um fator negativo. Pessoalmente não se dizia religioso e nos seus escritos deixou claro a necessidade de eliminar a religião da vida do homem. Entre seus seguidores, porém, encontramos Jung com posição

contrária à dele. Sua obra²⁹ contém uma abordagem mais generosa em relação à religião.

Segundo Jung a vida consciente do homem é muito efêmera e restrita. Considera o inconsciente de modo diferente do de Freud.

Na sua concepção é errado reduzir tudo à pulsão sexual. Reconhece a sua importância, principalmente na primeira fase da vida humana, mas acredita que só um complexo muito mais amplo, uma fonte de energia muito mais abrangente pode satisfazer as variedades das necessidades humanas. Ele chama esta raiz de "libido" ou energia psíquica. A atuação desta, porém, deve ser entendida diferentemente dos modelos clássicos utilizados nas ciências naturais. Estes explicam tudo mecanicamente, isto é, por causalidade, ao passo que na libido se constata tendências dirigidas a um fim. Ela não apenas se relaciona com a sua fonte, mas indica um alvo que atrai. A energia, no homem, atinge, portanto, um nível diferente do constatado no mundo material. Por isso, não basta falar da socialização ou de sublimação de energia, como faz Freud. Da mesma maneira as causas das doenças psíquicas podem variar: em certos casos decorrem da falta de descarga do instinto sexual, em outros, porém, residem na dificuldade de exprimir a energia

29- As principais obras consultadas para compreensão da religião em Jung, foram: "Jung - Vida e Obra" de Nise da Silveira, 1981 e "Psicologia da Religião" do próprio Jung, 1987.

acumulada em nível adequado. Assim, ela reflui a nível mais baixo: a energia, procurando a saída, utiliza imagens de um nível, embora represente a realidade de um outro. Esta é a característica dos símbolos.

Segundo Freud, o dinamismo do inconsciente é pessoal. Consiste na cristalização das tentativas de satisfação instintual experimentadas na infância da pessoa. Jung acha que o inconsciente acumulado na vida do indivíduo representa apenas uma camada bem tênue. O inconsciente verdadeiro é o "inconsciente coletivo", que se sedimentou no decorrer dos séculos. Penetra na nossa vida pelos canais dos arquétipos³⁰ e se exprime principalmente nos símbolos e nos mitos.

O símbolo pode ser considerado como a expressão individual do arquétipo. Individual, primeiramente no sentido de que ele nos revela uma realidade determinada, se bem que, de inesgotável riqueza. A água ou o anel enquanto símbolos não significam apenas algo potável ou um pedaço de metal circular. Expressam a purificação, o refrigério, a união dos corações e tudo o que isto comporta. Usamos símbolos justamente porque a realidade que desejamos comunicar é inesgotável. O objeto externo, no caso a água ou o anel, constitui elemento indispensável nesta comunicação.

30- Arquétipos são "... imagens semelhantes a motivos repetidos em toda parte e por toda a história..." Dicionário Crítico de Análise Junguiana, Andrew Samuels e outros, pag. 38.

Mas sem a energia interna do homem, o sinal externo nunca será um símbolo. Assim, quando se afirma que o desejo que a alma experimenta por Deus é semelhante à procura da água pelo animal, ou quando Cristo afirma ser ele a fonte de água viva, deseja exprimir que a realidade em questão é muito mais ampla do que a palavra "água" em si significa, se bem que se saiba que ela de alguma maneira representa esta também. O conteúdo do símbolo é bem mais rico do que o simples sinal, do que a pura palavra. Os símbolos revelam que o homem é muito mais do que a pura razão, a capacidade de abstração.

Para Jung, os símbolos invadem nossa alma principalmente durante o sonho, nas criações artísticas, nas imagens de fantasia normais e doentes. Por sua natureza exprimem algo do inconsciente coletivo. conseqüentemente, nunca conseguiremos esgotar plenamente seu significado. Cabe ao homem aprender a conviver com seus símbolos em vez de querer racionalizá-los a todo custo. A aceitação desse princípio abre o caminho à saúde mental. O eu consciente pode esclarecer diversos pontos sobre as imagens oníricas. Mais importante é, porém, aceitar que elas também pertencem a nós mesmo, ao nosso "self"³¹. O eu consciente, o inconsciente individual e o inconsciente coletivo, juntos,

31- "Self" pode ser definido como uma incitação arquetípica para coordenar, relativizar e intermediar a tensão dos opostos. Por meio do self, é-se posto em confronto com a polaridade de bem e mal, humano e divino. A interação exige um exercício de liberdade humana máxima perante solicitações aparentemente incompatíveis com a vida; o único, exclusivo e decisivo árbitro é a descoberta do significado". (op.cit. pag. 195)

formam este "self". A construção de nós mesmos, a "individualização", consiste precisamente neste desabrochar, neste harmonizar, neste "integrar" de todas as capacidades e potencialidades escondidas em nós. Esta integração se efetua por meio dos símbolos, com os quais se exprimem o self e seu grau de desenvolvimento. Nesse sentido, também o símbolo será algo individual: um arquétipo individualizado. Assim, no exemplo acima citado, a presença de objetos inanimados no sonho indica um grau ainda bem rudimentar do processo de individualização. O símbolo do self bem integrado é a "mandala"³². Está representada no círculo com quatro secções: sensação, pensamento, sentimento e intuição.

A mandala representa, nas religiões da Índia, a experiência religiosa e lhes serve de caminho de expressão. Jung encontrou desenhos semelhantes a ela nos seus pacientes. Quanto mais se aproximavam da cura, isto é, do encontro consigo mesmos, com seu próprio self, tanto mais perfeitas eram suas mandalas. A mandala é, portanto, um símbolo individual, mas como nasce do inconsciente coletivo, encontra-se nos povos mais diversos. E neste sentido é, também, fruto do inconsciente coletivo.

O inconsciente das coletividades se manifesta nos

32- "Palavra sânscrita que significa "círculo mágico". refere-se a uma figura geométrica em que o círculo está circunscrito em um quadrado ou o quadrado a um círculo; possui subdivisões mais ou menos regulares, dividido por quatro ou múltiplos de quatro, irradia-se de um centro ou se move para dentro dele, dependendo da perspectiva da pessoa. (op. cit. pag. 124)

mitos. Estes são narrações nas quais a coletividade expõe sua origem, seu relacionamento com o mundo, a atuação das forças sobrenaturais, acontecimentos extraordinários. Estão cheios de símbolos e de referências alegóricas. Querem comunicar os mistérios, sem desvendá-los àquele que quer aproximar-se deles só pela lógica abstrata ou por explicações de causalidade mecânica. Entre povos diferentes encontramos mitos semelhantes porque nascem do inconsciente coletivo.

Os arquétipos não representam, portanto, uma unidade de conteúdo. Devem ser concebidos antes como disposições para facilitar as elaborações mentais. São canais, caminhos através dos quais a energia psíquica se revela. A eles se somam as experiências individuais e as das diversas coletividades. A estrutura comum dos mitos representa a influência dos arquétipos mais fundamentais. A experiência específica de uma tribo, de um povo, fundamenta a especificidade peculiar do mito comum.

Para Jung, Deus existe "empiricamente" no homem, isto é, enquanto ele se manifesta na vida do homem, enquanto este tem experiência religiosa, porque o *tremendum*³³ e o

33- *Tremendum* é uma característica do "numinoso" que é "uma instância ou efeito dinâmicos não causados por um ato arbitrário da vontade. Pelo contrário, ele arrebatava e controla o sujeito humano, que é sempre antes sua vítima que seu criador. O numinoso - indiferentemente quanto a que causa possa ter - é uma experiência do sujeito independentemente de sua vontade. (...) O numinoso é tanto uma qualidade pertinente a um objeto visível como a influência de uma presença invisível que causa uma peculiar alteração da consciência. (op. cit. pag. 135-136)

fascinante arrebatam o homem. Ele constata que a crença em Deus existe em todos os povos da terra. E quando encontramos um fenômeno psíquico tão universal e persistente, estamos face a uma realidade psiquicamente objetiva. O que atua, existe, diz Jung. De acordo com Jung, seus pacientes acima de 35 anos, tinham como maior problema a questão da religiosidade. Eram pessoas que ficaram doentes porque perderam aquilo que as religiões vivas, em todos os tempos ofereceram a seus fiéis, e que nenhum havia se curado antes de encontrar novamente a religião.

Jung afirma que as grandes religiões do mundo ajudam o homem a realizar a sua individualização. elas servem de suporte e de orientação, para que o homem possa encontrar-se com uma poderosa fonte de energia psíquica, com o numinoso, sem ser destruído por ele. Porque o rompimento das forças inconscientes pode ser perigoso. As religiões seculares, por um lado, favorecem este encontro, e, por outro, diminuem seus riscos. Por exemplo, ele considera os dogmas como meios muito apropriados para este fim: são os símbolos acessíveis e, por isso, vivificantes. Daí ser compreensível, segundo Jung, porque os católicos sentem menos necessidade de recorrer ao psiquiatra ou ao psicólogo. Os sacramentos os ajudam a viver os dogmas, isto é, tanto emotiva quanto intuitivamente, representam o conteúdo da fé. No catolicismo existe, porém, perigo de se passar ao ateísmo ou a outra religião quando se começa a duvidar da fé. Os

protestantes não têm dogmas, ou pelo menos não tantos, nem têm uma vida sacramental tão intensa. Falta-lhes este auxílio cristalizador e protetor. No entanto, a interpretação pessoal da Bíblia acentua neles a vivência da liberdade. Por isso, na concepção de Jung, há menor número de protestantes que se tornam ateus; no máximo, passam para outra Igreja protestante.

Jung percebeu a importância dos símbolos na vida dos indivíduos. Nossa sociedade é marcada por símbolos do prazer e da felicidade que são inacessíveis aos despossuídos. O pentecostalismo oferece símbolos alternativos que compensam a ausência daqueles oferecidos pela sociedade de consumo e possibilitam a individualização e o reconhecimento em um espaço que muitas vezes lhes é estranho.

Os autores citados, como vimos, pensaram a religião de diferentes maneiras, mas, de qualquer forma, ela esteve presente em suas reflexões, demonstrando que não é por acaso que a mais forte moeda do mundo traz gravada em si a seguinte afirmação: "*In God We Trust*"³⁴.

34- "Nós confiamos em Deus".

CAPÍTULO III

**PENTECOSTALISMO:
OS AGENTES DO
PODER**

CAPITULO III

PENTECOSTALISMO: OS AGENTES DO PODER

A Reforma³⁵ ocorrida na Europa, chegou ao Novo Mundo de maneira complexa, multiplicando as contradições religiosas existentes. Especialmente na Inglaterra a complexidade do movimento já se prolongara por um certo tempo, a rigor na primeira metade do séc. XVII. No entanto, uma visão retrospectiva mostra que naquele país, onde se originaram os principais movimentos de dissidência religiosa, o campo de lutas da Reforma se esboça numa divisão tripartida : a Igreja da Inglaterra num dos vértices do triângulo, confronta-se com o movimento puritano - que, no seu interior, procura impulsioná-la para uma Reforma mais ampla e profunda - e com as chamadas "igrejas livres" - que, aos poucos, se organizam em torno da radicalização do puritanismo.

A dissidência religiosa da Reforma produziu na Inglaterra a luta por liberdades religiosas e fez com que princípios teológicos afetassem o complexo sócio-político da Grã-Bretanha. A Reforma da Igreja na Inglaterra assumiu as linhas teológicas calvinistas mas, em compensação, na liturgia, o seu aspecto mais forte, ao mesmo tempo em que mantinha as sólidas tradições da Igreja Medieval, introduzia

35- Ficou conhecido pelo nome de Reforma o cisma na Igreja Católica ocorrido na primeira metade do século XVI, liderado por Martin Lutero.

traços significativos das principais contribuições litúrgicas produzidas pela Reforma Luterana.

A Igreja da Inglaterra, ao absorver traços significativos do culto luterano em sua liturgia medieval, distanciou-se muito do culto calvinista, cujas linhas teológicas estavam na base de sua declaração de fé. é nesse sentido que podemos falar em contradição íntima dentro da Igreja da Inglaterra. Por outro lado, o clero tradicional, ainda formado nas linhas da Igreja Medieval, não acompanhava, em sua maioria, os novos padrões éticos da Reforma. Assim, os ventos da Reforma vindos do continente impeliam as pessoas a desejar a Reforma completa de sua Igreja ou, na impossibilidade de conseguirem tal coisa, a reivindicarem o direito de não pertencer a ela e de organizarem outra ou outras em que as contradições em relação à Reforma fossem superadas. Esses desejos e reivindicações de direitos religiosos é que constituíram a base do puritanismo, movimento amplo que foi a base sobre a qual se constituíram as igrejas livres. O puritanismo, portanto, constitui o amplo espectro sob o qual se originou todo o protestantismo do continente americano com seus princípios de liberdade religiosa em relação ao Estado - liberdade litúrgica e ascetismo moral.

Mas, enquanto na Europa houve uma relativa cristalização do que houve na Reforma e na Pós-Reforma, no

continente americano o protestantismo continua apresentando intenso poder automodificador, que se expressa na multiplicação contínua de igrejas e movimentos.

O PROTESTANTISMO NORTE AMERICANO

O protestantismo latino-americano é uma projeção do norte-americano. Direta ou indiretamente, as igrejas latinas nutrem-se do ideário da religião civil norte-americana. O ideário das igrejas americanas é marcadamente tradicionalista e conservador, repassando esse ideário às igrejas latino-americanas. Este fator constitui um dos pontos importantes para se compreender o comportamento das igrejas de nosso continente.

Se a fundação da nação norte-americana se deu sob a inspiração de um ideário messiânico³⁶, messianismo que pareceu ser objetivamente verdadeiro a partir do século XIX até os primeiros anos após a Segunda Guerra Mundial, quando sua influência pelo mundo se tornou avassaladora, esse ideário passou em seguida a ser ameaçado em sua hegemonia pelo surgimento de um outro bloco político-militar poderoso que pôs em xeque essa hegemonia. Além disso, sucessivos

36- O "Destino Manifesto" foi uma das facetas desse messianismo. Enraizado no senso comum popular e na religião, o Destino Manifesto resumia o sonho missionário de estender o princípio da "União" até o Pacífico, através da ocupação de todo o continente pelo povo americano. Essa ideologia serviu para legitimar o processo de povoamento dos territórios do oeste.

insucessos na política externa, inclusive em conflitos armados, despertaram a nação americana para sua "vocação messiânica". Os discursos político-religiosos assumiram o tom profético de condenação das causas dessa ameaça a sua hegemonia. É ilustrativo nesse sentido, a fala do presidente Ronald Reagan em 1982, na Associação Nacional de Evangélicos:

"Sempre achei que este país abençoado fora especialmente poupado, que um plano divino havia colocado este grande continente aqui, entre os oceanos, para que pudesse ser encontrado por pessoas do mundo inteiro que mostrem um amor particular pela fé e pela liberdade"³⁷.

A igreja pentecostal, uma das ramificações do protestantismo americano, tem sido a porta-voz interna e externa desse messianismo que utiliza todos os instrumentos colocados a disposição pela moderna tecnologia para sua divulgação. Um desses instrumentos é a chamada "igreja eletrônica" que dispõe de rádios (inclusive rádios piratas) e TVs ³⁸.

37- Citado de Gilles Keppel, "A Revanche de Deus", 1992, pag. 148. No rastro desse pronunciamento, Reagan viria a transformar o ano de 1983 como o "Ano da Bíblia".

38- Sobre a Igreja eletrônica existe o importante estudo de Ralph Della Cava e Paula Montero "...E o Verbo se Fez Imagem", 1991. O estudo é sobre os meios de comunicação como uma nova forma de ampliação do poder e de evangelização da Igreja Católica no Brasil. Outro livro sobre o tema é "A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina" de Hugo Assmann, Ed. Vozes, que estuda até que ponto a comercialização dos símbolos religiosos afeta a consciência e a capacidade de luta dos oprimidos por

Pentecostalismo, conforme ROLIM (1985), vem da idéia de Pentecostes, fenômeno verificado depois que Cristo morreu, quando os discípulos reunidos estabeleceram uma comunhão entre si e falaram línguas estranhas. A explicação cristã fala na comunicação espiritual entre pessoas, mas os seguidores do pentecostalismo interpretaram de maneira diferente e passaram a adotar esse nome, acreditando que o fenômeno (a comunicação deles com o Espírito Santo) continua a se repetir.

O pentecostalismo é uma ramificação do protestantismo histórico. Surgiu no início do século XX. Como crença religiosa protestante, ele é orientado por uma ética puritana que, segundo Max Weber, foi fundamental para a formação do espírito do capitalismo moderno, pois veio auxiliar a incessante acumulação de capital e a conformação do capitalismo liberal. O puritanismo introduziu o conceito de que o trabalho salva e o dinheiro é bem vindo. São manifestações da "glória divina". Dentro dessa perspectiva, o lucro só poderia ser gasto com o absolutamente necessário à subsistência pessoal e o restante deveria ser revertido no trabalho sob a forma de investimento. Portanto, o pentecostalismo ao comportar uma raiz puritana, irá,

seus direitos neste mundo. Vários artigos de jornais também trataram do tema: "Igreja eletrônica movimenta 2 bilhões de dólares; nos EUA" (Folha de São Paulo, 10.07.88), "Pastor monta megaigreja yuppie nos EUA" (Folha de São Paulo 25.12.91) ou "Igreja Universal compra jornal e TV em Minas" (Folha de São Paulo, 1.5.92).

auxiliar a reprodução das relações sociais capitalistas.

Outra característica do movimento pentecostal é a crença no milênio. Na tradição cristã, o milenarismo está fundamentado pela crença messiânica aliada à crença do fim do mundo. No pentecostalismo protestante, o Milênio está orientado para a segunda vinda de Cristo ao mundo: ele é o salvador - o Messias. Os pentecostais, em geral, depositam, no retorno de Jesus Cristo à Terra, a esperança de viverem em outro mundo, um mundo sem males e sem sofrimentos. Para eles, esse mundo melhor não será produto da ação do homem como ser social, mas do julgamento e da ação do referido Messias que instalará seu reino na Terra.

PENTECOSTALISMO NA AMÉRICA LATINA

De acordo com a revista Altercom do México³⁹, a invasão maciça das seitas na América Latina começou após 1969 quando, depois de uma viagem pelo continente, o secretário de Estado norte-americano Rockefeller, elaborou um relatório alertando o então presidente Nixon, de que a Igreja Católica não era mais um aliado confiável e que era imperativo fortalecer e incentivar as igrejas e seitas conservadoras existentes nos Estados Unidos a buscarem mais fiéis na América Latina. A partir daí, começam as missões

39- O artigo que cito da revista estava disponível apenas em xerox, sem data de publicação.

evangelizadoras americanas de forma organizada e sistematizada em grande escala.

Em 1981 era publicado o relatório Santa Fé I⁴⁰ que considerava em sua Proposição 3 do Capítulo II sobre a "Subversão Interna":

"A política externa dos E.U.A. deve começar a enfrentar (e não simplesmente a reagir a ela posteriormente) a teologia da libertação tal como é utilizada na América Latina pelo clero da "teologia da libertação".

Em 1990 vinha a público o Documento Santa Fé II, que nos mesmos moldes do primeiro, intitulava-se "Uma estratégia para a América Latina nos anos 90"⁴¹ e afirmava sobre a teologia da libertação em um capítulo intitulado "A Ofensiva Cultural Marxista":

"É uma doutrina política disfarçada de crença religiosa, que tem um significado contra o Papa e contra a livre empresa, a fim de debilitar a independência de

40- Esse relatório foi publicado pelo editora Hucitec com o título de "Documento Secreto da Política Reagan para a América Latina" em 1981. Era um documento preparado pelo Conselho de Segurança Interamericana, para servir de subsídio ao governo Reagan.

41- Publicação do Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae, s/d.

sociedade ante o controle estadista. trata-se de um retorno ao Galicismo do século XVII, onde reis por direito divino procuravam subordinar a Igreja, que era tradicionalmente independente. Desse modo, vemos a inovação da doutrina marxista enxertada num antigo fenômeno religioso e cultural".

O "Boletim Informativo Honduras" de março de 1983, afirmava existir nos Estados Unidos, como corolário do Relatório Santa Fé, o "Instituto sobre Religião e Democracia", que possuía como presidente a ex-embaixadora norte-americana nas Nações Unidas, Jane Kirkpatrick, e que subsidiava a criação de igrejas evangélicas na América Latina.

A grande maioria das igrejas evangélicas norte-americanas concentradas na América Latina é composta de igrejas pentecostais e fundamentalistas⁴² em menor número. Um dos movimentos mais fortes é a *Campus Crusade for Christ* - ou Cruzada Estudantil e Profissional em prol de Cristo -, que entrou na Guatemala em 1964 e de lá se espalhou por

42- Designação dada a um movimento religioso que se desenvolveu nos EUA durante a 1ª Guerra Mundial. Baseia-se na crença do nascimento virginal de Cristo, na ressurreição física dos mortos e na exatidão da Bíblia em todos os seus detalhes, por ser a palavra inspirada por Deus. Tornou-se tema de discussão mundial quando o professor J.T.Scopes da escola Dayton (Tennessee) foi perseguido judicialmente por ter ensinado a doutrina da evolução para seus alunos de uma escola do Estado (Na época, era necessário atender as exigências da religião).

todos os países próximos. A frente do movimento estava Bill Bright, famoso como o mais conservador dos evangélicos americanos e por suas ligações com a direita republicana, segundo informações do *Reports on the Americas*, boletim do Congresso Norte-Americano sobre a América Latina (NACLA).

Os resultados dessa política não tardaram a aparecer. Na própria Guatemala, por exemplo, o General Efraín Ríos Montt - líder da Igreja do Verbo - que liderou o golpe de estado em 23.03.82, ao assumir o poder foi à televisão para dizer:

"Boa noite guatemaltecos. Graças dou a meu Senhor e a meu Rei, por me permitir chegar a esse lugar..." (REVISTA ALTERCOM, s/d, p. 22).

A Igreja do Verbo era uma igreja fundada com o apoio dos Estados Unidos. Introduzida no país a partir do terremoto de 1976 com o objetivo aparente de ajudar os desabrigados, logo converteu-se em uma organização política, que todos queriam pertencer para alcançar algum poder, ou por medidas de segurança. Um jovem afirmava:

"Nestes dias, não se quer mais pertencer a partido político e sim à Igreja do Verbo. Dessa Igreja saíram todos os

ministros do governo Ríos Montt" (idem, p. 24).

Entre as inúmeras entidades que prestavam serviço ao governo de Ríos Montt, merece destaque a Fundação de Apoio aos Povos Indígenas. Esta fundação recolheu milhões de dólares sob o pretexto de ajudar os índios da Guatemala. No entanto, o próprio presidente afirmava em Dezembro de 1982 a um grupo de analistas norte-americanos que investigavam a morte de índios que:

"... o exército não mata os índios e sim massacra os demônios, pois o índios estão endemoniados, uma vez que são colaboradores dos guerrilheiros comunistas" (idem, p. 24).

No Chile, o apoio político dos pentecostais⁴³ foi importante para o governo militar que instaurou uma ditadura em 1973, derrubando o governo de unidade popular, de inspiração marxista de Salvador Allende.

Acreditavam que o fim de Allende era a expressão do poder de Deus. Esse fim era a prova do anti-socialismo divino. "Infelizes aqueles que sucumbiram à tentação

43- Importante estudo sobre o histórico do protestantismo no Chile é o livro de Christian Lalive D'Epinay, "O Refúgio das Massas", 1970.

marxista" afirmavam em artigo no jornal "Mercúrio" de 19.12.74. E continuavam no mesmo artigo intitulado "O marxismo, expressão máxima da força satânica das trevas", que o acontecimento constituiu a prova de que o "marxismo é por excelência o reino do maligno".

Mais recentemente, um líder de direita Guatemalteco, o empresário conservador Jorge Serrano Elias, que serviu no governo de Rios Montt, se elegeu presidente com o apoio dos grupos evangélicos. Tentando seguir seus passos, os evangélicos nicaraguenses, fundaram um partido político com o objetivo de assumir a presidência da república e eliminar de vez "o demônio sandinista" (JORNAL "ACONTECEU", 1991, p. 9).

Antes disso, de acordo com o depoimento do pastor Miguel Argel da Assembléia de Deus, publicado pelo "Informativo Católico Latino-Americano", foram construídos 300 novos templos evangélicos em Manágua e cada um levava um nome diferente. Todos distribuíam literatura que defendia abertamente o imperialismo e pregava o boicote ao governo sandinista. Todo mal que ocorria era atribuído pelo pregadores a um "castigo divino pelo rumo comunista da Revolução".

No Peru, o engenheiro Alberto Fujimori foi vitorioso nas últimas eleições presidenciais, graças ao

apoio das igrejas evangélicas que encontraram no candidato um aliado. Os evangélicos conquistaram a segunda vice-presidência da República, com o pastor batista Carlos Garcia e a maior representação evangélica jamais vista no parlamento com 14 deputados e 4 senadores. As igrejas evangélicas do Peru foram nitidamente utilizadas no período pré-eleitoral, como força motora da campanha pró-Fujimori (JORNAL "CONTEXTO PASTORAL", 1991, p. 5).

Assim é que, o pentecostalismo cresce com o apoio das forças mais conservadoras no continente. Já são 80% do protestantismo latino-americano. Seu número de adeptos cresceu de 4 milhões para 40 milhões nos últimos 30 anos (Idem, p. 5). E parece que vai continuar a crescer.

O PENTECOSTALISMO NO BRASIL

O pentecostalismo se instalou no Brasil em 1910 com a fundação da Congregação Cristã no Brasil. No ano seguinte surgiu a Assembléia de Deus. Ambas fundadas por missionários que passaram pelos EUA. A Evangélica Quadrangular é mais recente, 1948; a Brasil para Cristo é de 1955 e a Deus é amor fundada pelo Missionário David Miranda, é de 1962. A Igreja Universal do Reino de Deus, do "bispo" Macedo, foi fundada em 1977.

Uma das características do pentecostalismo é sua facilidade de multiplicação. Essa divisão foi estimulada pelo governo durante a ditadura militar que impunha grandes restrições à entrada de missionários católicos ou protestantes históricos, enquanto os missionários Batistas, Mórmons, Testemunhas de Jeová e pentecostais norte-americanos não sofreram qualquer restrição, chegando e se multiplicando em grande número, afastando as pessoas dos problemas políticos e sociais.

Para melhor compreensão da expansão do pentecostalismo no Brasil, podemos dividi-la em 3 fases de acordo com ROLIM (1985).

A primeira fase da expansão do pentecostalismo, segundo ROLIM (1985) vai de 1900 a 1935. Em São Paulo, a primeira Igreja Pentecostal surge no Brás, um bairro operário, em 1911, produto de uma divisão entre evangélicos da Congregação Cristã. É conveniente destacar que São Paulo era um emergente centro urbano no início do século onde começava a convergir grande contingente de mão-de-obra. O pentecostalismo é, essencialmente, um fenômeno urbano de acordo com estudiosos do tema⁴⁴.

O incipiente operariado urbano que fervilhava com

44- Principalmente as obras já citadas de Beatriz Souza e Catarxo Rolim caminham nessa direção.

os ideais anarquistas, narco-sindicalistas, etc., vão encontrar nos pentecostais, radical oposição ao seu movimento.

A crise do café em 29, provocou a liberação da mão-de-obra do campo para a cidade, tornando necessário novos mecanismos de controle social.

O pentecostalismo atendia a essas exigências da ordem social vigente e continua se desenvolvendo durante a segunda fase da expansão do pentecostalismo que vai de 1935 a 1950. As regras impostas pelo Estado Novo, coadunavam-se com o pentecostalismo e suas práticas como afirma Rolim:

"O pentecostal deve ser ordeiro e respeitador da ordem estabelecida e de suas autoridades. Os pentecostais cuidavam do religioso e da conduta honesta e moralizante, de que se excluía qualquer questionamento sobre o que era decidido pelas autoridades constituídas" (idem, p. 81).

Entre as grandes transformações da época, é importante salientar que, após a segunda guerra mundial, quando a "indústria consolida seu papel de eixo-dinâmico da economia" (SERRA, 1983, p. 57), intensifica-se a

urbanização.

A terceira fase da expansão do pentecostalismo no Brasil começa a partir de 1950 com a criação da Igreja do Evangelho Quadrangular, o Brasil para Cristo e uma série de igrejas menores. Registra-se então, uma atomização das igrejas pentecostais. ROLIM (1985) entende esse momento como um marco da utilização política do movimento religioso. O autor sugere que esta atomização tenha se dado como fenômeno paralelo à emergência das lideranças populistas mediatizadas pelas agremiações partidárias.

"É nesta fase populista que "O Brasil para Cristo" entra na política e vários de seus membros são eleitos deputados. É ainda nessa época que surgem outras tendências religiosas a enfatizar o dom de cura e a religiosidade protetora, como a Igreja Deus é amor" (idem, p. 84-85).

A partir do golpe militar, os pentecostais, portadores da ética puritana, tinham todas as condições de contribuir para a reordenação da sociedade dentro dos moldes do novo regime político.

Assim, a apatia dos pentecostais em relação ao

momento político era uma forma utilizada pelo Estado de combater as possíveis manifestações reivindicativas que pudessem surgir da população. As igrejas pentecostais, diferentemente da Igreja Católica, estrategicamente vão ocupando os vazios religiosos e de poder entre a população, garantindo um espaço próprio de atuação. Na medida que a cidade ia crescendo, ocupando desordenadamente o solo, a dificuldade da Igreja Católica, enquanto instituição, de se instalar era muito maior do que a igreja pentecostal que precisa apenas de uma garagem ou um pequeno quarto. Some-se a isso, a carência crescente de evangelizadores católicos.

Como citado anteriormente, na medida que avançava a urbanização brasileira, crescia também o pentecostalismo. A respeito do crescimento urbano, SANTOS (s/d) afirma:

"entre 1940 e 1980 dá-se uma verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira (...). Nesses quarenta anos triplica a população total do Brasil, enquanto a população urbana se multiplica por sete vezes e meio (...). Hoje a população urbana brasileira se aproxima a 75%". E nesse processo "os anos 60 marcam um significativo ponto de inflexão" (idem, p. 1).

é dentro desse quadro sucinto que o movimento pentecostal cresce por todo Brasil.

Atualmente, é praticamente impossível saber quantos são exatamente os pentecostais e quantos são os seus templos. O certo é que o fenômeno cresce a ponto de ser considerado pela Revista Veja (16.05.90), como "O fenômeno social mais vigoroso deste final de século".

ROLIM (1981) acredita que o pentecostalismo brasileiro está relacionado à Igreja Metodista de Azusa Street. Nessa velha igreja abandonada, dois grupos se formaram para louvar a Cristo. De um lado, brancos que rejeitavam qualquer proposta de relacionar a religião a questões sociais. Do outro, negros que buscavam na palavra de Cristo um instrumento para sua libertação. Rolim vincula o segmento dos pentecostais brancos americanos, aos pentecostais brasileiros.

"O movimento pentecostal que se instalou no Brasil, no início da segunda década do século XX, tem suas origens próximas naquelas igrejas pentecostais dirigidas e freqüentadas por evangelicos de cor branca, à sombra das quais se traçava nítida dissociação entre práticas

religiosas e práticas sociais"(idem, p. 139).

Este relacionamento busca explicar o não envolvimento do grupo pentecostal em lutas sócio-políticas. é dentro desta linha de análise que o autor vem apontar a predominância, até a década de 60, do pentecostalismo brasileiro à esfera sacral. A partir desta década o movimento pentecostal parece penetrar no campo sócio-político, o que se acentua durante a década de 80. Interessante ressaltar que, enquanto o discurso pentecostal para a massa de fiéis é destituído de conotação política, os pastores interessam-se por esse tipo de atuação, contando para isso com determinados incentivos.

Já em 1984 a CNBB divulgava um documento da Missão Evangélica de França onde formulava as seguintes acusações:

"As seitas desenvolvem nos fiéis um espírito individualista, veiculam uma ideologia cultural anglo-saxônica, erigem o modo de vida da classe média norte-americana em modelo, são violentamente anticatólicos e têm sempre à mão um programa forjado nos Estados Unidos para contrapor aos programas sociais que surgem nos países onde

atuam" (DOSSIE SEITAS, s/d, p. 238).

Pode parecer uma argumentação tentadora e fácil relacionar a invasão das igrejas pentecostais a interesses do governo norte-americano, afinal, no século XIX, quando os protestantes chegaram ao Brasil, já eram acusados de serem agentes britânicos e, depois, norte-americanos.

Sabemos, no entanto, que a religião sempre foi um instrumento para dobrar a resistência cultural de vários povos. Portugueses e espanhóis com suas missões evangelizadoras já usavam esse expediente há séculos atrás.

No caso do Brasil, situado nas Grandes Galerias da rua 24 de Maio, no centro em São Paulo, funcionava uma espécie de quartel-general das missões americanas. Lá, estava estabelecido o "Missionary Information Bureau" que centralizavam a ação de 1.992 entidades americanas que se dedicavam a essa ampla ofensiva político-missionária⁴⁵.

Essas entidades subsidiavam a criação de novas igrejas e contavam para isso com o incentivo de uma legislação convidativa, uma vez que as igrejas, até hoje, dispõem de imunidade fiscal. Esse apoio do Estado à abertura de novos templos tornou-se um lucrativo negócio.

45- *Ibidem*, pag. 234. O livro de Delcio Monteiro de Lima, "Os Demônios desce do Norte", 1987, é um detalhado estudo sobre a utilização norte-americana da fé, como um instrumento de geopolítica. Em sua página 139, traz a relação das entidades evangelizadoras que se instalaram em São Paulo.

Em seu artigo 150⁴⁶, a Constituição Brasileira dispõe que é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos municípios, instituir impostos sobre os templos de qualquer culto. Por inserirem em seus estatutos a cláusula de "entidade sem fim lucrativo" não são consideradas empresas.

Os templos religiosos gozam também de isenção do "imposto sobre circulação de mercadorias e serviços (ICMS)⁴⁷, "imposto sobre serviços de qualquer natureza" (ISS), "imposto sobre produtos industrializados" (IPI) e, em geral, nem o "imposto predial e territorial urbano" (IPTU)⁴⁸. Um dos decretos que regulamentam o Imposto de Renda determina a isenção à sociedades e fundações religiosas⁴⁹. Para usufruir desse benefício, as entidades não podem remunerar dirigentes e distribuir lucros, além de aplicar todos os seus recursos em objetivos sociais⁵⁰. Exigências fáceis de serem burladas no próprio estatuto da igreja⁵¹.

46- Artigo 150, item 6, letra "c".

47- Decreto nº 33.118 de 14.03.91, artigo 89, anexo I, item 14.

48- Artigo 12, inciso II, alínea "g".

49- Decreto 85.450, de 4.12.80.

50- As isenções descritas estão também baseadas em artigo de "O Estado de São Paulo" de 07.01.90.

51- Pode-se inserir no Estatuto que a Igreja será mantida com "dízimos e doações" em troca de "acompanhamento de curas espirituais". Como o escrevente do cartório não tem obrigação legal de conferir os documentos de outros membros que não sejam os do presidente, os demais sócios da igreja podem ser, inclusive, pessoas já falecidas ou inexistentes, garantindo assim, a totalidade dos lucros da igreja.

Para se abrir uma Igreja, basta ir a um cartório de Registro de Títulos e Documentos, munido de uma ata de eleição de diretoria e estatutos sociais⁵² contendo o visto de um advogado, uma ata de fundação com o nome de pelo menos dois sócios e um requerimento para registrar os documentos. Normalmente, o único documento pessoal exigido é uma fotocópia da carteira de identidade do presidente. O advogado e os demais sócios não precisam de firmas reconhecidas.

Os passos seguintes para a legalização da igreja são a retirada do Cadastro Geral dos Contribuintes (CGC) e o pagamento dos INPS, caso a Igreja mantenha funcionários (o que dificilmente ocorre, pois os funcionários normalmente são voluntários).

Se a Igreja montar uma pequena escola ou creche, poderá se beneficiar de verbas públicas, de acordo com capítulo III da Ordem Social, seção I, título VIII, da atual Constituição brasileira, que destina recursos para escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas. A Igreja Tabernáculo de Volta à Palavra Original, na Vila Mirian, contando com modestas instalações, já possuía uma pequena creche em vias de legalização para receber verba pública.

52- Um exemplo de estatuto encontra-se em anexo.

OS AGENTES DO PODER

O pastor Walter, da Igreja Pentecostal Formosa na Freguesia do O, nos dá, através de depoimento, a dimensão do seu interesse em manter uma relação de troca entre a Igreja - o micro poder - e o Estado - o macro-poder.

"O governo é muito bom. A gente sempre apóia aqueles que nos ajudam. Como o próprio Senhor garantiu, "darás e receberéis". Aqui na minha Igreja, ninguém vota nesse pessoal do PT que é cheio de comunistas que não gostam de religião. Peço sempre prá votar em quem ajuda a gente".

O depoimento do pastor confirma a manchete do "Jornal da Tarde" (08.04.91) onde afirma: "Evangélicos: Um lobby que faz negócios", onde afirmava que a bancada evangélica, superior à bancada de 20 estados, se compõem com o governo, num jogo aberto de interesses.

As igrejas pentecostais participam ativamente da vida política do país através de seus agentes. No Congresso Constituinte, que em 1988 promulgou a atual Constituição brasileira, dos 470 deputados, 33 eram dos diversos segmentos pentecostais. Compunham a quarta bancada da

Assembléia e tinham postura conservadora, votando com freqüência em conjunto com o grupo chamado "centrão", designação com a qual ficaram conhecidos os deputados que se uniram supra-partidariamente, a favor das questões mais conservadoras. Orlando Pacheco (PMDB-SC) da Assembléia de Deus por exemplo, apoiou a UDR na questão da reforma agrária e Salatiel de Carvalho (PFL-PE) apresentou emenda constitucional contra o direito de greve.

A atuação desse grupo evangélico, também foi importante para a ampliação do mandato presidencial de José Sarney. A época, o presidente liberou 128 milhões de cruzados (625.763 dólares) para a Confederação Evangélica do Brasil (CEB), em troca de votos. O próprio projeto de ampliação do mandato do presidente foi do deputado pentecostal Matheus Ieses (PMDB-PR), membro da Assembléia de Deus e dono de emissoras de rádio em Curitiba (PR) e Florianópolis (SC). Pelo seu empenho no caso, ganhou a concessão de outras duas rádios (FOLHA DE SÃO PAULO, 10.07.1988). Exceção na câmara, é a deputada Benedita da Silva (PT-RJ) que se alinha sempre a favor das questões progressistas.

Na última eleição para presidente, os pentecostais apoiaram Fernando Collor. Promoviam reuniões onde afirmavam que Lula fecharia templos e perseguiria pastores, de acordo

com depoimentos de pastores e fiéis⁵³.

Recentemente, a Rede Record de televisão foi acusada pelo Jornal da Tarde (3.4.91) de ter inviabilizado o debate entre os então candidatos ao cargo de governador do SP, Maluf e Fleury. O debate, que vinha sendo temido pela assessoria de Fleury foi cancelado porque a Record se retirou do "pool" de emissoras que o transmitiria. A assessoria de Fleury só admitia o debate se todas as redes participassem. Dias depois, uma dívida de 2,5 milhões de dólares da Record era arquivada em virtude do BANESPA não ter cumprido determinados prazos legais.

O envolvimento da igreja pentecostal no meio político, objetiva facilitar sua atuação nas periferias das grandes cidades como no caso da Freguesia do O que veremos a seguir.

53- O atual Administrador da Regional da Freguesia do O, Roberto Lajolo, antigo líder de movimentos populares no bairro, foi quem nos colocou em contato com os pastores e fiéis que nos prestaram esses depoimentos. O recente artigo de Ricardo Mariano e Flávio Pierucci "O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor" (1992) reforça os depoimentos colhidos.

CAPÍTULO IV

**FREGUESIA DO O:
CARENCIA E
SEGREGAÇÃO**

CAPITULO IV

FREGUESIA DO O: CARENCIA E SEGREGAÇÃO

De acordo com o livro de Apontamentos Históricos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo (edição de 1789) a Freguesia do O foi fundada pelo sertanista Manuel Preto e sua mulher Agueda Rodrigues, na fazenda de propriedade do casal, localizada a cerca de 9,7 Km do centro de São Paulo, em 1610 (Mapa 1).

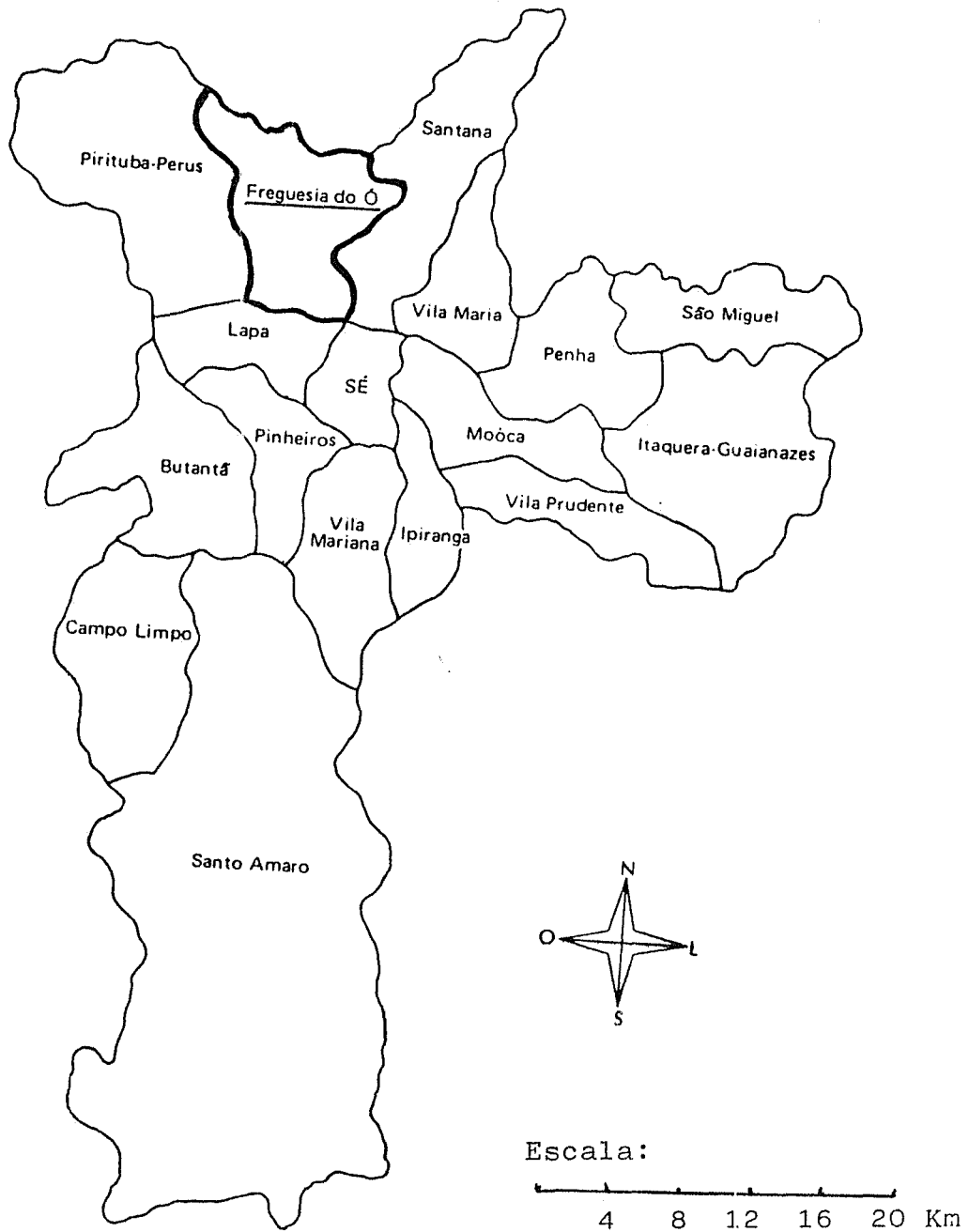
No arquivo da Cúria Metropolitana (In livro de Tombo da Sé. volume 19, Doc. 27, pag. 18 e 19⁵⁴) acha-se a petição de Manuel Preto para construir uma capela em suas terras alegando a distância da Vila de São Paulo⁵⁵ para o "cumprimento dos preceitos cristãos: assistência à missa e recepção dos sacramentos".

A pequena capela resistiu à ruína até 1794, quando outra igreja, em louvor a Nossa Senhora das Dores da Expectação foi construída. Mais tarde, em virtude das sete grandes ladainhas cantadas na Festa da Expectação do Parto da Santíssima Virgem, todas iniciadas com a exclamação "ó", a igreja passaria a se chamar Nossa Senhora do O. Foi com esse mesmo nome que a região foi elevada a freguesia em 1796. Dez anos depois, já contava com 2.023 habitantes, que

54- Citado de "A Gazeta" de 28.III.57.

55- Em 1615 São Paulo ainda era vila, sendo elevada à categoria de cidade em Julho de 1711.

(MAPA 1)
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO - LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DO Ô



se dedicavam principalmente à plantação de cereais, a lavoura de cana de açúcar e à criação de animais de acordo com o "Jornal da Tarde" de 26.09.79.

Estes mesmos moradores da Freguesia do O viram, em 1615, as tropas brasileiras - que lá fizeram o primeiro pouso, partirem para a guerra do Paraguai e presenciaram o fim da primeira capela, incendiada por um apicultor que tentava por fim a um enxame de abelhas instaladas no teto do santuário. Viram também a fuga dos habitantes de São Paulo durante a revolução de 24, que buscavam refúgio nas afastadas áreas da Freguesia do O^o.

Em 09 de janeiro de 1898, a pedra fundamental da nova matriz era lançada. Três anos depois, com o apoio da população da região, a Igreja estava construída e pronta para ser inaugurada em 27 de janeiro de 1901.

Hoje, a igreja ainda permanece como uma bela visão para quem se aproxima da Freguesia do O pelas marginais do Tietê. Mas é uma visão que tende a desaparecer com o acelerado processo de verticalização que acontece ao seu redor e que pode, além de encobrir a igreja, acabar com as casas simples e sem requintes arquitetônicos que teimam em permanecer no Largo da Matriz e no Largo da Matriz Velha há

56- As informações estão baseadas em depoimentos colhidos junto a José Antonio Assunção, 80 anos morados na Freguesia do O, que passa suas tardes nos bancos da Praça da Matriz, com muitas históricas para contar a quem se dispuser a ouvi-las.

mais de 200 anos (Fotos 1 e 2).

RESISTENCIA E EXCLUSÃO: A SEGREGAÇÃO NA FREGUESIA DO O

A Freguesia do O, situada entre o rio Tietê e a Serra da Cantareira, entre os bairros de Santana, Casa Verde, Limão e Pirituba, é hoje um exemplo de segregação urbana (Mapa 2).

Entendemos a segregação urbana como uma forma de limitar o acesso de determinada parcela da população aos bens e serviços produzidos socialmente. Esse isolamento da população, ao mesmo tempo que a separa do equipamento público de boa qualidade promove a apropriação, por parte dos segregados, de territórios como uma forma de constituir o que GUATARRI (1985) denomina de "territórios existenciais" ou territórios de subjetivação", que resgatam identidades mutiladas por processos de dominação.

Conforme FELDMAN (1989), abordagens como essa permitem a análise da segregação espacial

"como um fenômeno não linear, mas multifacetado, onde interesses diversificados se sobrepõem reforçando ou diluindo a demarcação de territórios



FOTO 1 - Igreja da Matriz da Freguesia do O.
O processo de verticalização faz com que, aos poucos, a visão da Igreja da Matriz seja obstruída.



FOTO 2 - Casas em estilo colonial no Largo da Matriz Velha.
Poucas casas em estilo colonial ainda resistem no Largo da Matriz.

(MAPA 2)
O BAIRRO DA FREGUESIA DO Ó: SEUS LIMITES



ESCALA: 1:2000

na cidade. O espaço aparece como um elemento que permite situar os diferentes atores sociais, uns em relação aos outros, e se revela como um recurso a partir do qual se estabelecem as relações entre esses atores, em função das múltiplas modalidades de apropriação" (p. 60-61).

Esse é o percurso que buscamos traçar em nosso estudo, entendendo também que, a junção de áreas segregadas acabam constituindo uma região segregada, como ocorre na Freguesia do O com suas inúmeras "vilas" e "jardins"⁵⁷, o que acentua a diferenciação entre dominados e dominadores.

Os serviços públicos de boa qualidade e em quantidade, não são encontrados na Freguesia do O. Enquanto na cidade de São Paulo são encontrados 167 hospitais, a Freguesia do O dispõe de apenas 1^o. Das ligações de água na cidade, que são da ordem de 821.247, a Freguesia conta com apenas 5,0% do total dessas ligações. Sendo que no início dos anos 80 esse percentual não chegava a 2%. Esses dados são mais alarmantes se considerarmos que, na Freguesia, 47% da

57- Trata-se de designações de subdivisões da Freguesia do O.

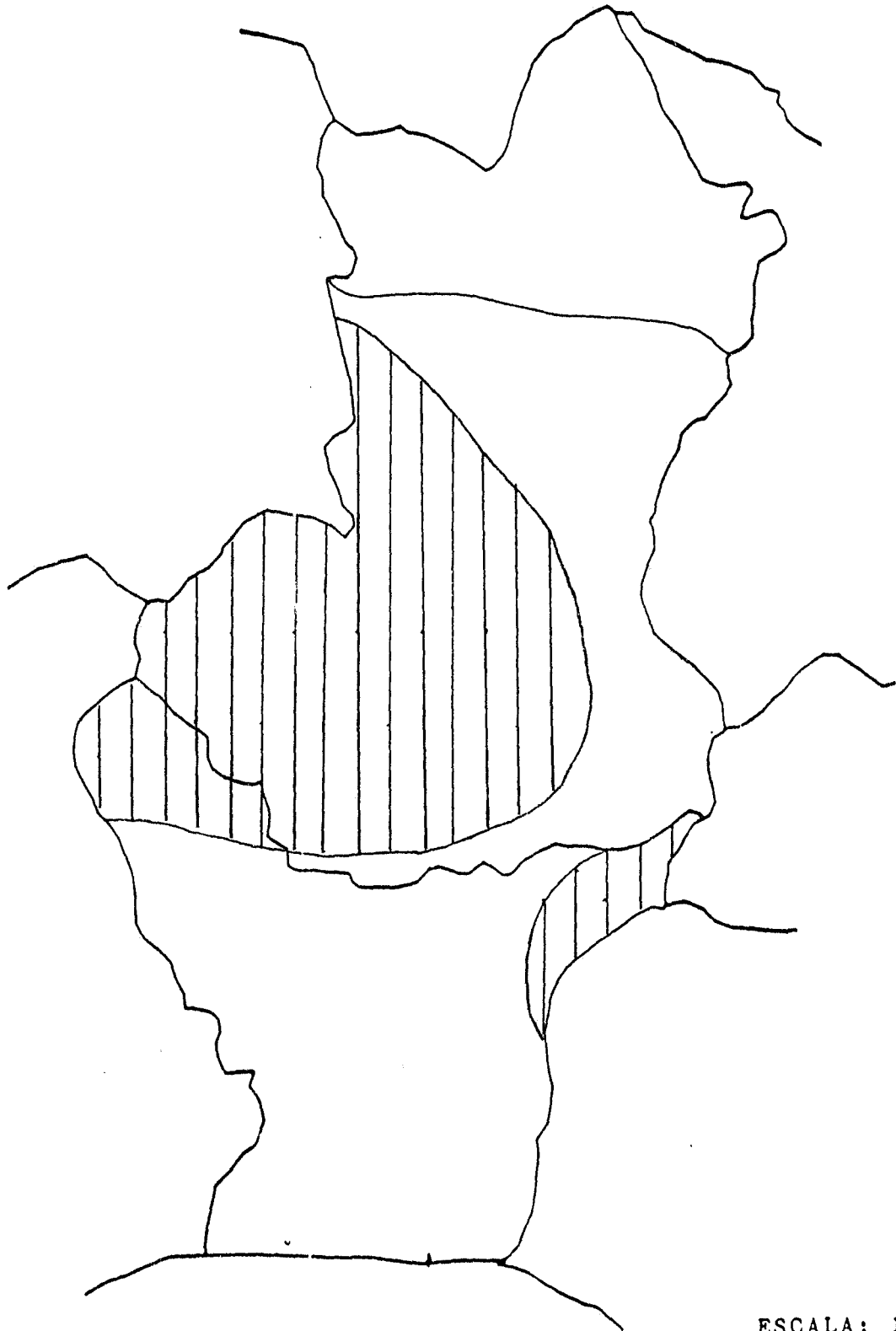
58- As informações estatísticas em relação à Freguesia do O e à cidade de São Paulo são baseadas em dados da Administração Regional da Freguesia do O e do "Sumário de dados da Grande São Paulo", editado pela ENPLASA e pelo Governo do Estado de São Paulo, 1991. A Administração Regional é uma unidade administrativa da prefeitura de São Paulo que cuida da infra-estrutura da área a ela submetida. Em São Paulo existem 10 Administrações Regionais.

população não dispõe desse benefício. Do total de ligações de esgoto, 604.503.887, a Freguesia responde por 5,1%, sendo que, na região, 42% não dispõe dessa ligação. Os dados da região da Freguesia sobre escolas, creches, ruas pavimentadas, instalação de luz elétrica, etc, apontam sempre para a necessidade de maior atenção do poder público para quase 1 milhão de moradores da Freguesia do O, que é também um dos locais de maior concentração de favelas da cidade, contando com 326 das 1592 existentes. Em 1980, 65% das favelas da cidade, estavam na Freguesia do O (Mapa 3).


O processo de segregação da Freguesia do O parece confirmar VILLAÇA (1986), quando este afirma que:

"Além do comércio e do serviços privados, a burguesia transfere para a "sua" região da cidade seus clubes, suas escolas e outros equipamentos, além de se apossar e transformar em "seus", equipamentos que supostamente não teriam donos, como as Igrejas e cemitérios" (p. 97-98).

A segregação urbana, não é um dado isolado do sistema capitalista brasileiro, e sim, mais uma característica do modelo sócio econômico. Dessa maneira, algumas questões podem ser apontadas para explicá-las:



ESCALA: 1:2000

 Locais de predominância de ocorrência de favelas.

Fonte: São Paulo - Crise e Mudança.
Ed. Brasiliense, 1990

a) Queda acentuada dos salários reais dos trabalhadores - parcela da sociedade sobre a qual tem recaído o ônus dos ajustamentos da política econômica nos anos 80 (Gráfico 2).

b) Cortes nos gastos públicos afetando o nível de investimentos em infra-estrutura social que não possibilita à classe trabalhadora a obtenção de serviços públicos capazes de sustentar, através do consumo coletivo, itens vitais da reprodução social: saúde, educação, habitação, lazer, etc.

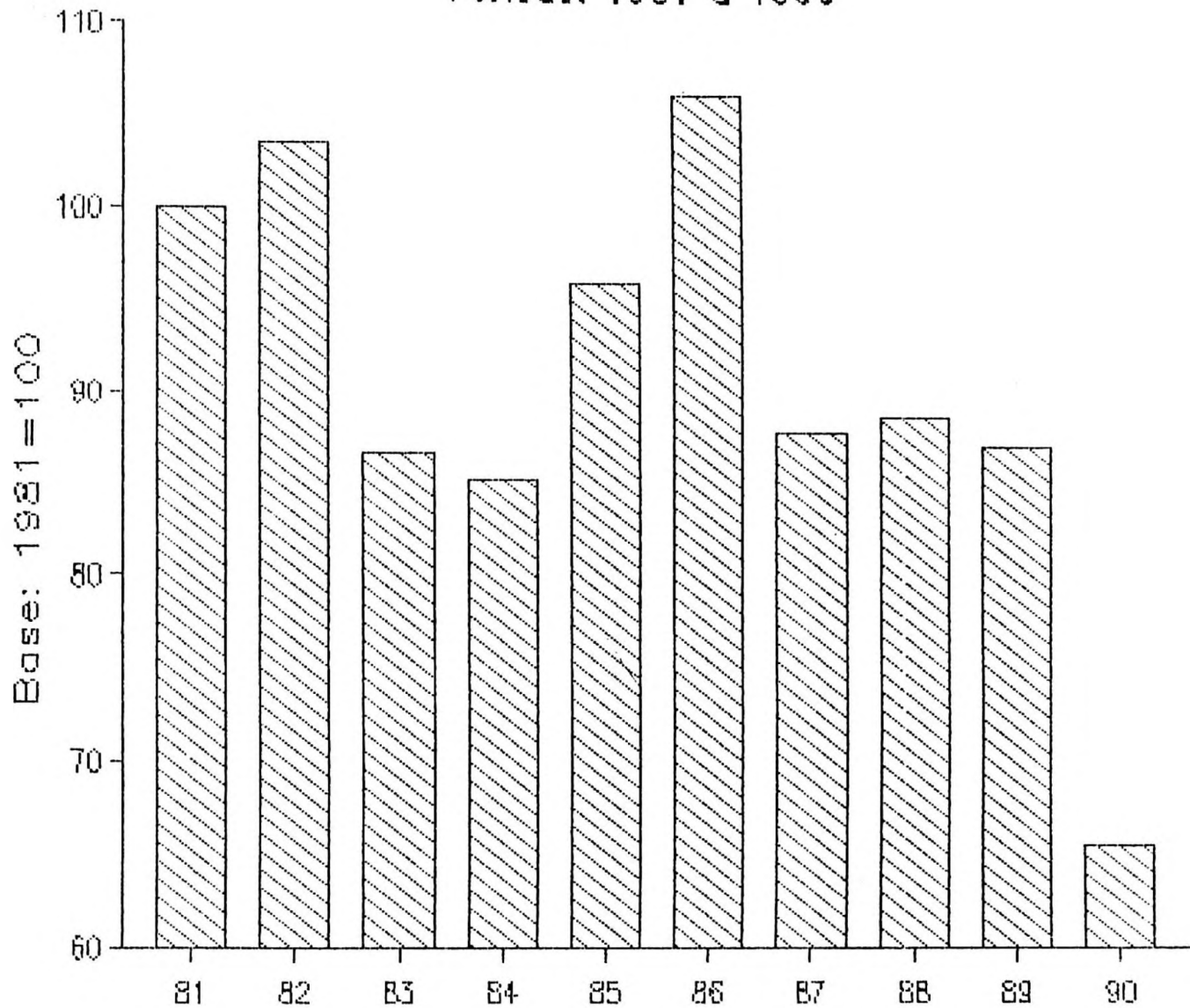
O processo que ocorre na Freguesia do O não difere do quadro traçado por JACOBI (1986) que afirma:

"A dinâmica da urbanização decorrente de um processo funcional para a expansão do capitalismo brasileiro implicou a implantação de um padrão urbano de características desiguais, passando a se generalizar a urbanização por expansão de periferias que traz consigo claras conotações de segregação" (p. 96).

A ocupação de áreas periféricas, sem planejamento por parte do Estado, propiciou a formação de uma paisagem caótica, desigual e carente (Fotos 3 e 4).

GRAF:2 SALARIO MEDIO REAL EM S.PAULO

Período: 1981 a 1990



Fonte: Indicadores IESP no. 9 - out/92

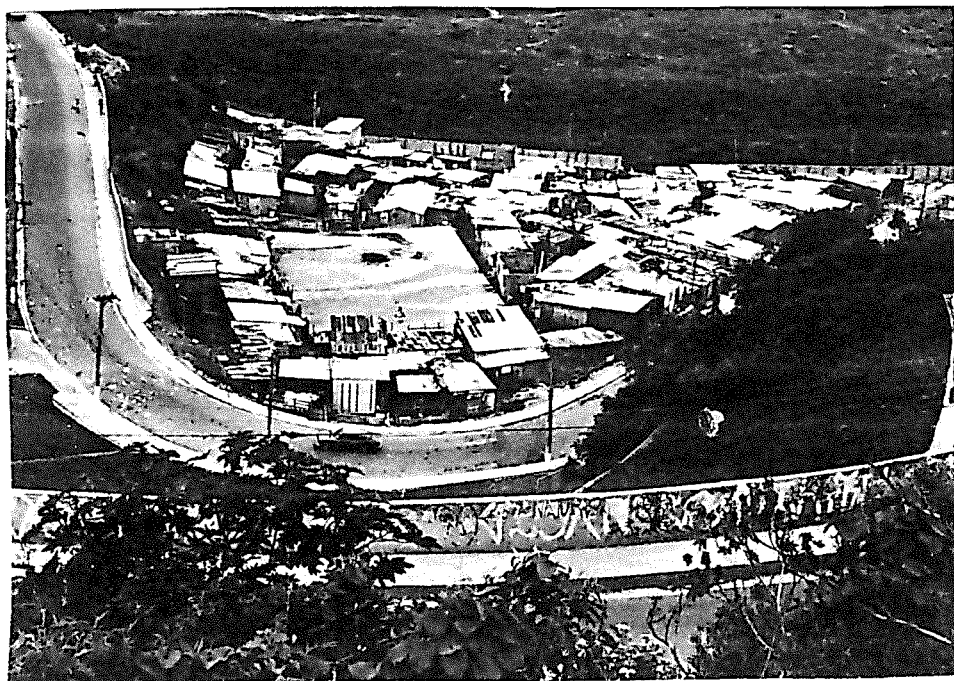


FOTO 3 - Favela ocupando área originariamente destinada ao lazer.
As favelas ocupam, inclusive, áreas interditas como esta. Neste caso está instalada em um antigo aterro sanitário.

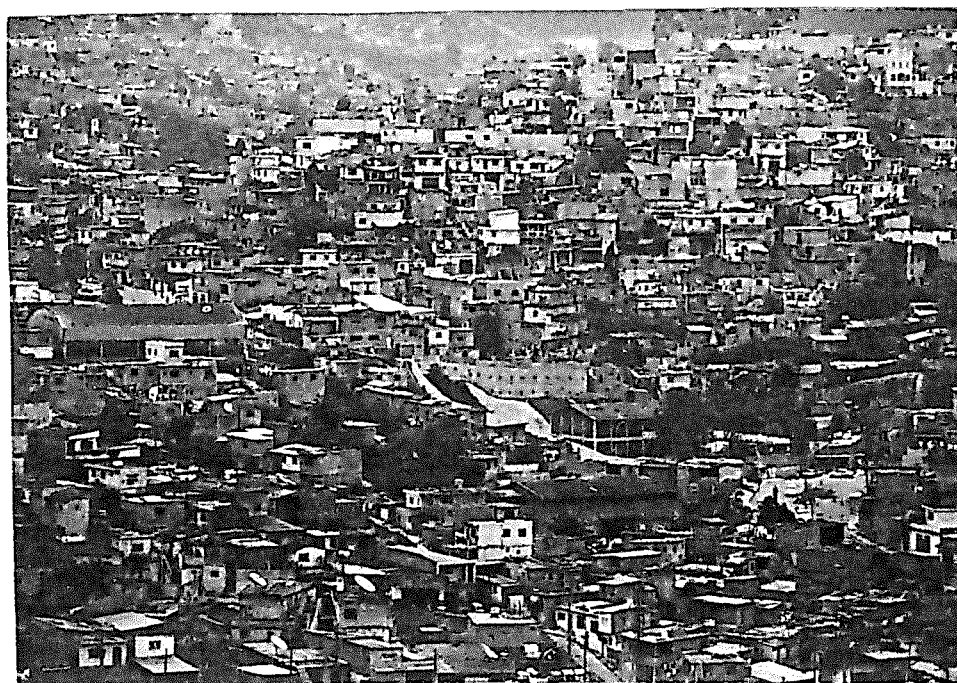


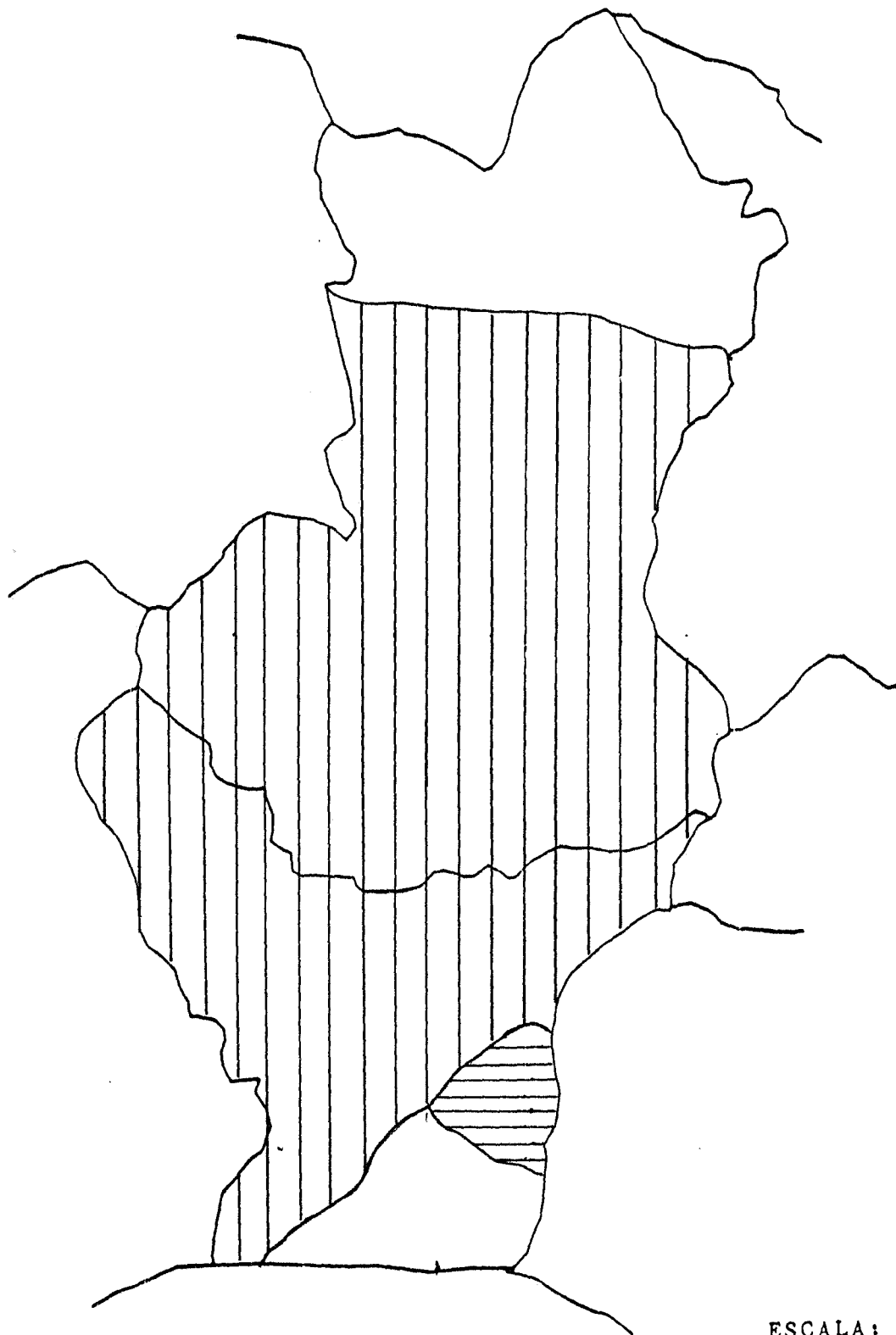
FOTO 4 - Visão geral do loteamento do Jardim Damasceno.
O acelerado processo de ocupação do solo, produz uma paisagem caótica.




Aumenta a dependência dos moradores da periferia em relação ao Estado e à sua política de infra-estrutura baseada na implantação de equipamentos públicos. Não satisfeitas essas carências, é possível localizar espacialmente os bolsões de miséria na cidade a partir da relação que se traça entre o nível de renda e acesso a serviços de saúde, saneamento, educação, etc., traduzida por um crescimento dos índices de mortalidade infantil na medida em que nos afastamos do centro para a periferia (Mapas 4, 5 e 6) . Esse processo se agrava a partir da crise econômica dos anos 80 que penaliza os mais pobres com a política de contenção de gastos por parte do governo que afeta a procura de soluções para as carências urbanas , caracterizando a segregação como a expressão espacial de processos sociais que divide a cidade em classes:

"As áreas residenciais segregadas representam um papel ponderável no processo de reprodução das relações de produção, no bojo do qual se reproduzem as diversas classes sociais e suas frações. Os bairros são os locais de reprodução dos diversos grupos sociais" (CORREA, 1989, p. 9).

Para o autor, a cidade fragmentada e ao mesmo

(MAPA 4)

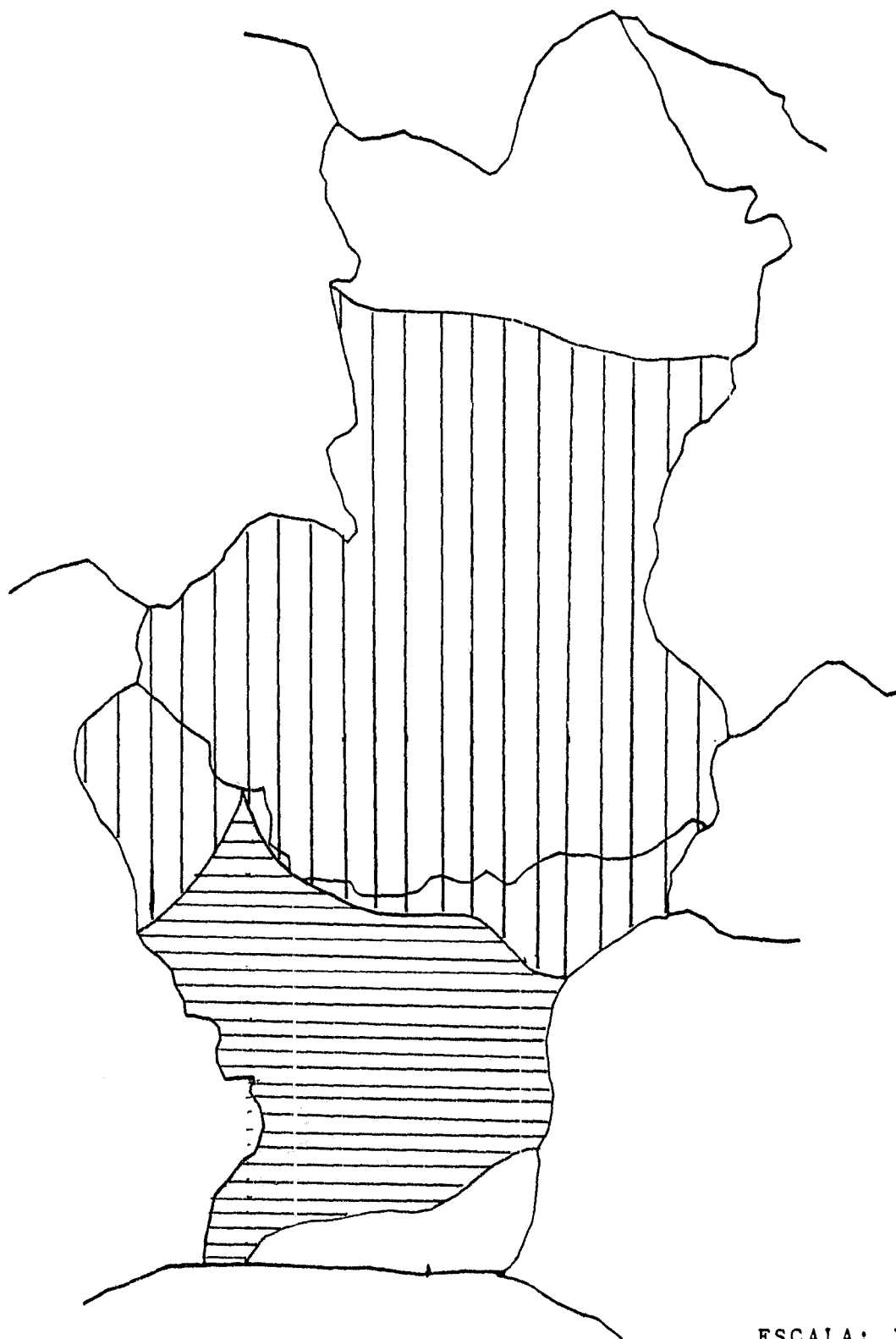
FREGUESIA DO Ó: CONSUMO PER CAPTA DE ÁGUA DA REDE PÚBLICA

	Baixo consumo
	Médio consumo
	Alto consumo




ESCALA: 1:2000

Fonte: Secretaria Municipal de Saúde-19

(MAPA 5)

FREGUESIA DO Ó - MORTALIDADE INFANTIL

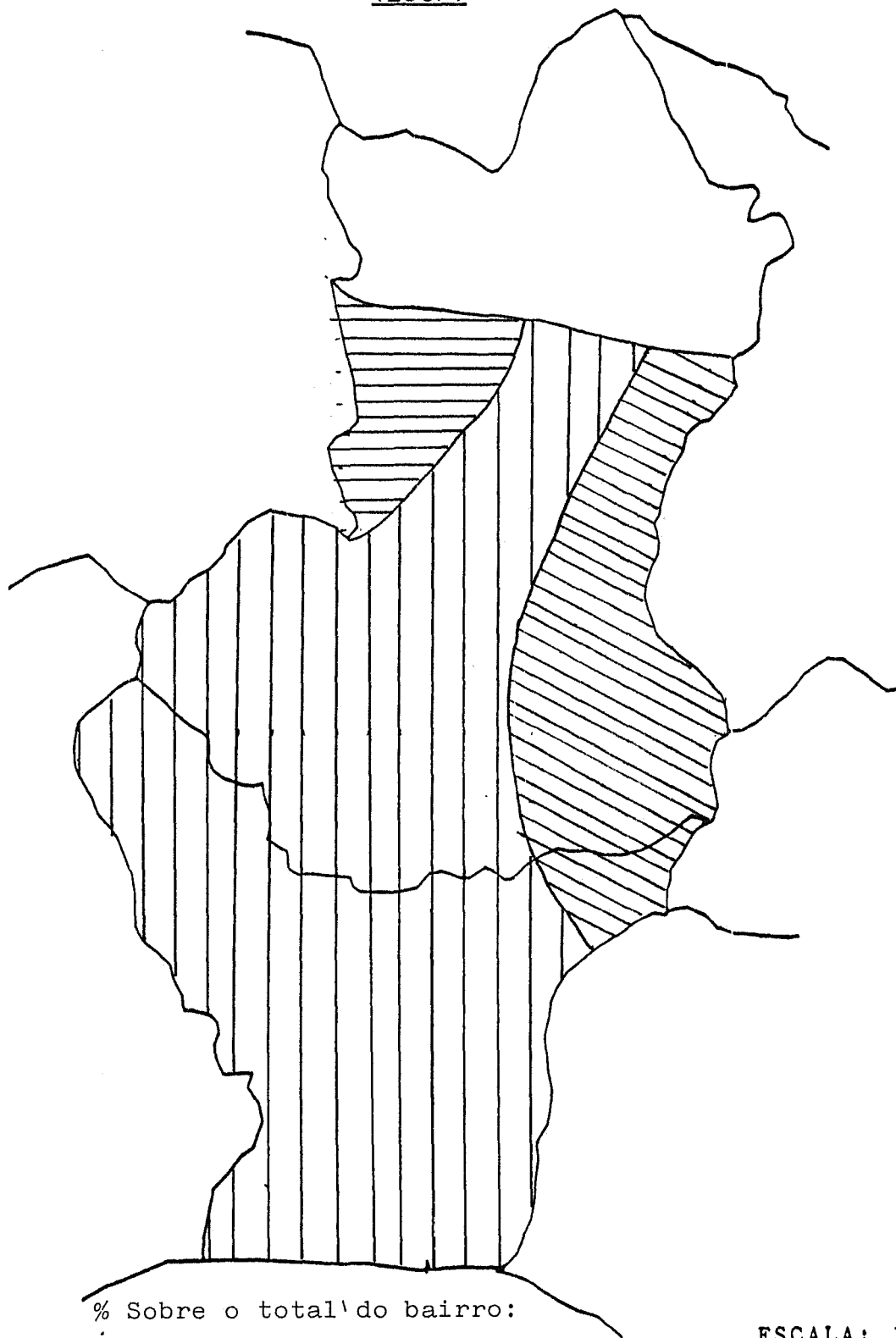
ESCALA: 1:2000

	Alta
	Média
	Baixa




Fonte: Secretaria Municipal de Saude-1990.

(MAPA 6)

FREGUESIA DO Ô - POPULAÇÃO DE BAIXA RENDA - 0-8 SALÁRIOS MÍNIMOS
(1987)



% Sobre o total do bairro:

	61 a 80%
	41 a 60%
	21 a 40%

ESCALA: 1:2000

Fonte: São Paulo - Crise e
 Mudança, Ed. Brasi-
 liense, 1990

tempo articulada reflete o local onde as diversas classes sociais produzem o seu cotidiano com suas crenças, mitos, lugares sagrados, que conferem ao espaço uma dimensão simbólica de acordo com os diferentes grupos que habitam a cidade. Esse mesmo cotidiano acha-se enquadrado num contexto de fragmentação desigual do espaço, levando a conflitos e movimentos sociais urbanos.

"Eis o que é o espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas" (Idem. pag. 9)

O espaço urbano, portanto, é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo por agentes que baseiam suas ações na dinâmica de acumulação de capital e nos conflitos de classe que dela emergem.

O espaço urbano é produto das condições gerais da reprodução do capital e da força de trabalho promovidas em grande parte pelo Estado, que contribui para transformar o solo em mercadoria e regular sua ocupação, já que, elementos sociais, culturais, políticos, entre outros são incorporados no espaço, que desta forma, se configura numa mudança contínua, não sendo, portanto, um conjunto estanque e imóvel.

"Isso quer dizer que a essência do espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. (...) Esses processos, resolvidos em funções, se realizam através de formas. Estas podem não ser originariamente geográficas, mas terminam por adquirir uma expressão territorial. Na verdade, sem as formas, a sociedade, através das funções e dos processos, não se realizaria" (SANTOS, 1985, p. 1-2).

O espaço é produzido para cumprir determinada função, a partir do trabalho coletivo, apesar disso, seu consumo se volta para a classe dominante.

"A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre

aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las" (SANTOS, 1979, p. 29).

Essa divisão social, produto da segregação espacial, é um problema que não pode ser tratado separadamente, desvinculado de questões mais amplas que dizem respeito ao processo de urbanização, e à distribuição da propriedade fundiária. Tais processos constituem a base da redistribuição espacial da população e de sua localização nas cidades .

PROPRIEDADE FUNDIARIA: OS LOTES DO JARDIM DAMASCENO

O solo urbano é parcelado em lotes que são objetos de propriedade privada e passíveis de comercialização.

O solo urbano recebe melhorias. São essas melhorias que se estabelecem nas áreas públicas e não dentro da área privada dos lotes. São produto do trabalho em torno dos lotes, executado pelo poder público. Os lotes usufruem desta qualificação e através dela se valorizam (Foto 5).

Nos lotes, por sua vez, também se investe capital e trabalho, quando se realizam neles correções de topografia, drenagens, barragens, ou quando se constroem edificações. Este capital se incorpora ao lote e, através do trabalho realizado, lhe dá valor (FARRET, 1985).

O processo de ocupação do Jardim Damasceno é ilustrativo para demonstrar como os serviços públicos realizados no solo favorecem o incorporador e provocam a dependência do morador em relação ao Estado.

No caso do Jardim Damasceno, de acordo com diretrizes fornecidas pelo município, o proprietário de uma gleba de terras de aproximadamente 391.373.00 m² localizada na Estrada da Parada o Sr. João Damasceno de Barros, requereu a aprovação do plano definitivo de um arruamento e loteamento⁵⁹ consoante as prescrições do ato 663 de 10/08/34 (código de obras).

A aprovação do Jardim Damasceno se deu em consonância com as disposições do artigo 723 e seguintes do mesmo código. As obras propostas no "termo de compromisso"⁶⁰ firmado por ocasião da aprovação do loteamento em 16.03.72, não foram executadas pelo loteador no prazo previsto no alvará, gerando para os proprietários de lotes uma situação

59- A partir de agora chamado exclusivamente de "Jardim Damasceno".

60- Um contrato onde o proprietário se compromete a realizar uma série de obras no terreno, necessárias para a validação do loteamento.

precária de acesso e habitabilidade.

O loteador foi sucedido na titularidade da área loteada pela empresa PLAVEN - Planejamento e Vendas, que executou obras de má qualidade no local, segundo atestam laudos da prefeitura. Entretanto, dando por satisfeitas as exigências, os órgãos técnicos da Prefeitura aprovaram o referido plano, sendo expedido o alvará nº 2.900 série 24 em 16.03.72.

A licença em questão, válida pelo prazo de três anos, impunha ao loteador sob pena de cassação a inscrição do arruamento/loteamento no Registro de Imóveis ou competentes em consonância com o Decreto Lei nº 58/37, bem como cumprimento das exigências constantes do "Termo de Compromisso e Autorização" nº 176/71.

O recebimento do loteamento nos termos do artigo 765 do ato 663/34 se deu em 30.06.81.

Entretanto, tal despacho não poderia ter ocorrido tendo em vista os seguintes motivos:

1º A caducidade do alvará pelo transcurso do prazo nele estipulado, sem que as obras estivessem executadas, e sem que o loteamento tivesse sido inscrito no Registro de imóveis competente de acordo com o Decreto Lei nº 58/37.

29 A clandestinidade do loteamento por força do disposto no artigo 10 da lei 4505/54.

39 A existência de modificação do loteamento, sem a devida formalização de análise e do aceite técnico.

49 A necessidade de expedição de "Auto de Regularização" nos termos do Decreto 15.764/79, combinado com o artigo 762 do ato 663/34, tendo em vista o exposto acima.

59 A necessidade de serem executadas completamente as obras de canalização do córrego, conforme determinava o artigo 10 do Decreto 4146/59 para o recebimento ou regularização final do loteamento, qualquer que fosse a modalidade adotada.

69 A falta de correspondência entre a planta aprovada do loteamento e a realidade constatada no local, no que concerne à largura das vias públicas, ao traçado da canalização do córrego, à locação de determinadas vilas e a própria dimensão dos lotes, em consequência do estreitamento dos logradouros.

79 A planta encaminhada ao registro também não atendeu a realidade, conforme exposto acima, apresentando,

ainda, modificação na configuração dos espaços livres entre os lotes sem a necessária autorização.

Com tantas irregularidades, o Jardim Damasceno não é, porém, um caso único.

A cidade de São Paulo, como é do conhecimento geral, expandiu-se quase sempre pelo processo de "loteamentos clandestinos" ou irregulares. Pode-se dizer que o crescimento populacional de São Paulo, especialmente por força da migração interna, acarretou esse tipo de implantação, não só porque seria praticamente impossível controlar um fenômeno desse porte (mesmo que houvesse aparato institucional para tanto), mas também porque havia um interesse político na formação de um mercado de trabalho habilitador da industrialização que paralelamente se formava.

Nem a Prefeitura, Estado ou União tinham condições de propiciar habitação, infraestrutura ou serviços urbanos àqueles que aqui chegavam: o loteador clandestino ou irregular supria essa lacuna, ao menos no que se refere à oferta de lote, primeiro passo para a habitação. De acordo com CENEVI 'A (1991), a produção e a ocupação dos loteamentos da periferia se fez através de um "pacto" entre os três interessados: os vendedores, os compradores e o Estado, da seguinte forma:

19 O loteador clandestino produz e vende lotes ruins em áreas precárias e sem os serviços exigidos pelas normas, porque sabe que o governo não tem força (ou interesse) para impedir e porque há quem compre.

20 O comprador vê que o lote é precário, mas que é o melhor que pode conseguir dentro de suas possibilidades de pagar e sabe que poderá usar a pressão política para exigir do município as melhorias necessárias.

30 O Estado vê com bons olhos essa maneira dos trabalhadores resolverem seu problema de habitação, já que os salários precisavam permanecer baixos e não havia uma política de produção pública de moradias. Até há pouco tempo, o município e o governo federal não tiveram nenhuma preocupação, nem com a desorganização do espaço nem com as formas de exploração praticadas pelos loteadores segundo SILVA (1990).

Assim, através dos loteamentos irregulares e clandestinos⁶¹, como o Jardim Damasceno, a cidade tornou-se um emaranhado e caótico conjunto de desenhos urbanos em sua periferia.

61- Por loteamento irregular entende-se aquele que foi submetido ao crivo da aprovação urbanística municipal, e que, por qualquer razão, não veio a ser implantado conforme o plano aprovado. O loteamento clandestino é aquele que foi implantado sem qualquer submissão do plano de loteamento à aprovação municipal. O Jardim Damasceno, como vimos, possui as duas características.

JARDIM DAMASCENO: ASCENÇÃO E QUEDA DE UM MOVIMENTO POPULAR

Situado na zona norte de São Paulo, junto à Serra da Cantareira, o Jardim Damasceno, como vimos, era uma chácara até o final dos anos 60, quando o proprietário inicia o loteamento sendo substituído posteriormente pela empresa FLAVEN na venda dos mesmos.

Segundo moradores que compraram seus lotes, a propaganda na época se referia ao local como um verdadeiro jardim nas imediações da Serra. Na verdade, o Jardim Damasceno situa-se em um maciço junto à Serra da Cantareira com declividade acentuada, chegando a existir trechos com taludes sub-verticais, compostos de solo residual, silte arenoso e silte argiloso, facilmente susceptíveis à ação dos processos erosivos, características estas que por si só tornam o local impróprio para a implantação do loteamento (Foto 6).

No início da década de 70, a população brasileira vivia a chamada época do "milagre econômico". A oferta de lotes a baixos preços proporcionava a oportunidade de concretizar o sonho da casa própria tão estimulado pelo governo.



FOTO 5 - Trabalho de contenção das encostas.
A prefeitura tem procurado realizar serviços
para conter o deslizamento das encostas.

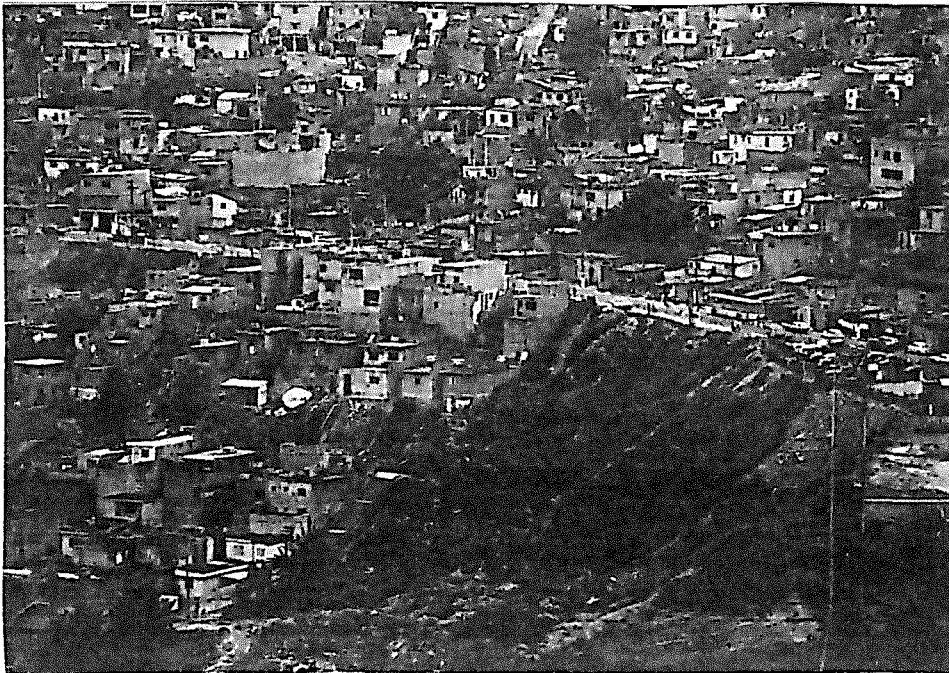


FOTO 6 - Moradias em terreno de alta
declividade.
Algumas casas ocupam locais com permanente
risco de deslizamento de terras.

Os compradores desses lotes, operários em geral, vão comprando seus lotes e erguendo suas casas no tradicional sistema de mutirão, constituindo assim, uma forma específica de organização.

O dono de um lote reunia a comunidade em um fim-de-semana e organizava uma "feijoada". Essa feijoada consistia no enchimento de uma laje, em erguer um cômodo, etc., onde todo o grupo de moradores participava. Não havia nenhuma feijoada para contemplar aqueles que ajudavam na tarefa, mas sempre era servido um almoço mais reforçado. Esse almoço comunitário fazia com que os moradores discutissem problemas comuns e reforçava também a camaradagem entre eles.

Essa vida comunitária levava a uma interdependência entre os moradores que passaram a lutar por melhorias no bairro.

Outro pólo aglutinador de moradores foi a Igreja Católica. A Igreja Católica chega na região e se instala tão logo começa o loteamento, através do Padre Ivo Paoloni, um padre italiano da ordem dos dominicanos. Chega com dinheiro e determinação de montar uma comunidade para participar da luta democrática contra a ditadura⁶². A Igreja Católica

62- Esse tipo de atuação da Igreja foi uma constante durante os anos 70 e começo dos anos 80, quando se fortalece o grupo da Igreja progressista ligado à teologia da libertação. Procuravam criar nos fiéis a idéia de que o paraíso devia ser buscado primeiro na terra. Que não se devia esperar

promovia quermesses, círculos de música caipira, danças regionais como a catira, etc., que aproximavam os moradores e resgatava a vida comunitária que possuíam em seus locais de origem, majoritariamente nordeste e norte do Paraná.

O loteamento do Jardim Damasceno padecia de carência múltiplas, como falta de água, falta de energia, falta de calçamento, etc. e, nesse quadro, a luta coletiva era um instrumento indispensável para pressionar o poder público na obtenção de melhorias. Os moradores acreditam ainda hoje, que o município é responsável por todas as obras de conservação ou melhorias no morro, uma vez que foi ele município, que permitiu que um loteamento irregular fosse implementado. Exemplos da combatividade dos moradores da região encontramos em 1975 quando o padre Ivo lidera um grupo de moradores que se deita na rua para impedir a passagem de caminhões que tinham por objetivo transformar uma parte do morro em aterro sanitário. Esse mesmo padre estava junto ao grupo de moradores que, em 1980 foi até a regional da Freguesia reivindicar melhores condições de infra-estrutura e os moradores foram surrados por agentes do governo⁶³.

passivamente a morte para se obter uma vida melhor. Consolidou também o trabalho das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

63- O episódio ocorreu em 21.06.80. Paulo Maluf, então governador do Estado, promovia o chamado governo e "integração" ou governo "itinerante" que consistia em despachar de diferentes locais do Estado. Nesse dia, uma pacífica manifestação de moradores da região foi brutalmente espancada por seguranças do governador conforme denúncias de jornais da época (Jornal da Tarde, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo). Processos correram e o então prefeito Mário Covas exonerou 18 envolvidos no episódio que, mais tarde, foram reintegrados por Jânio Quadros. O fato ficou como um dos mais marcantes do Governo Maluf.

Em 1975 começa a primeira luta comunitária. Era a luta pela água encanada. Era impossível até a escavação de um poço, uma vez que, entre o lençol freático e a superfície, existia uma grossa camada de rocha que exigiria altos gastos para que a água fosse atingida. Essa falta de água, comum nessa parte da Freguesia, fazia com que os moradores fossem obrigados a levantar às quatro ou cinco da manhã, para garantir um lugar na fila da única bica⁶⁴ existente. Como a bica ficava no começo da subida do morro, era necessário colocar a lata de água sobre a cabeça e iniciar uma penosa escalada.

A Igreja católica lidera, então, os primeiros grupos de moradores organizados em chamadas "comissões de moradores". Buscavam diferenciar-se das "associações de amigos de bairros"⁶⁵ que consideravam atreladas ao poder público e comprometidas com o peleguismo. Essas comissões se espalham na região, atingindo outras áreas como a Vila Miriam, Vila Carumbé, Vila Guarani, etc, todas com histórico de ocupação semelhante ao Damasceno e com problemas comuns que os aproximava.

Grupos de esquerda, incentivados pelo padre Ivo e

64- "Bica" era a designação dos moradores locais para a única fonte de água disponível.

65- As "Comissões de moradores" eram compostas por pessoas já formadas minimamente por organizações de esquerda que atuavam na área e pela igreja, enquanto as "Associações de amigos de bairros" eram institucionais e compostas por lideranças cooptadas pelo poder público, conforme entendimento de Helena Guiro, militante do MDB que atuava na área nessa época.

por outros padres, iniciam ações organizacionais na região, na forma de alfabetização, educação popular e o movimento ganha maior consistência política⁶⁶ e chega a ser recebido pelo então governador de São Paulo, Paulo Egydio Martins. Curiosamente, não são levados pelos grupos de esquerda, mas por políticos da ARENA⁶⁷ interessados em formar uma "sociedade amigos de bairros" de perfil clientelista. Interessante ressaltar que, enquanto os grupos de esquerda incentivavam as lutas colegiadas sem uma forma de organização institucional (as comissões de moradores não eram registradas em cartório), os políticos da ARENA buscavam justamente a institucionalização das comissões, com a criação do "presidente" da associação. A esse respeito escreve Sweezy citado por BERNARDO (1977):

"Sob o ponto de vista da classe capitalista, são dois os métodos principais para obstar ao poder e à unidade, crescentes parcelas da classe operária: repressão e concessões" (idem, p. 10).

66- As informações a respeito do histórico do bairro foram baseadas em declarações da atual Coordenadora do Núcleo de Ação Educativa-3 (Freguesia do O), Helena Guiro Pacheco que atuou na área como professora voluntária de um grupo de esquerda, pela atual vereadora pelo Partido dos Trabalhadores Tereza Lajolo, pelo atual Administrador Regional da Freguesia, Roberto Lajolo e pelos moradores Antonio Simplicio e Edmilson Aparicio da Silva, todos atuantes no movimento e testemunhas históricas dos fatos. O padre Ivo foi transferido para a Itália em virtude do atual posicionamento da Igreja de Roma, contrária à Teologia da Libertação.

67- A Aliança de Renovação Nacional - ARENA, era o partido político que representava os interesses do Governo militar.

A figura do presidente é uma clara tentativa de constituir o gestor⁶⁸ da região. O elemento cooptado pelo poder que servirá de feitor de sua própria classe. Esse presidente, será substituído mais tarde, na sua função de gestor, pelo pastor da Igreja Pentecostal.

O movimento por água na região obtém sucesso e apenas o Jardim Damasceno é excluído. A explicação oficial foi de que a água não chegava na área com força suficiente para subida do morro. Então, do movimento inicial de quatorze vilas, apenas uma ficava sem água. A união inicial entre as vilas começa a se fragmentar.

A reivindicação subsequente foi pelas linhas de ônibus. A necessidade de que a linha passasse em uma ou outra vila, foi mais um elemento fracionário da luta coletiva e culmina com os moradores do Damasceno alugando um ônibus e indo até a CMTC reivindicar isoladamente a linha. Começa então uma fase de lutas individuais das vilas. É o começo dos anos 80.

A água chega em 1983, mas outras lutas se seguem, como a luta pelo asfalto⁶⁹, por creche, por escola, etc.

68- O conceito de gestor é sistematizado por João Bernardo no livro "Marx crítico de Marx" vol. III, 1977 e retomado pelo mesmo autor em "O Inimigo Oculto", 1979 e "Capital, Sindicatos, Gestores", 1987

69- A respeito dessa luta é interessante ressaltar que, a falta de calçamento e a existência de ruas estreitas, impedia o acesso de veículos ao morro e obrigava os moradores a levar os doentes em macas ou cadeiras até a ambulância. No caso de enterros, o cortejo saía pelas ruas e vielas numa visão difícil de encontrar-se em São Paulo. Esses aspectos também favoreciam a camaradagem entre os moradores.

Pressionado pelas sucessivas reivindicações, o governo municipal de Reynaldo de Barros e o governo estadual de Paulo Maluf criam o projeto Pró-Periferia que consistia em atender todas as necessidades da área. São atendidas indistintamente tanto as vilas que possuíam reivindicações concretas como as que não possuíam, onde o objetivo era demonstrar não ser necessário nenhum tipo de luta, pois o governo sabia o que fazer e onde fazer. Até hoje, todas as escolas e creches existentes na região foram produto do Pró-Periferia. São escolas mal acabadas, situadas na beira de córregos mal cheirosos e, como no caso das EMPGs João Amós Comenius e Teotônio Vilela (Foto 7 e 8), em plena região alagadiça. É nesse momento, começo dos anos 80 que as primeiras igrejas pentecostais se instalam na região.

OS PENTECOSTAIS NO JARDIM DAMASCENO

Os pentecostais chegam e começam a disputar o mercado de fiéis com a Igreja Católica. Progressivamente, pessoas que participavam das comissões de moradores deixam de freqüentar as reuniões e a igreja católica, passando a freqüentar a igreja pentecostal. A alegação era de que "gente de Deus não pode se meter com política e a igreja católica só fala de política, o que não é certo"⁷⁰.

70- O depoimento nos foi prestado por Antonio Simplicio, morador no Jardim Damasceno desde o loteamento nos fins dos anos 60, participante de várias lutas reivindicatórias e hoje um pastor pentecostal.

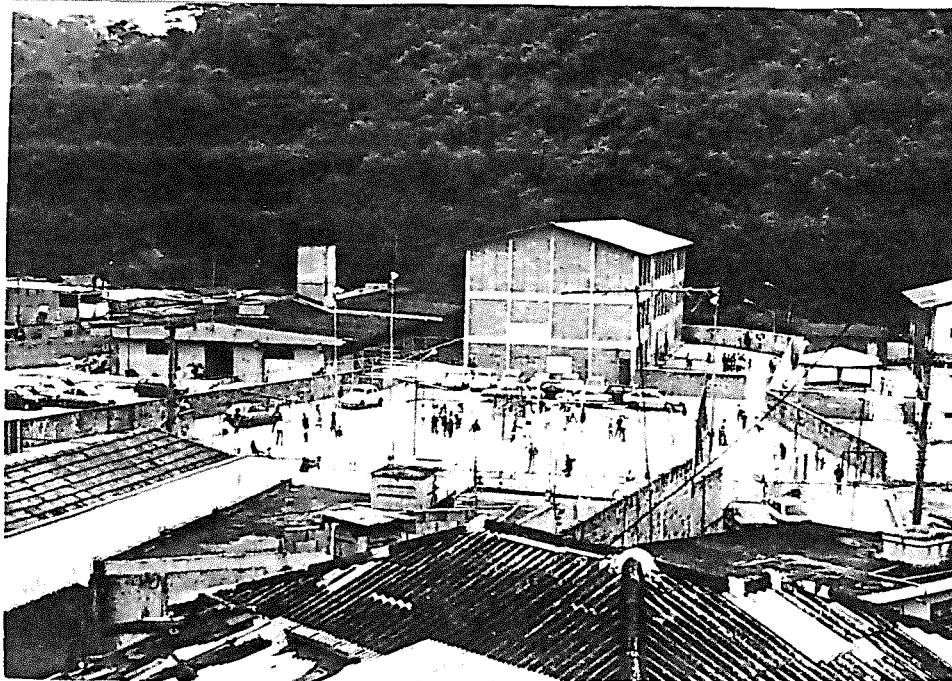


FOTO 7 - E.M.P.G. João Amós
O córrego que passa atrás da Escola João Amós
também serve de esgoto e provoca permanente
mau cheiro.



FOTO 8 - E.M.P.G. Teotônio Vilela.
Construída em local alagadiço, quando em
temporada de chuvas, são grandes as
dificuldades dos alunos para chegar à escola.

Outro fator de distanciamento dos outrora católicos, segundo o teólogo Márcio Fabri dos Anjos⁷¹ em entrevista concedida, é de que, na missa católica predomina um clima de prostração e silêncio, enquanto os rituais das igrejas pentecostais são vivos e acalorados (Foto 9).

Outra antiga moradora do Damasceno, a costureira Júlia de Lima, 55 anos, costumava ir às reuniões políticas realizadas na Igreja. Trabalhava inclusive como voluntária na formação da "consciência crítica" de crianças e adolescentes. Hoje ela faz parte da igreja "Armadura de Deus", frequenta os cultos 4 vezes por semana, paga dízimo e sonha em escrever um livro sobre como sua vida mudou para melhor quando mudou de religião. Seu marido que antes reclamava do fato de que ela vivia em reuniões políticas que "não davam camisa a ninguém", agora vê com bons olhos sua participação na Igreja, pois sente que ela passou a respeitá-lo muito mais, entendendo os preceitos da Igreja que consideram que a mulher deve servir ao homem como seu senhor. Seu marido, que era alcoólatra, parou de beber depois que entrou para a igreja, conseguiu emprego estável e hoje vivem uma vida estabilizada (Foto 10).

A inserção das igrejas pentecostais na periferia da cidade não atende apenas a uma necessidade de resgate do

71- O teólogo Márcio Fabri dos Anjos é professor de ética Teológica na Faculdade de Teologia da Arquidiocese de São Paulo e presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião.



FOTO 9 - Igreja Deus é Amor ao lado de igreja católica em construção.
 Hoje são os católicos que constroem sua igreja ao lado da dos pentecostais.



FOTO 10 -
 Igreja Armadura de Deus.

espaço sagrado perdido em um mundo profano. Responde também a uma necessidade maior do Estado em criar, a partir dos pastores, novos "controladores de opinião", personificados na figura do pastor, como veremos adiante.

OS AGENTES DO PODER: A ATUAÇÃO NA FREGUESIA DO O

A Freguesia do O possui cerca de 1200 igrejas pentecostais de um total de aproximadamente 8.000 igrejas na cidade de São Paulo. Na região do Jardim Damasceno, elas são cerca de 350⁷² (Gráfico 3).

As igrejas se multiplicam pela própria dinâmica interna aliada às facilidades fiscais. O indivíduo entra na igreja, começa a orar e, se continuar freqüentando, passa a ser considerado um "irmão"⁷³. Se for atuante, será "separado" por Deus (o pastor é quem recebe a informação de qual "irmão" foi separado) para alguma obra mais específica. De acordo com a obra, será chamado de "cooperador" (ajudante dentro do culto e régio contribuinte financeiro), "evangelista" (se bem-falante será designado para praticar o proselitismo nas ruas ou mesmo na igreja) ou obreiro⁷⁴ (uma

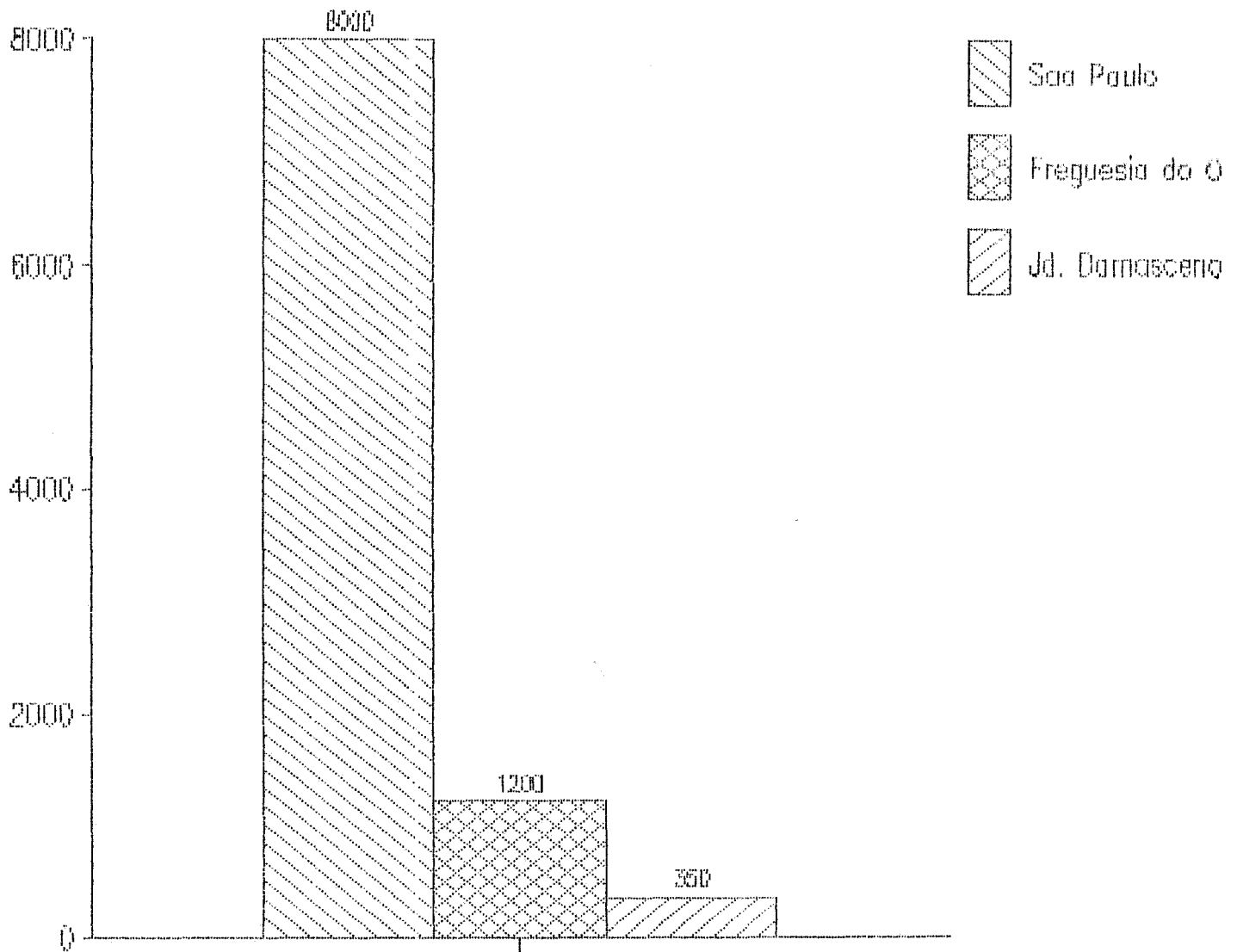
72- Os dados nos foram fornecidos pela Faculdade de Teologia, patrocinada por igrejas pentecostais, situada na Avenida Itaberaba, ligada à Igreja Pentecostal "Deus é o Senhor" de origem americana que proporciona intercâmbio evangélico entre EUA e Brasil. A faculdade não é reconhecida pelo MEC, como a maioria das Faculdades de Teologia ligadas às igrejas pentecostais.

73- Irmão é a designação com que os pentecostais tratam aqueles que comungam sua religião e seus princípios.

74- "Obreiro" é uma designação particular das igrejas pentecostais destinada a pessoas dedicadas ao trabalho de atendimento dos fiéis; é a escala inicial na hierarquia da igreja.

GRAF.3 IGREJAS PENTECOSTAIS EM 1990

(Munic. de S. Paulo, Freg. do O e Jd. Damasceno)



Fonte: Faculdade de Teologia da Freguesia do O

espécie de operário das ações da igreja). Dedicando-se à atividade na qual foi "separado", poderá ser novamente objeto de separação tornando-se diácono ou presbítero (cargo mais elevado dentro da hierarquia pentecostal depois do pastor). Se for muito atuante poderá chegar a pastor, o que dificilmente acontece nas pequenas igrejas, pois alteraria a relação de poder do primeiro pastor. O diácono que se sinta preparado poderá, mesmo que não seja escolhido pelo pastor, procurar fundar sua própria igreja, levando consigo o grupo familiar ou de amigos, dando origem a uma nova denominação. A "Igreja Evangélica Pentecostal do Povo Unido em Cristo" pode ser considerada um exemplo (Foto 11). Originariamente seu pastor Daniel Ramos era obreiro da "Igreja Deus é Amor". Como o pai de sua noiva saiu da Igreja, o levou junto, montando a "Igreja do Orvalho Divino". Casando-se com a filha do pastor, optou por montar sua própria Igreja chamada "Evangélica Pentecostal do Povo Unido em Cristo" muito pequena, onde não cabem mais do que 20 pessoas entre sentados e em pé. Muitos são os mecanismos que levam à fundação de outras igrejas, como o descrédito em relação ao pastor por alguma falta que este tenha cometido, ou por divergências em relação a determinadas passagens bíblicas. O mercado também influi, pois a igreja oferece possibilidades concretas de lucro.

Cada igreja que se estabelece, cria o seu próprio espaço de influência, representando uma fração da sociedade

no espaço. SANTOS (1988) salienta que o espaço é:

"Um conjunto de formas contendo cada qual, frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social" (idem, p. 27).

Essa fração da sociedade está inserida em uma determinada totalidade e reflete as condições concretas que a criaram. Santos afirma que é necessário, para compreensão da totalidade, o entendimento que o elemento cria com sua instalação.

"Um mesmo elemento - um banco, um shopping center, uma casa de comércio de insumos agrícolas, uma escola superior, a verticalização da habitação, financiamentos governamentais, uma auto-estrada, um aeroporto, etc. - terá impactos diferentes em distintas áreas de um país ou do Planeta. Para isso concorrerão a história do lugar, as condições existentes no momento da internalização (quando o que é externo a uma área se torna interno) e o jogo de relações que se estabelecerá entre o que chega e o que preexiste. Esse conjunto

de coisas que fará com que um mesmo processo de escala mundial tenha resultados distintos, particulares, segundo os lugares" (idem, p. 47-48).

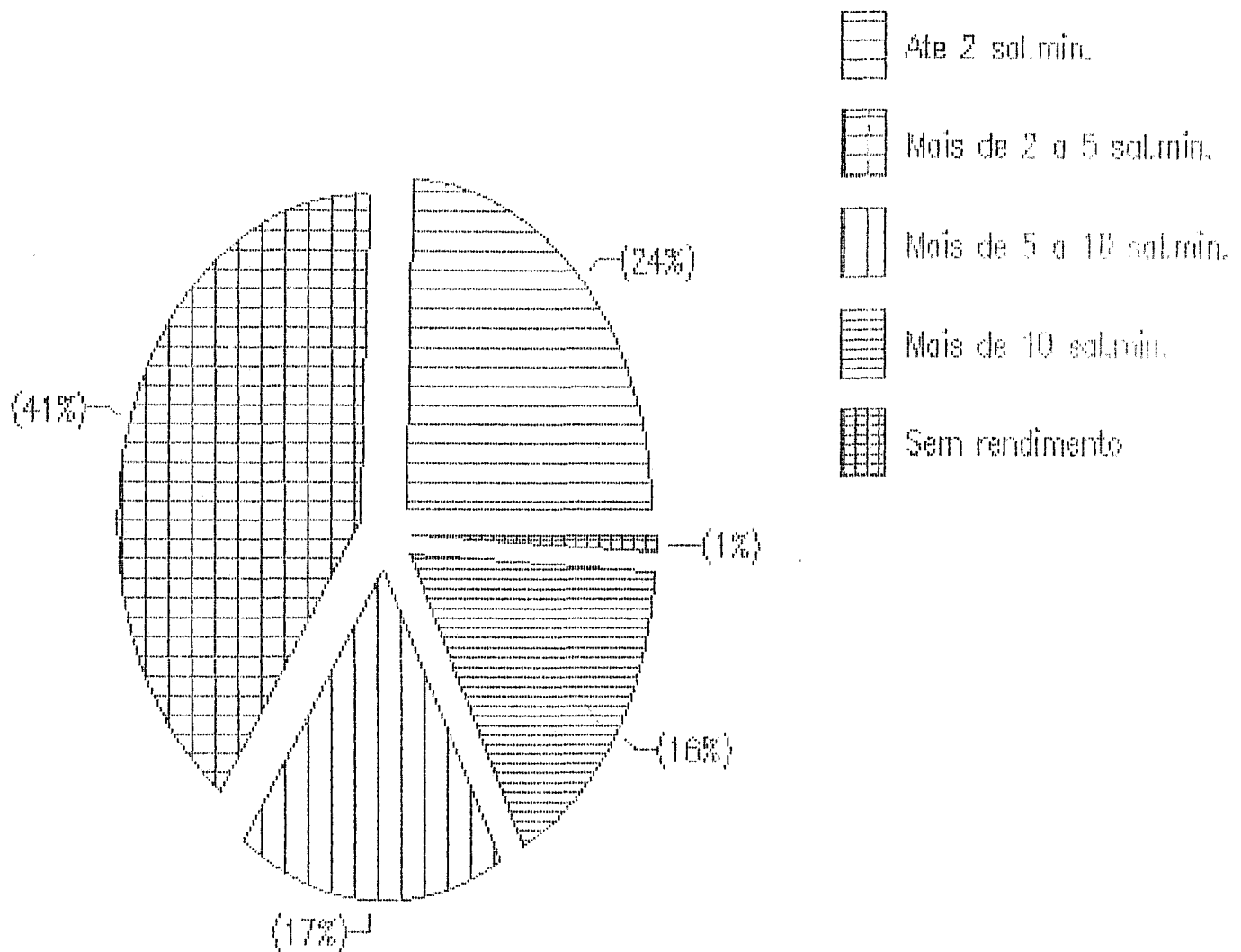
A queda do poder de compra dos assalariados e o decréscimo da oferta de emprego em São Paulo durante os anos 80, acentuou o empobrecimento da população na cidade. Na Região Metropolitana de São Paulo o índice de desemprego atingiu, em 1989, 8,7% (DIEESE, 1992) e 24,0% dos ocupados recebiam até 2 salários mínimos (SEADE, 1992). Apesar da indisponibilidade desses dados para a região da Freguesia do O pode-se concluir que esta situação atinja de forma particularmente danosa regiões carentes como as da Freguesia (Gráfico 4).

A população empobrecida das grandes cidades, em decorrência do modelo econômico que concentra renda, cada vez mais é deslocada para as áreas periféricas, como é o caso da Freguesia do O.

Entrevistamos a partir de amostra por sondagem, 50 moradores em edifícios recém construídos no centro da Freguesia, com razoáveis condições de infra-estrutura, 40 tinham vindo de regiões mais centrais como Perdizes,

GRAF. 4 POP. OCUPADA P/CLASSE DE RENDIMENTO

Região Metropolitana de São Paulo - 1989



Fonte: Anuário Estatístico do Estado de S.P. - 1990

Pompéia, Lapa e Pinheiros, apenas 10 já eram moradores da Freguesia.

No outro extremo, no Jardim Damasceno, de 50 entrevistados, 38 ali estavam instalados desde o loteamento inicial, vindos de regiões mais centrais e 12 eram recém chegados de outras áreas de São Paulo ou do país.

Outro dado importante, foi constatar que muitos dos antigos moradores do Jardim Damasceno serem hoje inquilinos nas casas que construíram. Desempregados, com baixos salários, vendem suas casas e, quando não se mudam ou voltam para a terra de origem, alugam a casa de que eram proprietários. Esse processo leva a uma certa rotatividade das e nas igrejas pentecostais. Segundo o pastor Walter, da Igreja Pentecostal Formosa, muitos de seus "irmãos" freqüentam a igreja por 4 ou 5 meses e desaparecem. A igreja, contudo, continua, ela própria, ou no caso de seu desaparecimento, pela ocupação do espaço por uma outra, constituindo um espaço perene de influência.

"...a produção do espaço nunca fica perfeita e acabada, havendo uma constante reprodução da mesma. E cabe ao geógrafo analisar e estudar o espaço produzido sem esquecer que o processo de produção é permanentemente acompanhado

de um processo de reprodução, de reorganização da categoria espaço" (ANDRADE, 1984, p. 17).

Os espaços de influência das Igrejas, são espaços extensivos do poder. Espaço de influência comparável ao de empresas.

"...ao lado da geopolítica, se desenvolve um ramo do conhecimento que estudaria a projeção espacial das empresas e a repercussão desta expansão sobre os Estados de que são originárias e em que atuam" (ANDRADE, 1989, p. 3).

A igreja é o olho do poder. Seus fiéis sabem que, a qualquer momento, em qualquer lugar que estejam, estarão sendo observados pelo Senhor Deus. Nenhuma falta que ofenda o Senhor poderá ser cometida sob a pena da danação eterna. Deverão ser humildes e seguir o que diz Efésios 6:5-9.

"Vós servos obedeceis a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração em Cristo".

é o panóptico de Bentham (modelo de prisão), citado por FOUCAULT (1987):

"Daí o efeito mais importante do panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tende a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce. (...) o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de sê-lo efetivamente" (idem, p. 177-178).

Estabelece-se o controle de uma população que poderia ser potencialmente explosiva, formulando-se a epistémê⁷⁵ a ser seguida para efetivo controle do espaço, condição fundamental para que sejam "alcançados objetivos econômicos e políticos" (FOUCAULT, 1986, p. 211).

O conceito de panóptico é otimizado a partir da

75- Conceito de Michel Foucault: as bases profundas que definem e delimitam o que uma época pode pensar ou não pode pensar. Citado da biografia de autoria de D. Eribon, Cia. das Letras, 1990.

atomização das igrejas.

"A divisão : do espaço em áreas de observação e vigilância deve processar-se até sua delimitação em circunscrições suficientemente pequenas para serem transparentes" (CLAVAL, 1979, p. 23).

E mais adiante, conclui a respeito da forma para se controlar atos considerados importantes:

"Isso se consegue planejando uma divisão administrativa fina e instalando permanentemente representantes para obrigar a maioria a conformar-se às regras instituídas e forçar à obediência aqueles que se inclinam a fugir dela: logo que sua ação se torna divergente, é preciso enquadrá-los, isolá-los do conjunto e fazer recair sobre eles o rigor da força a serviço do senhor"

(Idem, p. 24).

As igrejas reduzem os gastos do Estado, cumprindo o papel de polícia social. Na Igreja da Armadura de Deus, no Jardim Damasceno, Mônica Castro era uma obreira dedicada às tarefas da Igreja. Professora, passou a se interessar por

questões de sua categoria profissional, participando de reuniões no sindicato correspondente. Quando o pastor soube, denunciou o fato na assembléia da igreja como sendo a professora, alguém que estava se afastando das coisas de Deus. O pastor dizia que só trabalhando mais é que se poderia obter reconhecimento do patrão. A professora então, foi levada pelos parentes à igreja sendo objeto de orações diversas, até que a mesma passou a ter convulsões sob os gritos de "sai demônio" ou "queima". Mônica nunca mais participou de qualquer reunião no sindicato e voltou a ser a obreira dedicada aos interesses da igreja. O depoimento nos foi prestado pelo próprio pastor da Igreja da Armadura de Deus, e confirmado pela mãe da professora. Ela mesma, não nos deu nenhum depoimento.

De 40 casos de "enquadramento" ou exorcismos que testemunhamos, 15 eram pessoas que haviam deixado o trabalho por razões diversas (alcoolismo, brigas, etc), 4 eram crianças "briguentas" ou jovens que não respeitavam os pais (queriam namorar por exemplo), 7 eram mulheres que de uma maneira ou de outra estavam negligenciando seus afazeres domésticos e 14 eram por doenças variadas.

O poder da Igreja se exerce sobre corpos, mentes e os atos conseqüentes. Ele é contínuo e permanente, se fundando num eficaz sistema de vigilância que interessa ao Estado que obtém eficiência com um mínimo de custos, dando

origem a um conceito avesso de cidadania.

CAPÍTULO V
PENTECOSTALISMO
E CIDADANIA

CAPITULO V

PENTECOSTALISMO E CIDADANIA

A cidadania interessa a todas as classes sociais. Os pentecostais também têm a sua definição de cidadania que nos nos foi dada pelo pastor Josias da igreja "O Brasil para Cristo":

"Cidadania é fazer tudo certinho, obedecer tudo direitinho que o governo manda e aí, o governo que sabe o que a gente precisa, nos dá de tudo".

A posição ocupada dentro da escala social faz com que o indivíduo entenda o conceito de diversas maneiras. Para o empresário, lutar pela cidadania pode ser lutar por menos impostos. Para o trabalhador pode ser a luta pela água encanada. Tentaremos aqui, desenvolver o conceito e relacioná-lo com o pentecostalismo.

A noção de cidadania consta na Carta de Direitos da Organização das Nações Unidas e afirma que:

"Todos são iguais perante a lei, sem discriminação de raça, credo ou cor. E ainda: a todos cabe o domínio sobre seu corpo e sua vida, o direito de todos

poderem se expressar livremente, militar em partidos políticos e sindicatos, fomentar movimentos sociais, lutar por seus valores. Enfim, o direito de ter uma vida digna de ser homem" (COUVRE, 1991, p. 9).

Para SANTOS (1987), o respeito ao indivíduo é condição básica e necessária para o exercício da cidadania. Considera o autor, que esse respeito engloba uma série de elementos que passam pelos direitos concretos e individuais.

O direito de cidadania se aprende e se desenvolve com o avanço da sociedade. Para ele, um dos principais direitos que compõem a noção de cidadania é a liberdade. Liberdade que deve ser buscada de diferentes formas pelas diferentes classes sociais, de acordo com o entendimento que cada segmento possui da sociedade.

Os direitos do indivíduo se dão em nível civil, político e social. Não existem separadamente, dependem da integração de um e outro para existirem efetivamente. Os direitos civis dizem respeito à propriedade do corpo, o direito de ir e vir. Direitos sociais são as necessidades humanas básicas como a alimentação, vestuário, moradia, saúde, educação, política, etc.

"Em um belo ensaio, Tereza Haguette descreve a evolução que começa com a aquisição do status de cidadão, membro de uma sociedade civil reconhecido como tal, isto é, a conquista de direitos políticos individuais, prossegue com o reconhecimento de direitos coletivos, pertinentes aos grupos que constituem a coletividade nacional e autorizados a formar associações representativas legitimadas, até que um terceiro conjunto de direitos - os direitos sociais - garantiriam ao indivíduo um padrão de vida decente, uma proteção mínima contra a pobreza e a doença, assim como uma participação na herança social" (SANTOS, 1987, p. 9).

QUIRINO E MONTES (1987) sustentam que o grau de intervenção do Estado na sociedade deve aumentar, na medida que os direitos de cidadania se ampliem, objetivando a garantia dos mesmos.

De qualquer maneira, a cidadania só pode existir numa sociedade democrática que equilibre suas instituições sociais e políticas com a ação de seus cidadãos.

CIDADANIA, INDIVIDUALISMO E PENTECOSTALISMO

Todos os indivíduos possuem uma esfera de vida privada e outra pública. O desgaste com a esfera pública, o mundo político, tem feito com que os indivíduos se voltem cada vez mais para uma cultura narcísica⁷⁶ e individualista, fazendo do espaço público o espaço do lixo, daqueles que não têm mais nada.

A política é apresentada nos meios de comunicação de massa como uma atividade de técnicos profissionais, burocratas, oportunistas, corruptos ou como uma alternativa de acumular riquezas. Política e Estado passam a ser vistas como instituições acessórias, quando não parasitárias. O individualismo é sugerido como alternativa eficaz em torno do descrédito das leis e do político (COSTA, 1989).

SANTOS (1987) nos fala de uma filosofia de vida que privilegia os meios materiais, ignora os aspectos finais da existência, e entroniza o egoísmo como lei superior, porque é o instrumento da almejada ascensão social. Para o autor

"Em lugar do cidadão formou-se o

76- Interessantes estudos que tratam do tema são os livros de Richard Sennet, "Narcisismo y Cultura Moderna", 1980 e Christopher Lasch "O Mínimo eu", 1986 e "A Cultura do Narcisismo", 1983.

consumidor, que aceita ser chamado de usuário" (p. 12-13).

É SANTOS (1987) também, quem afirma:

"... a vitória do consumo como fim em si mesmo, a supressão da vida comunitária baseada na solidariedade social e sua super-posição por sociedades competitivas que comandam a busca de status e não mais de valores" (p. 10).

Reduzidos ao estado de massa consumidora de bens e serviços se residentes nas áreas nobres e com alto poder aquisitivo, ou ao estado de massa privada de qualquer consumo, como nos bairros pobres, grande parte dos indivíduos contemplam sua cidadania apenas na fala das elites que controlam o poder e acenam com a possibilidade de, um dia, "passar o país a limpo". No lugar da participação política negada, emergem as ideologias das liberdades individuais, simulacro das liberdades públicas reais.

O que Santos chamou de "cultura que entroniza o egoísmo", se aproxima do que LASCH (1983) chama de cultura narcísica. A cultura narcísica é aquela em que o conjunto de itens materiais e simbólicos maximizam real ou

imaginariamente a condição de desproteção dos indivíduos, forçando o ego a ativar os mecanismos de autopreservação da identidade própria. É a cultura onde o recrudescimento da angústia diante da experiência crescente de impotência e desamparo é levada a um ponto que torna conflitante e muitas vezes inviável a prática da solidariedade social.

A importância que Durkheim confere à solidariedade coletiva para a consolidação da religião é fundamental para compreendermos um dos motivos pelos quais o pentecostalismo cresce, que é a busca por uma alternativa ao individualismo consumista que não lhe é acessível.

Vindo, em sua maioria, originariamente de regiões do interior, o migrante deixa sua identidade⁷⁷ para trás. O pentecostalismo trabalha no sentido de resgatar essa identidade.

De acordo com ELLUL (1968), os deslocamentos para as cidades exigidos pela técnica moderna provoca a ruptura de grupos sociais. O homem é arrancado de suas relações e amontoado em cidades e em locais insalubres.

Ainda segundo ELLUL (1968), o homem feito para um

77- Entendemos o conceito de identidade de acordo com o que diz Malvina Muszkat em "Consciência e Identidade", 1984, onde considera identidade como sendo um conjunto de referenciais que tornam possível o reconhecimento do ser enquanto tal, ou a "permanência do objeto único ou do seu atributo, através das mudanças que produzem em si como em su redor". (pag. 19)

meio vivo está num universo de pedras que o esmaga. O homem foi feito para ter um lugar, um espaço para se movimentar, cômodos para mover-se; mas está enclausurado num mundo que exige referenciais de consumo para sua aceitação. Está enclausurado numa cidade gigante que limita seus movimentos pela deficiência dos transportes coletivos. Está enclausurado em seu pequeno cômodo que lhe serve de moradia. Ante sua impossibilidade de responder a estas exigências, ele desemboca no mundo anônimo das ruas.

Os fiéis que tornam as igrejas pentecostais um fenômeno, buscam o lugar que lhes ofereça identidade. O pentecostalismo, como um fenômeno do período "técnico-científico" para usar a expressão de Milton Santos, serve como referência de um passado para os migrantes que buscam na periferia da cidade, símbolos que os reportem à identidade perdida. Símbolos que se tornem um sinal presente de uma felicidade ausente.

Esse lugar de identidade⁷⁸ se oferece a partir da vida comunitária dos grupos pentecostais. O recebimento festivo ao entrar na igreja, o tratamento de "irmão", o círculo de relações motivadas pela própria atomização das igrejas e do intercâmbio que se cria entre elas, com diversos festivais de música promovidos, ou os batismos em

78- Conceito desenvolvido por Yi-Fu Tuan em seu livro "Espaço e Lugar", 1983.

locais públicos⁷⁹, por exemplo. A oportunidade de se dirigir à comunidade através de um testemunho de fé, é outro instrumento de valorização do indivíduo. Grande espaço de tempo é dedicado a essa atividade durante os cultos.

Esse relacionamento devolve valores de um universo tradicional que nada tem a ver com a cidade moderna onde a tendência é a perda desse universo e um desnorreamento diante do novo mundo que se enfrenta.

O homem do campo vem para a cidade na esperança de melhorar de vida, mas são tantos iguais a ele, que a cidade não consegue absorvê-los e o sonho do paraíso começa a se desmanchar no inferno do desemprego, da favela, da doença. Advêm a desintegração da família, a perda de valores, o alcoolismo, a desilusão e o desespero. Nesse contexto surge a eficaz mensagem de esperança do pentecostalismo.

Os elementos do caos social são descritos pelo pentecostalismo como símbolos demoníacos. Tais símbolos não nascem dentro do ser. São formados fora do ser a partir de uma realidade que coloca diante dele o nada provocando a angústia de sua existência.

"Se o homem, na sua experiência

79- No Pico do Jaraguá, zona oeste de São Paulo, existe uma piscina destinada exclusivamente a batismos de grupos pentecostais.

religiosa, se refere a demônios, é porque uma face de sua experiência se lhe apresenta como demoníaca. E o que é o demoníaco senão a horrenda possibilidade de que os valores, que se constituem no objeto da paixão infinita do homem, venham no final das contas a se reduzir a nada? (ALVES, 1988, p. 56).

Os pentecostais reencontram sua identidade na diferença em um mundo de iguais. Seus cultos rituais, como o batizado por exemplo, buscam marcar essa diferença. A certeza da presença do Espírito Santo e a experimentação do numinoso é, para eles, a certeza da manifestação do poder de Deus. Cada batizado é, na verdade, o testemunho de um fiel escolhido pelo próprio Espírito Santo.

Lembro-me da felicidade de uma aluna pentecostal quando descobriu, durante as aulas na escola dominical⁸⁰ que ela era "filha de Deus", enquanto os não pentecostais eram "criaturas de Deus" com a mesma valorização de outras criaturas como os animais, por exemplo.

O reconhecimento social também é um importante atrativo para o Pastor. No seu cotidiano ele pode ser um

80- As escolas dominicais são mantidas por praticamente todas as igrejas pentecostais e visam a instrução da doutrina bíblica de acordo com a interpretação de cada igreja.

pedreiro, um vendedor de produtos de limpeza, ser um motorista de ônibus, mas será também o Pastor, referência que lhe é dada e que lhe proporciona o sentimento de ascensão social.

Através da comparação de sua religião com outras ou com o mundo profano e secular, os pentecostais delineiam sua identidade social. Ser pentecostal é uma opção individual e voluntária, assumindo a contestação de quem não comunga os mesmos valores. Ser pentecostal é ir à igreja e abraçar e cantar calorosamente com seus irmãos. Ao contrário do mundo exterior onde todos são desconhecidos - os pentecostais se reconhecem a partir de códigos próprios -, ou da Igreja Católica, onde é visível o constrangimento das pessoas quando o padre convida os fiéis a darem-se as mãos e a cumprimentarem-se. É realizar uma forma organizacional onde o fiel pode diretamente falar com o "chefe" (no caso, Deus) sem a necessidade de algum intermediário. Ele participa dos rituais. É um elemento ativo no mesmo e não um mero expectador. Ser pentecostal é seguir os ensinamentos contidos na Bíblia inspirados diretamente por Deus, vivendo longe dos vícios, vaidades, desonestidades. Ser pentecostal é erigir um espaço que possa ser reconhecido como o seu lugar, com suas referências, representações e identidade. Ser pentecostal é, em última instância, sentir-se escolhido e participante de um mundo particular (Foto 12).

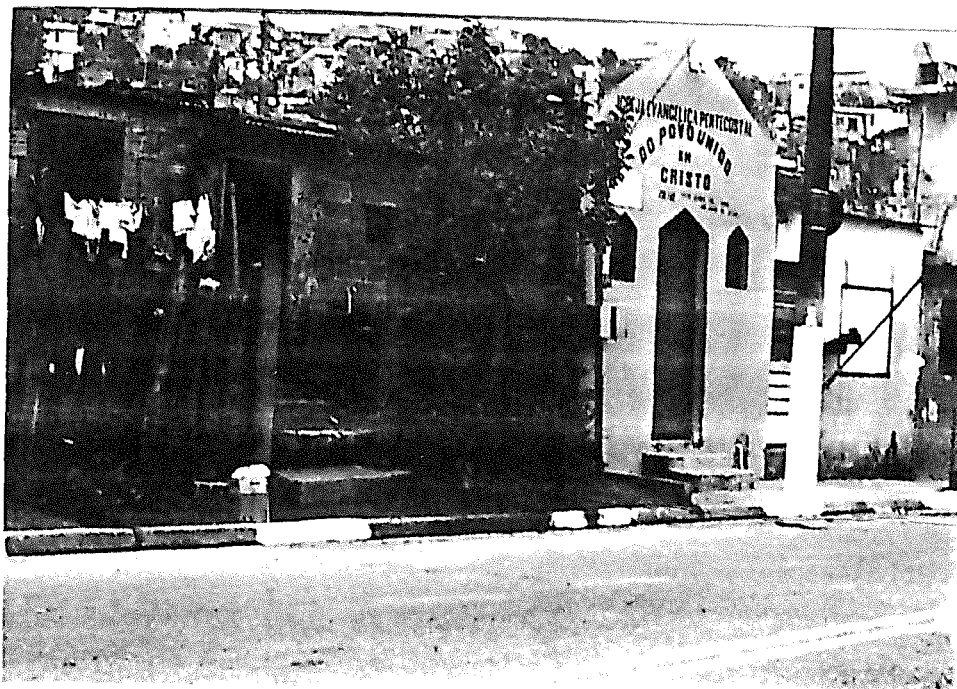


FOTO 11 - Igreja Pentecostal do Povo Unido.
Igreja de pequenas proporções.



FOTO 12 - Mulher Pentecostal.
Os cabelos compridos em tranças são uma
característica marcante dos pentecostais.

CONSUMO E PENTECOSTALISMO

O empobrecimento da população brasileira nos últimos anos é significativo para demonstrarmos que os direitos de cidadania se tornam cada vez mais inatingíveis para ampla parcela da população, que busca a satisfação de suas necessidades através do consumo desenfreado como afirma SANTOS (1987):

"Em lugar do cidadão surge o consumidor insatisfeito e por isso votado a permanecer consumidor" (idem, p. 7).

Mas, como o mesmo autor salienta, é importante frisar que:

"O consumidor não é um cidadão. Nem o consumidor de bens materiais, ilusões tornadas realidades como símbolos: a casa própria, o automóvel, os objetos, as coisas que dão status. Nem o consumidor de bens imateriais ou culturais, regalias de um consumo elitizado como o turismo e as viagens, os clubes e as diversões pagas; ou de bens conquistados para participar ainda mais do consumo, como a educação

profissional, pseudo-educação que não conduz ao entendimento do mundo" (idem, p. 41).

Esse indivíduo é seduzido pela propaganda de um consumo que penetra no seu aparelho psíquico e o desvia do verdadeiro caminho que conduz à cidadania. Produz apenas um simulacro de cidadania, porque seduzir, "é desviar alguém de sua verdade"⁸¹.

Simular para Baudrillard, citado por MELO (1988), é fingir uma presença ausente. Para demonstrar a onipotência do simulacro, ele invoca como exemplo a discussão entre os icnoclastas. O icone significa uma possibilidade de representar o divino. Na interpretação de Baudrillard, a origem da discussão deve-se ao temor de que o icone pudesse adquirir força de simulacro, substituindo e dispensando aquilo de que era representação: ou seja, o simulacro se instituiria como ardil demoníaco com vistas à exterminação do divino. O medo de que por detrás das imagens nada existisse desencadeava a caça aos ícones que pode, segundo ele, igualmente interpretar-se como uma caça ao simulacro. A propaganda se esforça para manter o simulacro.

81- A afirmação é de uma pergunta formulada a Jean Baudrillard pelo jornal "Le Monde". Em sua resposta, o filósofo argumentava que "A sedução desarticula, transporta as coisas para fora da verdade que lhes é atribuída. Sendo fulgurante, a sedução não pode acumular. Sendo desafio e disputa, ela se acelera muito depressa, consumindo suas próprias regras". (Entrevistas do "Le Monde" - Idéias e temporâneas, Ed. Atica, 1989).

Devemos considerar, porém, que só a publicidade é insuficiente para convencer alguém a comprar determinado produto. Na realidade, nós só compramos algo que de alguma maneira já existe dentro de nós, como afirma WELLAUSEN (1988):

"Na realidade, nós acreditamos naquilo que desejamos acreditar" (idem, p. 19).

Normalmente compra-se além das necessidades. Compra-se porque o ato de comprar provoca satisfação. Essa ânsia pelo consumo pode levar a situações até cômicas como o ocorrido quando da visita do Papa João Paulo II aos EUA, como comenta MESSADIÉ (1989):

"Apareceu um anúncio em The Miami Herald, dizendo <O Papa está chegando!!! Você pode vender e lucrar!> Vendendo papabilia, por exemplo, uma cópia de plástico do anel papal, com lábios vermelhos: quando se beijam os lábios, eles devolvem os beijos. Ou cópias da mitra papal, ou máscaras do pontífice, ou irrigadores de jardim em forma de Papa, jorrando água das mãos de sua figura, ou decalcomanias de cachorros paramentados com a mitra e o báculo

papais (...) ou T-shirts, ou fitas de vídeo, gomas de mascar, qualquer coisa que fosse papai" (idem, p. 216).

Para a burguesia, além de querer demonstrar que possui, é preciso demonstrar que possui bem. Para BAUDRILLARD (s/d):

"A função não é só tranquilizar o proprietário quanto a sua posse, mas também inseri-lo num grupo determinado" (p. 172).

Do outro extremo da pirâmide social, encontramos grande contingente de pessoas que, mesmo desprovidas de recursos, imbuídas do imaginário da classe média, procuram incorporar seus modelos a sua existência. Aqui se faz a distinção entre burguesia e classe-média, a partir de que a primeira cria as necessidades dos bens e a segunda as incorpora.

O grande paraíso da sociedade de consumo é o Shopping Center. Se antes ele era um espaço exclusivamente destinado às pessoas de maior poder aquisitivo, hoje se verifica maior relacionamento inter-classes, conforme diagnostica FRUGOLI JR (1992). Mas, para serem aceitas no espaço, precisam decodificar determinados signos e

incorporá-los. O jovem deve ir com a calça e o tênis da moda enquanto a dona-de-casa deverá escolher sua melhor roupa esporte. Segundo o autor

"Os Shopping Center aspiram a traduzir, num espaço fechado, a utopia urbana que o capitalismo moderno não realiza para o conjunto da sociedade: uma cidade ideal, repleta apenas de cidadãos consumidores, sem vestígios de pobreza e deterioração, uma "cidade" onde o consumo é simultaneamente de mercadorias e imagens, como se tudo não passasse, antes de mais nada, pelo filtro e pela égide do consumo (e não da produção)" (idem, p. 77).

Se o Shopping Center é a catedral do consumo da classe média, a igreja pentecostal é sua antítese e simulacro que seduz.

A maioria dos bens de consumo, inacessíveis a seus membros, são tidos como parte da estratégia de sedução do demônio. Busca-se eliminar a necessidade e o desejo do bem, construindo uma série de interditos para os mesmos. Assim, filmadora e videocassete são proibidos. A televisão

também⁸².

"Todos os membros deste ministério não poderão ter aparelho de televisão em sua casa e não mais será separado (grifo nosso) obreiro que possuir televisão em sua residência e os que possuem deverão tirar. É proibido segundo a Bíblia em Sal. 25.15; Sal. 101.3 e Mateus 6.22 e 23, etc.

Se alguém pode imaginar que os salmos ou o apóstolo Mateus foram proféticos a ponto de sugerir algum veto explícito à televisão engana-se. Os salmos 25.15, 101.3 e Mateus 6.22, 23 dizem respectivamente:

"Meus olhos estão sempre em Iahweh,
pois ele tira os meus pés da rede".

"Não porei uma coisa vil diante dos meus
olhos".

"A lâmpada do corpo é o olho. Portanto,
se o teu olho estiver são, todo o teu
corpo ficará iluminado; mas se o teu

82- Os interditos são baseados na "Doutrina Pública para os Dias de Hoje", publicação da Igreja Pentecostal Deus é Amor, seguida pela maioria das outras igrejas pentecostais.

olho estiver doente, todo o teu corpo ficará escuro. Pois se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão as trevas".

Outro exemplo de repúdio aos bens de consumo, é a letra da música "Você pode ter" do grupo pentecostal "Semente":

"Você pode ter a casa repleta de amigos,
Paredes e pisos cobertos de bens,
Ter um carro do último tipo,
E andar conforme der na cabeça...

(...)

Mas nunca terá a paz que existe lá dentro
Que não se encontra prá poder comprar
Porque essa paz só tem a pessoa
Que se encontra com Cristo".

Andar de bicicleta, cavalo ou moto, é vetado para as mulheres porque provoca "escândalo". Valendo para homens e mulheres, ir à praia ou a piscina pública, nem que seja apenas para observar a movimentação também é pecado. Jóias (mesmo que anel de formatura) igualmente ofendem ao Senhor.

Segundo a igreja, a Bíblia proíbe óculos vaidosos

para os irmãos de acordo com I Cor. 8.12.12.

Outras proibições são: roupas indecentes, roupas mundanas, depilação do corpo, pintura, amigo-secreto e chá-de-cozinha, segundo Romanos 14.17:

"Que o vosso bem não se torne alvo de injúrias, porquanto o Reino de Deus não consiste em bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo".

Evidentemente, a vida política também é motivo de proibição:

"É terminantemente proibido e inadmissível, membros ou obreiros da igreja envolverem-se em assuntos políticos, principalmente no que envolva, direta ou indiretamente a igreja, e as coisas de Deus, cuja desobediência incorrerá em severa punição. É proibido mesmo trabalhar. Em campanha política ou sindical"

Em 1986, o cantor pentecostal Nasser, condenava aqueles que apoiaram o plano cruzado através da letra da música "Plano Cruzado":

"(...)

No novo plano coloquei esperança

Realizar meu sonho, felicidade

Comprar conforto, segurança

E conseguir completa paz

(...)

Então me veio um cara e disse:

Irmão, você está no barco errado

O barco do dinheiro

O que você procura cruzado não produz

Quem pode resolver seu problema é só

Jesus

Quando em Jesus depositei esperança

E a ele confessei meu erro e maldade

Me deu conforto, segurança

E concedeu perfeita paz".

As punições para as faltas normalmente são:

1ª vez: Admoestar dentro da Bíblia e trinta dias
fora da comunhão;

2ª vez: Noventa dias de prova;

3ª vez: Um ano de prova;

4ª vez: Exclusão.

Assim, os pentecostais excluem o profano mundo do
consumo de sua esfera de vida, mas precisam criar outros

valores e reconhecimento social em seu mundo. Os irmãos, acostumados aos trajes simples do cotidiano, se vestem com terno e gravata nos fins-de-semana. São ternos fáceis de serem identificados, pois estão, quase sempre fora de moda uma vez que são comprados em lojas de roupas usadas ou ganham de algum patrão ou parente mais rico. A mala de executivo onde carregam a Bíblia e o livro de oração, é outro elemento formador do imaginário pentecostal e invoca a aparência de um executivo decadente.

Para valorizarem-se como pessoas, criam o cartão de identificação pessoal que deve sempre ser mostrado quando em visita a outra igreja, ou quando do ritual da ceia. Interessante que o cartão é exigido mesmo em pequenas igrejas de vinte ou trinta pessoas, onde todos já se conhecem. O detalhe é que, no verso do cartão de identificação deve constar o cartão de dízimo, lembrando muito o que ocorre nos clubes esportivos que exigem a exibição do cartão de manutenção para liberar a entrada em suas dependências.

O pentecostalismo cria representações que diferenciam a sociedade de consumo. Essas representações, não são produto da ação individual de um fiel, mas antes, produto de uma elite hegemônica que coordena as ações da igreja, interpretando a Bíblia a seu modo, justificando para tal a inspiração divina, o dom de profecia e de

discernimento.

Procuremos refletir sobre a pergunta de LEFEBVRE (1983):

"Quem manipula quem, através das representações substituídas, seja por outras representações, seja por objetos ou situações ou relações reais?" (pag. 24).

Baseados nessa indagação acreditamos poder inferir que o grupo de elite que elabora as representações para a massa pentecostal, os pastores, criam a partir de novos símbolos, um mundo de existência ascética que induz o fiel a acreditar ser realmente um cidadão do mundo de Deus. Um cidadão do sagrado.

SAÚDE E PENTECOSTALISMO

É importante assinalarmos que as práticas da religiosidade pentecostal apresentam-se como produtos da necessidade da preservação da vida e saúde. Apesar de contestados por autoridades civis (profissionais de saúde), por serem consideradas mágicas e supersticiosas, essas práticas representam uma alternativa "médica" para a

preservação da saúde, que se encontra ameaçada pela ausência ou ineficiência das instituições oficiais (Foto 13).

De acordo com Folha de São Paulo de 10.05.91 comentando relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS) a urbanização é o maior obstáculo à saúde neste final de século. A pobreza é apontada como um dos motivos da afirmação:

"As consequências são devastadoras e não param apenas na proliferação, poluição do ar, aumento da violência e trânsito caótico. A migração para os centros urbanos geralmente provoca a quebra da família, o que torna um fator decisivo pra o crescimento do uso de drogas e de epidemias como a da AIDS" (pag.22).

O mesmo jornal, em 7.12.91, falava sobre a principal doença do fim do século: a depressão. Entre as causas a perda de pessoas queridas, de posição social ou de emprego ou acontecimentos desfavoráveis em geral. A igreja pentecostal parece atenta à doença do fim do século e promete, com destaque, a cura a quem se dedicar ao serviço do Senhor (Foto 14).

No dia 7.3.90, a mesma Folha de São Paulo trazia



FOTO 13 - Igreja Pentecostal Primitiva Casa de Oração.

Igreja oferece cura para várias doenças.

PAZ

SOCORRO ESPIRITUAL

ACONSELHAMENTO PASTORAL:

CASAS 4ª FEIRAS DAS
 PROBLEMAS FAMILIARES 18h AS 20h00 HS.
 DEPRESSÃO - ETC.

TRATAMENTO ESPECÍFICO:

TOXICÔMANOS, ALCOOLATRAS 2ª FEIRAS DAS
 HOMOSSEXUAIS, TABAGISTAS 18h00 AS 20h00 HS.
 E SUAS FAMILÍAS: 875-6005
 ATENDIMENTO GRATIS COM H. MEDICA 875-6739

ESPAÇO GOSPEL

451

FOTO 14 - Espaço Gospel da Igreja Evangélica Cristo é a Paz.

A depressão é destaque nesta igreja. O atendimento pode ser inclusive com hora marcada.

uma matéria em sua página C-3, cujo título era "Ministro dá reajuste e hospitais terminam locaute contra INAMPS". A matéria discorria sobre a greve dos hospitais conveniados ao INAMPS por considerarem baixa sua remuneração. A foto que ilustrava a matéria trazia um grupo de pessoas sem atendimento à porta do INAMPS. No muro do hospital a inscrição: "Jesus Cura" (Anexo I).

Religiosidade e saúde são elementos destacados nas preocupações e no universo simbólico das camadas populares. Cabe, pois desvelar como interferem na formação de sua concepção de mundo.

Dentre os elementos que compõem o universo simbólico da população pobre e que permitem analisar a relação entre saúde e pentecostalismo, destacam-se os dados referentes às condições sociais, entendidas pelos grupos entrevistados como caóticos, ininteligíveis e desordenadas, e aos rituais utilizados nas práticas religiosas de saúde.

Dois elementos são importantes para essa análise. O primeiro é a desordem social.

As observações feitas nos diversos grupos pentecostais demonstram que as manifestações religiosas e as práticas de saúde não podem ser compreendidas de modo isolado, mas no contexto maior, onde se travam relações

sociais e onde eles próprios buscam a sobrevivência. A doença, em muitos casos, possui relação direta com a ordem social da qual faz parte o fiel. Os conflitos e contradições sociais, materializados nos baixos salários, desemprego, falta de condições de saúde e alimentação, alto índice de violência, interferem na estrutura pessoal e rompem com a segurança existencial, provocando a desarmonia, a fragmentação da consciência e, como conseqüência, a doença.

No caso específico da Freguesia do O, a região da Brasilândia - que como vimos é uma das mais pobres de São Paulo - segundo a Delegacia de Homicídios, é também uma das mais violentas, concorrendo apenas com Capão Redondo e Cidade Ademar, outras áreas periféricas da cidade.

De acordo com pesquisa realizada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 29% das mulheres da Brasilândia sofrem distúrbios mentais. Os homens potencialmente doentes são 13,5%, o que torna a Brasilândia a campeã em doenças mentais, de acordo com a Folha de São Paulo de 28.08.90.

O Shopping News Freguesia em 15.03.92, afirmava que o bairro está entre os três primeiros com maior índice pessoas com AIDS na cidade de São Paulo.

Acima das condições sociais de existência, no

entanto, na ótica dos entrevistados são as forças do mal que atuam sobre o corpo humano e sobre a casa onde moram. Segundo eles, essas forças são as principais responsáveis pelas doenças que existem ou podem existir na família. A atitude de constante vigilância é condição necessária para se protegerem e impedirem que as mesmas se apossam de seus corpos ou de suas casas.

As forças do mal para os pentecostais, são experiências diretas e imediatas de algo feito a um indivíduo. Quase sempre consideramos o mal como alguma coisa externa. Raramente admitimos que o mal existe internamente em nós. A igreja pentecostal torna o mal paupável, localizável na própria pessoa e o exorcismo é o elemento para a expulsão desse mal que é a vida voltada contra si mesma.

A esse respeito RUSSEL (1991, p. 59) afirma:

"A doença foi considerada, algumas vezes, como uma visita divina para castigar o pecado, porém, mais amiúde, como obra dos demônios".

O pentecostal busca, em primeiro lugar, em caso de doença, o controle das formas do mal. Na verdade, a preservação ou recuperação da saúde constitui-se no anseio

maior. É esse anseio que se manifesta na criação e uso de rituais de controle das forças negativas.

O segundo elemento de análise são os rituais. O ritual exerce um poder simbólico de dominação e manipulação das forças do mal, isto é, relacionar-se com o mistério. Caracteriza-se pelo poder de entrar em contato com as forças supranaturais positivas, as únicas que podem se opor às supranaturais negativas. O universo e formas de rituais existentes são inúmeros. Aqui, registramos apenas algumas formas de manifestações presentes nos rituais de cura.

Acontece do pastor declarar que está sendo "revelado" através de Deus que alguma pessoa presente possui determinado problema (a igreja tem dias específicos para atendimento das várias doenças) que pode ser até a AIDS. Convida essa pessoa a se aproximar do púlpito. Se ninguém se apresentar ele voltará a insistir e, até onde pudemos observar sempre alguém se apresenta. Começam os cânticos e orações. Os cânticos tem um valor fundamental no ritual, eles convidam ora ao êxtase, ora à introspecção. O pastor invoca a Cristo para expulsar o demônio que provoca o mal e "libertar" o fiel. Para REICH (1986, p. 27),

"O significado cósmico de Cristo, que os homens lhe atribuíram, numa ótica mística, residia em uma expressão

verídica da vida, em sua completa coordenação do corpo e emoções, no imediatismo de seu contato com as coisas. Assim, ele se colocava além do campo visual do homem que, por sua couraça, se acha confinado num domínio estritamente "humano". É essa couraça que envolve o homem no mundo dos problemas estritamente humanos que o impede de chegar ao universo, de compreender a vida em volta dele (...). Encerrado assim, num estreito espaço, ele é obrigado a desenvolver sonhos e utopias que nunca entraram no domínio do possível".

O que se procura no ritual é romper a couraça e fazer a comunhão do fiel com esse Cristo que representa a libertação de seus problemas. A melhora pode ser instantânea, mas quase sempre é temporária. O processo precisa de continuidade. O fiel precisará voltar para participar novamente do ritual que lhe traz alívio e satisfação. Estabelece-se um círculo de dependência que por vezes se mostra cruel.

A Igreja Pentecostal Ministério Faz e Vida com filial na Freguesia do O, por exemplo, garante oração para

diversos males, mas o fiel tem que fazer a sua parte. Deve comprar 1, 2 ou 3 máquinas fotográficas para ajudar a igreja em sua obra missionária. Fica claro que se o fiel comprar as máquinas, o Senhor olhará com mais "carinho" para ele. A possibilidade de recusa da compra é seguida de uma ameaçadora visão de palitos que se queimam. Acima a inscrição: "as almas que partem deste mundo sem chance de salvação" (Anexos II e III).

A Igreja Universal do Reino de Deus distribui envelopes para que as pessoas coloquem sua contribuição e seu pedido de oração juntos ameaçando: "Aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam serão desmerecidos" e ainda "No pedido, o maior, na oferta o melhor; porque Deus ama ao que dá com alegria" (Anexo IV).

O pastor Walter da Igreja Formosa, contou com bastante desenvoltura o caso de uma senhora que tinha a coluna vertebral curvada quase em ângulo reto. Após o exorcismo (a senhora estava endemoniada) a mesma se curou. Só que o Senhor, em sua providência, colocou uma névoa nos olhos das pessoas e estas não puderam observar a maravilha. Nem parentes, nem amigos, nem mesmo a própria beneficiada. Segundo o pastor, ela estava realmente curada e saiu dando graças ao Senhor e gritando "Aleluia".

Ainda que o fiel pentecostal possa dialogar

diretamente com Cristo, o pastor é o canal preferencial por dispor de determinados dons, como a profecia, por exemplo. Weber se refere a esse poder como sendo uma força mágica, é o que Otto chama de numinoso e Durkheim de sagrado. Esse poder, essa força mágica⁸³ é chamada por Weber de carisma.

O carisma pessoal de acordo com WACH (1990) é uma qualidade especial extraordinária (no sentido de forado comum) de uma pessoa. Se essa qualidade é efetivamente real, não importa, o importante é a pessoa ser vista pelos demais como possuidora dessa qualidade irresistível que apela para as emoções.

Quando em grupo, essa emoção liberta-se em descarga.

"O acontecimento mais importante que se desenrola no interior da massa é a descarga. Antes disso, a massa em si não chega a existir realmente; é através da descarga que ela se integra de verdade. a descarga é o momento no qual todos os que pertencem a ela se despojam de suas diferenças e se sentem iguais (...). Dentro desta densidade, como

83- A respeito da utilização da magia como forma de cura pela Igreja, ver Keith Thomas, "Religião e o Declínio da Magia", 1991.

praticamente não existe espaço entre as pessoas, os corpos se pressionam uns contra os outros, e cada um fica tão próximo do outro como de si mesmo. O alívio que isto provoca é impressionante. É em função deste momento feliz, no qual ninguém é mais, ninguém é melhor do que os outros, que os homens se transformam em massa" (CANETTI, 1983, p. 14).

A descarga que traz o alívio, restitui a esperança de seres humanos que têm sua vida anulada e suas esperanças frustradas. A expressão de relaxamento entre o grupo que participa de um ritual de cura ou exorcismo é evidente e, como afirma Reich:

"a expressão do corpo é incapaz de mentira" (idem, p. 26).

Em uma sociedade que nega saúde a sua população, os pentecostais construíram uma pedagogia de saúde que, para preservação de seu imaginário enquanto seres sociais é "eficiente" e indispensável. Não é por menos que o maior templo pentecostal no Brasil, a Igreja Deus é Amor na Baixada do Glicério em São Paulo, intitula-se o "pronto socorro do Senhor" e situa-se ao lado da agência central do

INAMPS.

CONSIDERAÇÕES
FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pretendemos resgatar o papel da Geografia enquanto ciência social, temos que encarar o espaço geográfico como um espaço socialmente produzido através do processo global de trabalho que envolve toda a sociedade, destacando neste processo:

1º que o espaço geográfico é a expressão material das relações sociais de produção, materialidade esta que reflete o jogo de forças da sociedade, que pode ser detectado a partir da análise de suas formas;

2º que o espaço geográfico/social é produzido a partir das relações entre a sociedade e a natureza, intermediadas pelo processo de trabalho social que é determinado pelas próprias relações sociais.

Desta forma, o espaço, produção social, é uma das condições materiais para a continuidade das relações sociais. A sociedade é produto e condição para a produção, estando portanto relacionado ao início e à finalização do processo global de reprodução do capital.

Mas, enquanto estrutura material, o espaço também pode ser um entrave à continuidade do processo de produção e da acumulação do capital, razão de ser da sociedade

capitalista industrial moderna, uma vez que as possibilidades de renovação das suas estruturas apresentam-se mais lentas que a velocidade de circulação do capital, de mercadorias e da força de trabalho e da velocidade dos processos sociais. Assim, à medida que a sociedade evolui, certas materialidades permanecem abandonadas restando-lhes o papel de testemunhos de outros tempos, de outras relações sociais e de outras divisões técnicas e sociais.

O espaço possui elementos que devem ser considerados em separado.

"Os elementos do espaço seriam os seguintes: os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio econômico e as infra-estruturas" (SANTOS, 1985, p. 6).

A Geografia, mais do que descrever as relações espaciais, procura interpretá-las. Para essa interpretação deve analisar também o imaginário que influencia a organização do espaço. Ele se relaciona com a sociedade, com o trabalho e as formas de organização de produção, conforme MORAES E COSTA (1984).

Considerando o espaço como uma totalidade, a síntese das relações sociais, procuramos relacionar o

pentecostalismo como um dos elementos que compõem o real.

Tentamos um estudo interdisciplinar. A Geografia oferece essa possibilidade.

"(..) o homem não é apenas uma máquina, ele raciocina, delibera, toma posições de apoio e resistência a mudanças, fazendo representações mentais, o que faz com que haja também influência psicológica e conseqüentemente, grande intercâmbio, relação íntima entre a Geografia e a Psicologia" (ANDRADE, 1987, p.16).

Ao pensarmos o pentecostalismo como um fenômeno de interesse para Geografia, procuramos inseri-lo num amplo quadro da totalidade social. Um dos aspectos considerados foi a questão econômica.

O cenário econômico que se desenhou na década de 80, denominado pelos economistas como a "década perdida", foi especialmente propícia à propagação do pentecostalismo.

A política econômica adotada no período privilegiou a geração de vultosos saldos na balança comercial para honrar os pagamentos da dívida externa. Para

tanto, valeu-se da imposição de recessão nos setores de produção voltados para o mercado interno, com conseqüente queda do nível de emprego e poder de compra dos salários reais.

O setor público, asfixiado financeiramente, reduziu a um terço a magnitude dos investimentos, relativamente ao efetivado na década de 70.

Esse quadro levou o país a uma crise que ultrapassa dia após dia, os limites mais pessimistas. A recessão, importuna presença há mais de uma década, trouxe o empobrecimento generalizado, agravando ainda mais as já aviltantes condições de vida da classe trabalhadora.

Resistir a essa lógica que, para controlar a inflação e levar o país à modernidade, destrói a economia, agrava os desequilíbrios sociais e regionais, acaba com a esperança de seu povo e mata sua gente - é condição para a conquista da cidadania política, social e econômica.

O quadro geral da economia brasileira favorece o surgimento de igrejas pentecostais, uma vez que as populações empobrecidas ou ameaçadas de empobrecimento, ignoradas pelo poder público, tendem a ser um meio social propício para o desenvolvimento desse tipo de religiosidade.

A vida dos brasileiros está povoada de medos: desde o assalto à mão armada até a insegurança quanto ao próprio futuro e dos filhos. Neste caso principalmente quando a média de idade para o ingresso no crime organizado e no consumo de drogas é cada vez mais baixa. Nesse particular, a matriz religiosa contribui efetivamente, já que recheia a visão de mundo popular com o mau-olhado, a praga, a mandinga e tantos outros instrumentos usados para interferirem, negativamente, uns na vida dos outros.

O chamado "desenvolvimento" com seu aparato tecnológico, começa a amedrontar um número cada vez maior de analfabetos e semialfabetizados, definitivamente afastados do uso e dos benefícios dessa maquinaria que passa a comandar suas vidas. Além disso, é crescente a desconfiança nos poderes constituídos e seus valores de nacionalidade, que, uma vez desgastados, produzem a orfandade civil e cidadã.

A perda gradativa de um referencial de valores morais e éticos, cada vez mais obscuros no contexto de um processo compulsório de liberalização dos costumes, gera insegurança e abala sensivelmente as relações familiares. Este problema afeta principalmente os mais pobres que acorrem ao pentecostalismo.

O exorcismo aí, seria um autêntico "dar nomes aos

bois". Seria a resposta a problemas desde desemprego até crianças nascidas com lesões irreversíveis. O grande inimigo e causador dos males passa a ter um nome, com a vantagem adicional de que agora se dispõe de um poder maior para enfretá-lo.

A classe média também tem procurado exorcisar os seus demônios. A lista de livros mais vendidos demonstra a preocupação da sociedade com formas messiânicas de salvação individual. Livros de magia que se propõem a "ensinar" alquimia, interpretação de tarô e mapa astral.

Consultórios de terapia explodem junto à classe média, quase que na mesma proporção das igrejas pentecostais junto aos pobres⁸⁴ que atendem, inclusive, de acordo com calendário próprio (Anexo V).

A história na periferia segregada, marcada pela violência e opressão, dá ao pentecostalismo um lugar fundamental na dinâmica social e política. Por um lado, permite aos grupos dominantes garantir seu poder, racionalizando-o e atribuindo a ordem social à "vontade divina". Por outro, fornece aos desprivilegiados uma promessa de salvação e de libertação do sofrimento.

84- Sobre o "boom" das clínicas de terapia, consultar a "Folha de São Paulo", do dia 6.8.89, pag. 23 (Folha D').

Mas o pentecostalismo também oferece uma possibilidade de acesso direto a Deus. Essa perspectiva individual do pentecostalismo - a religião como algo capaz de resolver os problemas de cada um - só pode, contudo, se manifestar porque a mesma crença é compartilhada por muitas pessoas. O pentecostalismo enquanto "comunidade" reproduz o modelo de família: há laços de solidariedade interna, afeto e ajuda recíproca que permitem enfrentar as dificuldades do mundo externo, onde as relações são impessoais e tudo parece hostil.

Através da poupança compulsória, ou seja, pela captação de novos valores pela via da conversão (geralmente com forte cunho emocional), torna-se possível redirecionar os recursos financeiros, mesmo escassos, mormente quando tal redirecionamento representa uma forma eloqüente de testemunho de conversão.

Nesses casos a prosperidade não só acontece como se faz notória. A interdição dos hábitos e costumes culturais mais mundanos - principalmente aqueles ligados ao lazer e à sexualidade - produz um tipo de poupança que, uma vez investida na qualidade de vida material, transforma concretamente a situação das pessoas.

Intelectuais, autoridades eclesiásticas e agentes pastorais cada dia ficam mais estupefatos diante da

conversão de lideranças e militantes de movimento sociais às agremiações religiosas do pentecostalismo. Mais surpreendente ainda é a mudança que se verifica na vida dos convertidos que inclui a restauração de relações familiares e comunitárias desgastadas, o repúdio à violência e uma conduta, segundo padrões sociais, aceitável.

Assim, como "uma mancha de óleo"⁸⁵, o pentecostalismo ocupa o espaço deixado ao abandono pelo poder público.

A segurança psicológica também se dá pela familiaridade com que o fiel constrói sua rede de lugares que vão configurar o seu espaço. As igrejas que frequenta, as casas onde vai fazer as orações, os festivais de música, os programas de rádio, são elementos que permeiam o seu cotidiano e lhe dão referência de vida.

No mundo de desigualdades que caça o direito de participação dos pobres, confinando-os em regiões segregadas, impera a ausência de justiça, ignorando-se reivindicações, direitos. Perde-se a própria noção de valor e cidadania. Sobrevive o mais forte, ou aquele que consegue adaptar-se às novas exigências. Sobrevive como produto da decadência da justiça social. O recurso sistemático à violência, à simulação, à mentira, são características do

85- Expressão usada por Milton Santos quando da banca de qualificação do presente trabalho.

descaso do poder público na sociedade de hoje.

Enquanto as "criaturas" acreditam estar ameaçadas em suas vidas, sem poder contar com nenhuma proteção, o pentecostalismo oferece uma promessa de proteção divina para os males.

Insatisfação, vazio, desencanto, são sinônimos de vulnerabilidade, fragilidade emocional. E essa vulnerabilidade é terreno fértil para a sedução da igreja pentecostal, que pode vir como sedução do sagrado que arranca da repugnante monotonia da realidade e propõe um fascinante show, um contato direto e pleno de prazer com a Providência, uma aventura interior, uma viagem que, ainda que por caminhos desviados, faz tocar, apalpar o fundo da própria identidade em busca de uma cidadania ainda que avessa.

Assim como a sociedade condicionou e circunscreveu o prazer sexual a determinadas áreas do corpo, interditando outras para melhor aproveitamento produtivo do trabalho, a cidade também circunscreve e separa suas áreas privilegiadas. Na periferia, o pentecostalismo é a alternativa de prazer, lazer e consumo, substituindo a mídia como divulgadora de modos de vida.

Substitui também o Estado em seu dever de proporcionar saúde pública à sua população.

A prática da cura consagra as igrejas pentecostais como espaços de solidariedade e acolhimento sem a necessidade de formação de comunidade; aliás, inclinação distante das pessoas adaptadas ao ritmo dos centros urbanos de médio e grande portes. Os proscritos encontram seu espaço de reorganização da personalidade e do restabelecimento de uma escala de valores. Os anseios messiânicos são atendidos, temperados com a liberdade quase total das expressões emotivas individuais e coletivas, criando um senso de fraternidade e dignidade singulares. Isto garante que essas igrejas vivam ainda por muitos anos um processo de franca expansão.

A prosperidade aparente funciona como um chamariz e atende aos anseios de ascensão. A liberdade de expressão religiosa, o êxtase franqueado a todos, a encenação de uma luta "espiritual" em curso, o autoritarismo das lideranças secundados pela "iluminação divina" veicula a segurança desejada, ao mesmo tempo em que sacia a vontade de poder de uma população alijada historicamente da participação política.

O potencial político das multidões que atendem ao

apelo do pentecostalismo já foi testado, mas somente no futuro poderá ser aferido, posto que o fenômeno do pentecostalismo nas proporções atuais tem menos de uma década. TEM-se notícias de favorecimentos de candidaturas através de um discurso religioso de cunho intimidativo e outros expedientes similares. Fala-se ainda de candidatos representativos do ideário e das reivindicações corporativas do pentecostalismo.

Pode-se afirmar que a capacidade de crer no invisível é estimulada e corroborada quando se consegue uma inversão da realidade palpável. Estabelece-se uma outra "realidade", povoada de forças espirituais em conflito permanente, que acaba por ir ao encontro da mentalidade religiosa vigente.

Além disso, é também inegável que entre o visível e o factual existem milhões de seres humanos necessitados que através dessa inversão alcançam algum benefício, mas que podem servir como massa de manobra dos projetos de dominação.

No movimento pentecostal, se por um determinado momento histórico, os EUA contribuíram para a instalação das igrejas, hoje, a dinâmica criada faz com que elas tenham sua própria autonomia. Não é mais necessário vencer o comunismo ou os padres progressistas. Trata-se de buscar

consolidação de um espaço que já produziu sua própria elite que funciona como gestora avançada do poder nos bairros periféricos conduzindo seu rebanho de fiéis à mansidão e à submissão, na contra-mão da verdadeira cidadania.

Mas a sociedade é dialética. Acenando com a idéia de que o privilégio cedo ou tarde deve desencadear a vingança dos deuses, o moralismo religioso pode ser a base de justificação para condutas transformadoras.

Por enquanto, o pentecostal vive seu espaço particular e como afirma SOUZA (1988):

"... a cidade e o campo constituem em espaço de vida para todos. E cada qual dele se apropria e nele se assenta de modo particular: o motoqueiro, o "hippie", a dona de casa, o tecnocrata, o ministro, os governantes, o "punk". Cada um vivência o espaço de uma maneira"(p 64-65).

A maneira pentecostal apenas reflete a segregação de sua cidadania.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor et alii. "Teoria da cultura de massa", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2ª ed., 1978.

ALVES, Rubem Azevedo. "Filosofia da Ciência", São Paulo, Ed. Brasiliense, 13ª ed., 1990.

--- "O enigma da religião", Campinas, São Paulo, Ed. Papyrus, 4ª ed. 1988.

--- "O que é religião" (col. Primeiros Passos), São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.

--- "Protestantismo e repressão", São Paulo, Ed. Atica, 1982.

ANDRADE, Manuel Correia (org.). "Elisée Reclus - textos selecionados", in "Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 49", São Paulo, Atica, 1985.

--- "Geografia - Ciência da sociedade - uma introdução à análise do pensamento geográfico", São Paulo, Ed. Atlas, 1987.

--- "Geopolítica do Brasil", São Paulo, Ed. Atica, 1989.

--- "Poder Político e Produção do Espaço", Recife, Pernambuco, Fundação Joaquim

Nabuco, 1984.

ARENDR, Hannah. "A condição humana", Rio de Janeiro, Ed. Forense, 1987.

ARON, Raymond. "18 lições sobre a sociedade industrial", São Paulo, Ed. Martins Fontes-UNB, 1981.

ASSMANN, Hugo. "A Igreja eletrônica e seu impacto na América Latina", Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

AUGÉ, Marc. "A construção do mundo - religião, representações, ideologia", Lisboa, Portugal, Ed. 70, 1978.

BAKER, Elsworth F. "O labirinto humano", São Paulo, Ed. Summus, 1980.

BARROS, Souza. "Messianismo e violência de massas no Brasil", Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1986.

BAUDRILLARD, Jean. "A sociedade de consumo", Lisboa, Portugal, Ed. 70, 1981.

BAUDRILLARD, Jean. "Da Sedução", Campinas, São Paulo, Ed. Papirus, 1991.

--- "Da sedução", Campinas, São Paulo, Ed. Papirus, 1991.

--- "Entrevistas do Le Monde - Idéias Contemporâneas", São Paulo, Ed. Atica, 1989.

--- "Para uma crítica da economia política do signo", São Paulo, Ed. Martins Fontes, s/d.

BENITEZ, Fernando. "Los demonios en el convento - Sexo e religión en la nueva España", México, Era, 4ª ed., 1989.

BERGER, Peter L. "A construção social da realidade", Petrópolis, Rio de Janeiro, 1973.

--- "O Dossel sagrado - elementos para uma teoria sociológica da religião", São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.

BERMAN, Marshall. "Tudo que é sólido desmancha no ar", São Paulo, Cia. das Letras., 1986.

BERNARDO, João. "Capital, Sindicatos,

- Gestores", São Paulo, Ed. Vértice, 1987.
- "Marx, crítico de Marx", Vol. III, Porto, Portugal, Ed. Afrontamento, 1977.
- "O inimigo oculto", Porto, Portugal, Ed. Afrontamento, 1979.
- BLAY, Eva Alterman. "Eu não tenho onde morar - Vilas operárias na cidade de São Paulo", São Paulo, Ed. Nobel, 1985.
- BOISSET, Louis. "A teologia em processo face à crítica marxista", Lisboa, Portugal, Ed. Arcádia, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. "O poder simbólico", Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1989.
- "Economia das trocas simbólicas", São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987.
- BRAGA, Júlio (org.). "Religião e Cidadania", Salvador, Bahia, Empresa Gráfica da Bahia, 1990.
- BRANDAO, Carlos Rodrigues. "O festim dos bruxos - estudos sobre a religião no Brasil", Campinas, São Paulo, Ed. Icone-Unicamp, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "Os deuses do povo - um estudo sobre a religião popular", São Paulo, Ed. Brasiliense, 2ª ed., 1986.

BRANT, Vinícius Caldeira (org.). "São Paulo - Trabalhar e viver", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989.

BURKE, Peter. "A cultura popular na idade moderna", São Paulo, Cia. das Letras, 1989.

CAMARGO, Cândido Procópio. "Católicos, Protestantes e Espíritas", Petrópolis, Ed. Vozes, 1973.

CAMPANARIO, Milton de Abreu. "O mercado de terras e a exclusão social na Cidade de São Paulo", in: "Terra de Habitação x Terra de Espoliação", São Paulo, Ed. Cortez, 1984.

CANETTI, Elias. "Massa e poder", São Paulo, Ed. Melhoramentos, Brasília, Ed. da UNB, 1983.

CANTONI, Remo. "A vida cotidiana", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1980.

CASSIRER, Ernest. "O Mito do Estado", Lisboa, Portugal, Ed. Europa - América, 1961.

--- "Antropología filosófica", México, Fondo de Cultura Económica, 13ª ed., 1989.

--- "Linguagem e mito", São Paulo, Ed. Perspectiva, 2ª ed., 1985.

CASTELLS, Manuel. "A Questão Urbana". Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1983.

--- "La ciudad y las masas", Madrid, Espanha, Alianza Universidad Ed., 1986.

CASTORIADIS, Cornélius. "As encruzilhadas do Labirinto - os domínios do homem", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2 vol., 1987.

CAVA, Ralf Della e MONTERO, Paula. "... E o verbo se fez imagem", Petrópolis, Ed. Vozes, 1991.

CHATELET, François (org.). "Historia de las ideologías", Madrid, Espanha, Ed. Akal,

1989.

CHAUI, Marilena. "Conformismo e resistência - aspectos da cultura popular no Brasil", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.

--- "Laços do desejo", in "O desejo", São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

CLAVAL, Paul. "A nova Geografia", Coimbra, Portugal, Livraria Almedina, 1982.

--- "Espaço e poder", Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

--- "Evolución de la Geografía humana", Barcelona, Espanha, Ed. Oikos-Tau, s/d.

CLÉVENOT, Michel. "Enfoques materialistas da Bíblia", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1979.

COELHO, Lígia Martha C. da Costa, "Sobre o conceito de cidadania: uma crítica a Marshall, uma atitude antropofágica", in "Revista Tempo Brasileiro nº100", Rio de Janeiro, 1990.

CORREA, Roberto Lobato. "O espaço urbano", São Paulo, Ed. Atica, 1989.

COSTA, Bolivar. "O drama da classe média", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1974.

COSTA, Jurandir Freire. "Psicanálise e Moral", São Paulo, Educ, 1989.

COUVRE, Maria de Lourdes. "O que é cidadania", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1991.

--- (org.). "A cidadania que não temos", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.

D'EPINAY, Christian. "O refúgio das massas - estudo sociológico do protestantismo chileno", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1970.

DA MATTA, Roberto. "A casa e a rua - espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil", Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987.

--- "O que faz o Brasil, Brasil?", Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1986.

DAHRENDORF, Ralf. "O conflito social moderno", Rio de Janeiro, Jorge Zahar e EDUSP, 1991.

DEFFONTAINES, Pierre. "Géographie et

religions", Paris, França, Ed. Gallimar,
2ª ed., 1948.

DELLUMEAU, Jean. "A confissão e o perdão", São
Paulo, Ed. Cia. das Letras, 1991.

DESROCHE, Henry. "O marxismo e as religiões",
Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1968.

DONINI, Ambrogio. "Breve história das
religiões", Rio de Janeiro, Ed.
Civilização Brasileira, 1965.

DONNE, Marcella Delle. "Teorias sobre a
cidade", São Paulo, Ed. Martins Fontes,
1979.

DORFLES, Gillo. "Novos ritos, novos mitos",
São Paulo, Ed. Martins Fontes, s/d.

DUNSTAN, J. Leslie. "Protestantismo", Rio de
Janeiro, Zahar Editores, 1964.

DURKHEIM, émile. "As formas Elementares da
Vida Religiosa", São Paulo, Ed.
Paulinas, 1990.

- ECO, Umberto. "Apocalípticos e integrados",
São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987.
- "Como se faz uma tese", São Paulo, Ed.
Perspectiva, 1986.
- "Viagem na irrealidade cotidiana", Rio de
Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1984.
- ELIADE, Mircea. "Imagens e símbolos", São
Paulo, Ed. Martins Fontes, 1991.
- "Mito e Realidade", São Paulo,
Perspectiva, 1972.
- "O sagrado e o profano - a essência das
religiões", Lisboa, Portugal, Ed. Livros
do Brasil, s/d.
- ELLUL, Jacques. "A palavra humilhada", São
Paulo, Ed. Paulinas, 1984.
- "A técnica e o desafio do século", Rio de
Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1968.
- "Apocalipse - arquitetura em movimento",
São Paulo, Ed. Paulinas, 1979.
- ENGELS, F. "Para a questão da habitação",
Lisboa, Portugal, Edições Progresso,
1983.
- "A situação da classe trabalhadora na
Inglaterra". São Paulo, Ed. Global,

1985.

ERIBON, Didier. "Foucault - Uma biografia",
São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

ESTEVAH, Carlos. "Freud - Vida e Obra", Rio de
Janeiro, Ed. Paz e Terra, 18ª ed., 1985.

FARRET, Ricard L. "Paradigmas da estruturação
do espaço residencial intra-urbano". In
Farret, Ricardo L. (org.), "O espaço da
cidade - contribuição à análise urbana".
São Paulo, Ed. Projeto, 1985.

FELDMAN, Sarah. "As segregações espaciais da
prostituição feminina em São Paulo", in
"Espaço de Debates nº 28", Revista de
Estudos Regionais e Urbanos, São Paulo,
Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos,
1989.

FERRARÁ, Lucrecia D'Aléssio. "Ver a cidade -
cidade, imagem e leitura", São Paulo,
Ed. Nobel, 1988.

FEUERBACH, Ludwig. "A essência do
cristianismo", Campinas, São Paulo, Ed.

Papirus, 1988

FOUCAULT, Michel. "Arqueologia do Saber", Rio de Janeiro, Ed. Forense, 3ª ed., 1987.

--- "Microfísica do Poder", Rio de Janeiro, Ed. Graal, 6ª ed., 1986.

--- "Vigiar e punir", Petrópolis Rio de Janeiro, Vozes, 5ª ed., 1987.

FREUD, Sigmund. "Obras Psicológicas", antologia organizada por GAY, Peter. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

FREUD, Julien. "Sociologia de Max Weber", São Paulo, Ed. Forense, 1977.

FROMM, Erich. "Psicanálise e religião", Rio de Janeiro, Ed. Livros Ibero-Americano, 1966.

FRUGOLI JR., Heitor. "Os Shoppings de São Paulo e a Trama do Urbano: um olhar antropológico", in: "Shoppings Centers: Espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras, São Paulo, Ed. UNESP, 1992.

FRY, Peter. "Duas respostas à aflição: Umbanda e Pentecostalismo", in: Revista de Debate e Crítica nº 6, São Paulo, Ed. Hucitec, 1975.

--- "Para ingles ver", Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

GASSET, José Ortega y. "A rebelião das massas", São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1987.

GAY, Peter. "Freud - Uma vida para o nosso tempo", São Paulo, Cia. das Letras, 1989.

GUATTARI, Félix. "Espaço e poder: a criação de territórios na cidade", in "Espaço e Debates - Revista de Estudos Regionais e Urbanos nº 16", São Paulo, Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, 1985.

HARVEY, David. "A justiça social e a cidade", São Paulo, Hucitec, 1980.

HELLER, Agnes. "La revolución de la vida cotidiana", Barcelona, Espanha, Ed. Península, 1982.

HICK, John. "Filosofia da Religião", Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.

HIRSCHMAN, Albert O. "De consumidor a cidadão - atividades privadas e participação na vida pública", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.

--- "A retórica da intransigência", São Paulo, Cia. das Letras, 1992.

HOBBS, Thomas. "Do cidadão", São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1992.

JACOBI, Pedro. "Políticas públicas e alternativas de inovação da gestão municipal: o complexo caso da cidade de São Paulo", in: "São Paulo em perspectiva", São Paulo, Revista da Fundação SEADE, vol. 5, nº 2, 1991.

JAGUARIBE, Hélio et alii. "Brasil: Reforma ou caos", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 3ª ed., 1989.

JOUVENEL, Bertrand. "As origens do Estado moderno - uma história das idéias

políticas no século XX", Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1978.

JUNG, C.G. "Psicologia e Religião", Petrópolis, Rio de Janeiro, 1987.

--- (org.). "O homem e seus símbolos", Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 6ª ed., 1987.

KEPEL, Giles. "A Revanche de Deus - cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo", São Paulo, Ed. Siciliano, 1992.

KOSIK, Karel. "Dialética do Concreto", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1976,

KOWARICK, Lúcio, et alii. "Cidade - usos e abusos", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1978.

--- "A espoliação urbana", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2ª ed., 1979.

--- "Espaço urbano e espaço político: do Populismo à redemocratização". In: Kowarick, Lúcio (org.). "As lutas sociais e a cidade", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. "A crise do Século XX", São Paulo, Ed. Atica, 1988.

LACOSTE, Yves. "A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra", Campinas, São Paulo, Ed. Papirus, 1988.

--- "Églises et Géopolitique", in: "Hérodote: revue de Géographie et Géopolitique", nº 56, 1990.

LANTERNALI, Vittorio. "As religiões dos oprimidos - um estudo dos modernos cultos messiânicos", São Paulo, Ed. Perspectiva, 1974.

LAPLANCHE, J. e FONTALIS, J.B. "Vocabulário da Psicanálise", São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1986.

LASCH, Christopher. "A cultura do narcisismo - a vida americana numa era de esperanças em declínio", Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1983.

--- "O mínimo eu", São Paulo, Ed. Brasiliense, 2ª ed., 1969.

--- "Refúgio num mundo sem coração", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1991.

LEFEBRE, Henri. "O pensamento marxista e a cidade", Póvoa do Varzim, Portugal, Ed. Ulisséia, 1972.

--- "A vida cotidiana no mundo moderno", São Paulo, Ed. Atica, 1991.

--- "Espacio y Política", Barcelona, Espanha, Edições Península, 1976.

--- "O direito à cidade", São Paulo, Ed. Documentos Ltda, 1969.

--- "Introdução à modernidade", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1969.

--- "La presencia y la ausencia - contribucion a la teoria de las representaciones", México, Fondo de Cultura Económica, 1983.

--- "O direito à cidade", São Paulo, Ed. Moraes, 1991.

LIMA, Delcio Monteiro. "Os demônios descem do norte", Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1987.

LIMA, Delcyr de Souza. "O pentecoste e o dom de línguas", Rio de Janeiro, Ed. Livros do Pastor, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. "O império do efêmero - a moda e seu destino nas sociedades modernas", São Paulo, Cia. das Letras, 1989.

LOJKINE, Jean. "O Estado capitalista e a questão urbana", São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1981.

MABBOTT, "O Estado e o cidadão - uma introdução à filosofia política", Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968.

MACEDO, Carmem Cinira. "A imagem do Eterno", São Paulo, Ed. Moderna, 1979.

MACHADO, Mônica Sampaio. "A territorialidade pentecostal: Um estudo de caso em Niterói", Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

MACRAE, Donald G. "As idéias de Weber", São Paulo, Ed. Cultrix, 1985.

MADURO, Otto. "Religião e luta de classes", Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes,

1983.

MARCONDES FILHO, Ciro, "O discurso sufocado",
São Paulo, Ed. Loyola, 1982.

--- "Quem manipula quem?", Petrópolis, Rio de
Janeiro, Ed. Vozes, 1986.

MARIANO, Ricardo e PIERUCCI, Antonio Flávio.
"O envolvimento dos pentecostais na
eleição de Collor", in: "Novos Estudos
CEBRAP", nº 34, nov. 1992.

MARICATO, Erminia (org.). "A produção
capitalista da casa (e da Cidade) no
Brasil industrial", São Paulo, Ed. Alfa-
Omega, 2ª ed., 1982

MARSHALL, T.H. "Cidadania, classe social e
status", Rio de Janeiro, Zahar editores,
1967.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. "Sobre a
religião", Lisboa, Portugal, Ed. 70, 2ª
Ed., 1976.

--- "Manuscritos Econômicos e Filosóficos",
Lisboa, Portugal, Ed. 70, 1989.

--- "O Capital", Livro I, vol. 1, Rio de

Janeiro, Ed. Difel, 1987.

MEGALE, Januário Francisco. "Max Sorre - textos selecionados", in "Coleção Grandes Cientistas Sociais vol. 46", São Paulo, Ed. Atica, 1984.

MELO, Hygina Bruzzi de Melo. "A cultura do simulacro", Rio de Janeiro, Ed. Loiola, 1988.

MESSADIÉ, Gerald. "A crise do mito Americano", São Paulo, Ed. Atica, 1989.

MÉSZAROS, István. "Marx - a teoria da alienação", Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1981.

MEYER, Regina Maria Prosperi. "Segregação Espacial", in "A luta pelo espaço urbano", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1979.

MEZAN, Renato. "Freud - Pensador da Cultura", São Paulo, Ed. Brasiliense, 5ª ed., 1990.

MICKLEM, Nathaniel. "La religion", México, Fondo de Cultura Económica", 3ª, ed. 1985.

MORAES, Antonio Carlos Robert e COSTA, Wanderley Messias. "Geografia Crítica - A valorização do espaço", São Paulo, Ed. Hucitec, 1984.

MUSZKAT, Malvina. "Consciência e identidade", São Paulo, Ed. Atica, 1986.

NIDELCOFF, Maria Teresa. "A escola e a compreensão da realidade", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.

O'DEA, Thomas F. "Sociologia da Religião", São Paulo, Ed. Pioneira, 1969.

OLIVEIRA, Pedro A. de Ribeiro de. "Religião e dominação de classe", Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1985.

OTTO, Rudolf. "O sagrado", Lisboa, Portugal, Edições 70, 1992.

PEIXOTO, Fernando (org.) "Documento secreto da

política Regan para a América Latina",
Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1981.

PERUZZO, Dilvo. "Habitação - Controle e
Espolição". São Paulo, Ed. Cortez,
1984.

PESCH, Edgar. "Para conhecer o pensamento de
Freud", Porto Alegre, Ed. LPM, 1983.

PORTELLI, Hugues. "Gramsci e a questão
religiosa", São Paulo, Ed. Paulinas,
1984.

POULANTZAS, Nicos. "A Crise do Estado",
Lisboa, Portugal, Ed. Moraes, 1978.

PRETECEILLE, Edmond et alii. "Ségrégation
Urbaine - classes sociales et
equipements collectifs en région
parisienne", Paris, França, Ed.
Antropos, 1986.

QUIRINO, Célia Galvão e MONTES, Maria Lúcia.
"Constituições Brasileiras e cidadania",
São Paulo, Ed. Atica, 1987.

REICH, Wilhelm. "A função do orgasmo", São Paulo, Ed. Brasiliense, 9ª ed., 1983.

--- "O Assassinato de Cristo", São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1986.

--- "Psicologia de massas do fascismo", São Paulo, Ed. Brasiliense, 2ª ed., 1985.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. "Magia e capitalismo - um estudo antropológico da publicidade", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.

ROLIM, Francisco Catarxo. "O que é pentecostalismo", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.

--- "Pentecostais no Brasil - uma interpretação socio-religiosa", Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1985.

--- "Religiões e Classes Populares", Petrópolis, Vozes, 1981.

ROLNIK, Raquel (org.). "São Paulo: Crise e Mudança", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990.

--- "O que é cidade" (Col. Primeiros passos),

- São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.
- RUSSEL, Bertrand. "Religião y ciencia", Cidade do México, México, 1991.
- RUSSEL, Jeffrey Burton. "O diabo - as percepções do mal da Antiguidade ao Cristianismo Primitivo", Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1991.
- RYCROFT, Charles. "As idéias de Reich", São Paulo, Ed. Cultrix, s/d.
- SACHS, Viola. "Brasil e EUA: Religião e identidade nacional", Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1988.
- SADER, Eder. "Quando novos personagens entram em cena", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988.
- SANTOS, Milton e SOUZA, Maria Adélia (orgs.). "O espaço interdisciplinar", São Paulo, Ed. Nobel, 1986.
- SANTOS, Milton e SOUZA, Maria Adélia (orgs.). "A construção do espaço", São Paulo, Ed.

Nobel, 1986.

- SANTOS, Milton. "A metrópole: modernização, involução e segmentação", in: VALADARES, Lícia e PRETECEILLE, Edmond (orgs.) "Reestruturação Urbana: tendências e desafios", São Paulo, Ed. Nobel, 1990.
- "Espaço e método", São Paulo, Ed. Nobel, 1985.
- "Espaço e Sociedade", Petrópolis, Rio de Janeiro, 2ª ed., 1982.
- "Manual de Geografia Urbana", São Paulo, Hucitec, 1981.
- "Metamorfoses do espaço habitado", São Paulo, Hucitec, 1988.
- "Modernidade, Meio técnico-científico e urbanização no Brasil", cópia xerox do artigo preparado para o "*International Symposium on Latino American Urbanization*", s/d.
- "O espaço dividido - os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos", Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1979.
- "O espaço do cidadão", São Paulo, Ed. Nobel, 1987.

--- "O meio técnico científico e a urbanização no Brasil", in "Espaço e Debates - Revista de Estudos Regionais e Urbanos nº 25", São Paulo, NERU, 1988.

--- "Por uma Geografia Nova", São Paulo, Hucitec-Edusp, 1978.

--- "Pobreza Urbana", São Paulo, Ed.Hucitec, 2ª ed., 1979.

SENNET, Richard. "La autoridad", Madrid, Espanha, Alianza Editorial, 1982.

--- "Narcisismo y cultura moderna", Barcelona, Espanha, Ed. Kairós, 1980.

--- "O declínio do homem público - as tiranias da intimidade", São Paulo, Ed. Cia. das Letras, 1988.

SERRA, José. "Círculos e mudanças estruturais na economia brasileira do pós-guerra", in: BELLUZZO, Luiz Gonzaga e COUTINHO, Renata, "Desenvolvimento Capitalista no Brasil", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.

SIBONY, Daniel. "Sedução, o amor inconsciente", São Paulo, Ed.

Brasiliense, 1991.

SILVA, L.A. Machado da (org.). "Solo urbano -
tópicos sobre o uso da terra"(coleção
Debates Urbanos), Rio de Janeiro, Zahar
Editores, 1982.

SILVEIRA, Nise da. "Jung - Vida e Obra", Rio
de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 10ª ed.,
1981.

SINGER, Paul. "Desenvolvimento econômico e
evolução urbana", São Paulo, Ed.
Nacional, 2ª ed., 1977.

--- "Economia política da urbanização", São
Paulo, Ed. Brasiliense, 7ª ed., 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. "História da burguesia
brasileira", 4ª ed., Petrópolis, Rio de
Janeiro, Ed. Vozes, 1983.

SORRE, Max. "Geographie des activités
religieuses", in: "Rythmes du Monde",
Tomo III, nº 2, 1955.

SOTO, Hernando de. "Economia subterrânea - uma
análise da realidade peruana", Rio de

- Janeiro, Ed. Globo, 1987.
- SOUZA, Amaury de (org.). "Qualidade de vida urbana" (col. Debates Urbanos), Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1984.
- SOUZA, Beatriz Munis de. "A experiência da salvação - pentecostais em São Paulo, São Paulo, Ed. Livraria Duas Cidades, 1969.
- SOUZA, Maria Adélia de. "Governo Urbano", São Paulo, Ed. Nobel, 1988.
- SOUZA, Paulo Renato. "Quem paga a conta? Dívida, Déficit e Inflação nos anos 80, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989.
- SPOSATI, Aldaíza. "Vida urbana e gestão da pobreza", São Paulo, Ed. Cortez, 1988.
- SUPLICY, Eduino Matarazzo. "Da distribuição da renda e dos direitos à cidadania", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.
- SWINGWOOD, Alan. "O mito da cultura de massa", Rio de Janeiro, Ed.

Interciência, 1978.

SZAMOSI, Géza. "Tempo e espaço - as dimensões gêmeas", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

TAWNEY, R.H., "A religião e o surgimento do capitalismo", São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.

THOMAS, Keith. "Religião e o declínio da magia", São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

TOURAINÉ, Alain. "Palavra e Sangue", Campinas, São Paulo, Ed. Unicamp, 1989.

TROELTSCH, E. "El protestantismo y el mundo moderno", México, Fondo de Cultura Económica, 4ª ed., 1983.

TUAN, Yi-Fu. "Espaço e Lugar", São Paulo, Difel, 1983.

--- "Topofilia", São Paulo, Difel, 1980.

VAINFAS, Ronaldo. "Trópico dos pecados - moral, sexualidade e inquisição no

Brasil", Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1989.

VALLADARES, Lícia do Prado (org.). "Habitação em questão", Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

VELHO, Otávio Guilherme (org.). "O Fenômeno urbano", Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987.

VILLAÇA, Flávio. "O que todo cidadão deve saber sobre habitação", São Paulo, Ed. Global, 1986.

VOVELLE, Michel. "Ideologia e mentalidade", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.

WACH, Joachin. "Sociologia da Religião", São Paulo, Ed. Paulinas, 1990.

WAGNER, Peter C. "Por que crescem os pentecostais?", Ed. Vida, 1987.

WANDERLEY, Luiz Eduardo (org.). "Movimento popular, política e religião", São Paulo, Ed. Loyola, 1985.

WASSON, R. Gordon et alii, "La búsqueda de Perséfone - Los enteógenos y los orígenes de la religión", México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

WEBER, Max. "A ética protestante e o espírito do capitalismo", São Paulo, Ed. Pioneira, 5ª ed., 1987.

--- "Economia y Sociedad", México, Ed. Fondo de Cultura, 1984.

WELLAUSEI, Araré. "Consumismo - Origen em cada um de nós", Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Ed. Tchê, 1988.

WENISCH, Bernhard. "Satanismo - Missas negras, crença nos demônios, culto das bruxas", Petrópolis, Rio de Janeiro, 1992.

WILLEMS, Emílio. "El protestantismo y los cambios culturales en Brasil y Chile", Barcelona, Espanha, Ed. Herder, 1967.

WILLIAMS, Raymond. "Cultura", Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1992.

ZALBA, Alba. "Os homens de Deus - Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular", Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

DICIONARIOS CONSULTADOS

"Ciências Sociais" da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1986.

"Pensamento Marxista", por Tom Bottomore (org.), Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1988.

"Filosofia", por Nicola Abbagnano (coord.), São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1982.

"Política", por Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino, Brasília, Ed. UNB, 1986.

"Religiones", México, Fondo de Cultura, 1960.

"Psicanálise", por J. Laplanche e B.-B. Pontalis, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1986.

"Análise Junguiana", por Andrew Samuels, Bani Shorter e Fred Plaut, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1988.

PERIODICOS CONSULTADOS

- Jornal "Folha de São Paulo", São Paulo.
- Jornal "O Estado de São Paulo", São Paulo.
- Jornal "O São Paulo", São Paulo.
- "Jornal do Brasil", Rio de Janeiro.
- Anuário Estatístico do Estado de São Paulo (1990), Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados.
- Indicadores do Instituto de Economia de São Paulo, nº 9, Outubro de 1992.
- Jornal "A Gazeta", São Paulo.
- Jornal "Aconteceu", Rio de Janeiro.
- Jornal "Contexto Pastoral", Rio de Janeiro.
- Jornal "Diário Popular", São Paulo.
- Jornal "O Globo", Rio de Janeiro.
- Jornal "Shopping Freguesia", São Paulo.
- Pesquisa Dieese, nº 5, Setembro de 1992.
- Revista "Altercom".
- Revista "Isto é", São Paulo.
- Revista "Tempo e Presença".
- Revista "Veja", São Paulo.

ESPECIAIS

- DOSSIE SEITAS, Relatório organizado pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação", sobre o Pentecostalismo. O relatório não está publicado.

- Documento nº 3 do Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae - CEPIS, contendo o documento "Santa Fé II".

- "Bíblia", Ed. Bíblica do Brasil (orientação evangélica).

- "A Bíblia de Jerusalém", Ed. Paulinas (orientação ecumênica).

- "Bíblia Sagrada - Edição Pastoral", Ed. Paulinas (orientação da Teologia da Libertação).

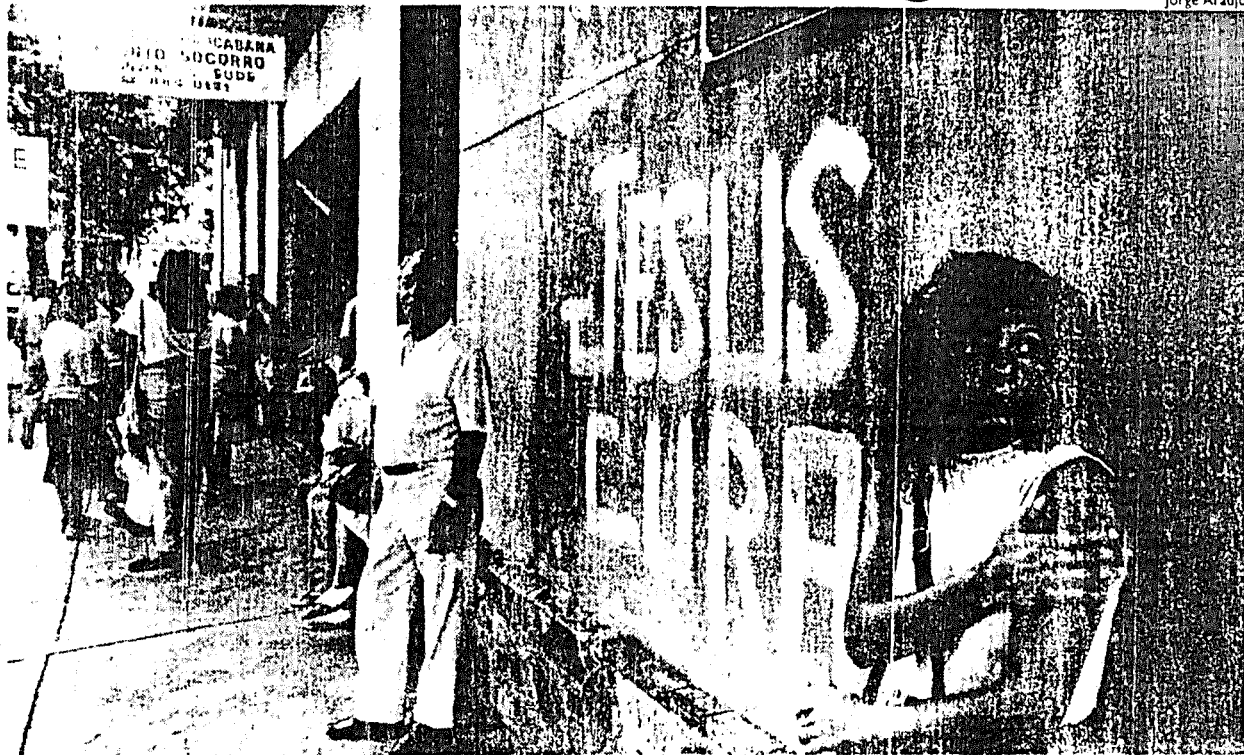
ANEXOS

ANEXO I: Pichação evangélica no muro do Inamps.

FOLHA DE

Desnutrição atinge 5 mil

Jorge Araujo



Segurados do Inamps à porta do Hospital Sorocabano, na Lapa, onde ontem não havia atendimento

Ministro dá reajuste e hospitais terminam locaute contra Inamps

Da Sucursal de Brasília

O ministro da Previdência e Assistência Social, Jáder Barbosa, assinou ontem duas portarias autorizando reajustes nos serviços hospitalares e consultas para hospitais e médicos conveniados do

ção Médica Brasileira (AMB), Antonio Celso Nassif, o valor "é suficiente" para que a categoria se desmobilize e aguarde novos acordos no governo Collor. O presidente da Federação Brasileira de Hospitais, Carlos Eduardo

de 60 para 28 dias o prazo de repasse do valor das consultas aos médicos.

Os hospitais particulares que mantêm convênio com o Inamps tiveram um reajuste 30% superior ao IPC de fevereiro em todas as

ANEXO II: Panfleto para arrecadação de donativos da Igreja Ministério Paz e Vida.

PEDIDO DE ORAÇÃO

Pedi e realizai, para que o vosso gozo se cumpra.
b.16.24

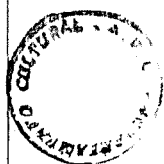
_____ assinatura

P.S.: quero orar pessoalmente por você, sua saúde e seus problemas. Todos os Domingos, às 19:00 hs, faço uma grande reunião na Av. Rio Branco, 511 - Centro de S. Paulo. O Milagre não é um requisito essencial à Fé, mas a Fé sempre se faz acompanhar de milagres.
Compareça

PORTE PAGO
ECT DR/SP
ISR. 40 2782/84



Atenção: não tirar a letra oração!



IMPRESSO



Este número exato foi fornecido por estatísticas, tendo como referência somente os atestados de óbitos feitos nos cartórios brasileiros.

No Nordeste e nas regiões mais carentes, milhares de pessoas morrem e são sepultadas sem o conhecimento de cartórios, o que torna este número muito maior.

Mas, pior que a morte física e a morte espiritual. Pelo menos 90% deste total de brasileiros partiram deste mundo sem a mínima chance de salvação.

Estão mortos, para sempre.

Nos não podemos ficar indiferentes a tudo isto: temos que fazer de tudo para levar

a Palavra de Deus, antes que mais brasileiros morram.

E são 2 por minuto...

Deus não tem prazer algum que as suas criaturas tenham um fim tão trágico. Por isso, Ele levantou um Ministério no Brasil, que fala a linguagem dos brasileiros:

E o Ministério Paz e Vida.

Você precisa fazer parte deste ministério. Pelo bem de cada brasileiro, nosso irmão

Mas, URGENTE.

Porque o relógio não para e os minutos estão passando...



ANEXO III: Panfleto para arrecadação de donativos da Igreja Ministério Paz e Vida

Não há tempo a perder! Você tem que pensar e agir como se estas vidas fossem do seu pai, da sua mãe, dos seus filhos...

Hoje, apenas 10 por cento da população segue a Cristo de verdade. E os outros 90 por cento? Excetuando-se as crianças, são mais de 80 milhões de brasileiros na mais completa cegueira espiritual, seguindo a ídolos e "guias" cegos. Jesus disse que, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no buraco.

E o Brasil está assim, à beira do precipício...

Estamos fazendo tudo ao nosso alcance para levarmos a Palavra de Deus a todo o Brasil e, apesar de nossos dois programas diários na Rádio Mulher de São Paulo e do trabalho incansável de todos esses anos, simplesmente não estamos satisfeitos. Porque tudo isto é muito pouco diante da grande necessidade espiritual de nosso País e da urgência da obra de Deus.

O futuro espiritual do BRASIL depende somente de nós, brasileiros cristãos. Porque nós estamos aqui, vivendo o dia-a-dia e os problemas da nossa gente.

Nós, do Ministério Paz e Vida, sabemos o que o Brasil está precisando ouvir para se converter e só existe uma maneira de falarmos a tanta gente ao mesmo tempo: a televisão. Nenhum outro veículo de comunicação possibilita tal milagre com tanta rapidez. E o tempo é o nosso maior inimigo...

Só para você ter uma idéia, quando você terminar de ler esta carta, mais quatro brasileiros terão partido deste mundo sem a certeza da salvação. E eu e você temos muito a ver com isto.

No desespero de criarmos verbas para o trabalho de Deus, saímos com um roteiro do nosso futuro programa de televisão e fomos, em nome do Senhor, buscar patrocínio e verbas. Mas não é fácil conseguir patrocínio de algo que ainda não está no ar. Mesmo assim, a Diretoria da Sonora - que é uma grande empresa de fotoacabamento - mostrou uma surpreendente boa vontade para conosco.

Foi quando imaginamos que, se cada cristão verdadeiro que

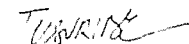
conhecemos pedisse uma máquina fotográfica Love e a Sonora desse o Dizimo para a Paz e Vida, nos conseguiríamos criar a verba necessária para iniciarmos nosso programa na T.V.

Deus tocou de uma tal maneira no coração daquela Diretoria, que eles concordaram imediatamente em dar o Dizimo para a Paz e Vida. Foi um grande milagre de Deus! Agora, nós estamos orando para Deus completar o milagre e tocar também no seu coração!

Não sabemos se você já tem uma máquina fotográfica mas, mesmo que já tenha, não deixe passar esta oportunidade de nos ajudar: peça uma Love e presenteie uma pessoa amiga. Agora, se você ainda não tem máquina fotográfica e apesar que fotografar é muito difícil, você vai ficar surpreso de ver como a Love é simples e fácil usar, porque ela já vem com filme colorido de 20 poses dentro, pronta para fotografar. Você só precisa apertar um botão para fazer lindas fotos coloridas de seus familiares.

O nosso objetivo não é vender máquina fotográfica para você e, sim, gerar recursos inexistentes para a obra do Senhor. Esta foi uma porta que Deus abriu e nos estamos muito gratos por isto. Queremos agradecer também a você. Por favor, ajude-nos! Ao enviar o Pedido de Oração abaixo, ind que quantas máquinas Love você deseja receber. Destaque o pedido e envie para a Paz e Vida - Av. Rio Branco, 511 - CEP 01205 - São Paulo - Capital. Lembre-se: o que ajuda o Pregador, receberá galardão de Pregador.

Seu amigo e Pastor



Juanribe Pagliarin

Pedir uma Máquina Fotográfica LOVE da Sonora é a maneira mais compensadora de você ajudar a PAZ e VIDA a ter um programa na TV.

- Você pede a máquina com todo conforto, na sua casa e economiza tempo e dinheiro.
- NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. Você só paga quando a máquina estiver nas suas mãos.
- Você pode pagar em 3 vezes, sem acréscimo. Ou à vista, se preferir.
- A Sonora ainda vai doar o Dizimo da Love para ajudar a Paz e Vida a ter um programa na T.V.
- Para receber a sua Love pelo reembolso postal e ajudar a Paz e Vida, você só precisa preencher este pedido e enviar para : Av. Rio Branco, 511 - CEP 01205 - São Paulo - SP.

A LOVE, com filme colorido de 20 poses dentro e flash custa apenas Cr\$ 18.950,00

O Sistema Love de Fotografia funciona assim: Quando você termina de bater as 20 fotos, a Love trava sozinha. At você coloca a máquina dentro de um Envelope Especial que a acompanha e entrega no Correio ou nas Lojas Sonora. Em poucos dias, você recebe as suas fotos reveladas e, com elas, uma nova Love, com filme colorido dentro, sem custo adicional.



Destaque aqui no picote e envie para a PAZ E VIDA

Tenho uma linda lembrança surpresa para enviar a você em gratidão ao seu apoio. Quanto que você vai gostar!



Prezado Juanribe:

- Entendi que, se eu pedir uma máquina fotográfica Love, a Sonora vai doar o Dizimo para ajudar a Paz e Vida a ter um programa na TV. Conte com o meu apoio sincero a este ministério brasileiro e peça para a Sonora me enviar:
- (marque com um X a quantidade desejada) Máquina(s) fotográfica(s) Love, já carregada com filme colorido de 20 poses dentro e flash mágico, por apenas Cr\$ 18.950,00 cada mais Cr\$ 2.000,00 de desp. de remessa.
- Quanto ao pagamento prefiro: 3 vezes sem acréscimo à vista, ao receber a Love

- Peço suas orações em favor dos problemas e enfermidades que estou contando no verso deste formulário. Creio no poder da Fé e da oração em nome de Jesus. Quero receber, também, minha lembrança-surpresa. Obrigado.

Nome _____

Endereço _____

CEP _____ Bairro _____

Cidade _____ Est. _____

Data de Nasc. _____

assinatura



MINISTÉRIO PAZ E VIDA
Av. Rio Branco, 511 - CEP 01205 - São Paulo - SP

Por favor: desejando fazer um donativo, envie um cheque nominal à PAZ E VIDA ou envie Vale Postal do Correio para o endereço acima. Ou, se preferir, envie uma Ordem de Pagamento para:



Banco Itaú
Agência 383 - Conta 9719-3



Agência 136 - Conta 47123-2

ANEXO IV: Envelope para arrecadação de donativo da Igreja Universal do Reino de Deus.

Igreja Universal do Reino de Deus

Monta um altar, e os tesouros de tua casa se encherão fartamente os teus celeiros."

Provérbios 3.9-10

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

ESTOU CONTRIBUINDO COM NCz\$ _____ PARA:

- DÍZIMO
- FOGUEIRA SANTA
- OFERTA ESPECIAL
- ALUGUEL
- RÁDIO/TELEVISÃO
- AÇÃO SOCIAL

OBS.: COLOQUE JUNTO COM A OFERTA, O SEU PEDIDO DE ORAÇÃO.

Jesus
IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS
 Rua Capitão Pacheco Chaves N.º 901
 CEP 03413 - Vila Prudente - São Paulo
 IR C. E. C. DIARIAMENTE
 8:00, 10:00, 18:00, 20:00
 "Aos que me honram, honrarei, porém, os que me desprezam serão desprezados." 1 Sm 2:30
 ESPERA POR VOCE

No pedido, o maior, na oferta o melhor; porque Deus ama ao que dá com alegria.

ANEXO V: Calendário de atendimento da Igreja

O Brasil Para Cristo

**UMA NOVA VIDA VAI
NASCER EM VOCÊ!**

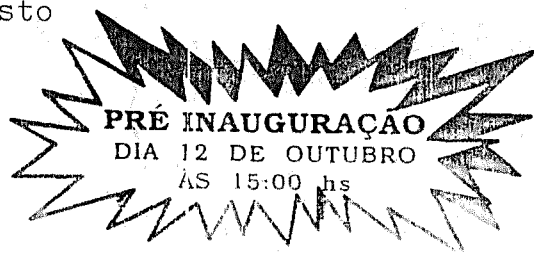
**Escolha o dia para
receber a bênção e
libertação.**

*A glória desta última casa
será maior do que
a da primeira.*

*Diz o senhor dos
exércitos,
e neste lugar
darei a paz.*



AGEU 2 v. 9.



PRÉ INAUGURAÇÃO
DIA 12 DE OUTUBRO
AS 15:00 hs



Traga a sua família, não importa sua religião, você é nosso convidado.

**O Senhor Jesus vai curar, dar solução,
libertar, transformar, reconciliar,
perdoar e salvar.**

SUA VIDA VAI MUDAR.

Rua Morato de Oliveira nº 323 - Jd. Cachoeira
Altura do nº 3.222 da Av. Inajar de Souza
(em frente ao Hospital Cachoeirinha)

TODOS OS DIAS

SEGUNDA

Vitória no Trabalho

Neste dia nós oramos pelos desempregados e por aqueles que estão em dificuldades financeiras.

TERÇA

A Chave para o sucesso na vida

Neste dia dedicamos as nossas orações para você aprender a forma correta de orar.

QUARTA

Libertação em Cristo

Neste dia nós dedicamos orações a todos aqueles que estão perturbados, amarrados por feitiçaria, inveja, depressão e suicídio. E viciados em drogas e Alcoolatras.

QUINTA

Oração pela saúde

Neste dia nos preparamos para a bênção da saúde. Jesus disse: tudo é possível para aquele que crer.

Reuniões de Curas Divina e Libertação

10:00 hs 15:00 hs 19:00 hs

SEXTA

*Conhecereis a verdade
e a verdade vos libertará*

Neste dia novamente voltamos a dedicar as nossas orações para aqueles que ouvem vozes, veem vultos dominado por bruxaria, feitiçaria.

SÁBADO

Vitória para a família

Neste dia oramos pela família, pelo casamento, e todos os problemas familiares.

DOMINGO

ENCONTRO COM DEUS

O dia do Senhor

Neste dia do Senhor nos reunimos para adorar a Deus pela semana que terminou, pelas bênçãos e pelo 1º dia da semana.

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.

